WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
INSTITUTO LUXEMBURGO
A AVENTURA QUE NASCEU COM POMPA E TERMINOU COM PROCESSOS, DÍVIDAS E ALUNOS LESADOS
MALDIÇÃO DO SARRIÁ
O FIASCO DOS CRAQUES DE 82 QUE TENTARAM SER TÉCNICOS
VASCO
AO LADO DE JUNINHO, FELIPE GARANTE: OS BONS TEMPOS VOLTARAM!
O CÉREBRO DO
TIMÃO
ALEX CHEGA PARA SER O CRAQUE QUE FALTAVA AO CORINTHIANS
★ A RELAÇÃO DE AMOR E ÓDIO COM TITE
★ AS SEMELHANÇAS COM O ÍDOLO NETO
★ LIBERTADORES: ELE SABE O CAMINHO
+
SE LIGA, MANO!
OS VILÕES E OS MOCINHOS DO VEXAME DA COPA AMÉRICA
UM CARA SÉRIO
JOEL SANTANA: O HOMEM POR TRÁS DO FOLCLORE
SMS: PLACAR PARA: 22745
ED 1357 • AGOSTO 2011 • R$ 10,00
ISSN 01041762
01357
9 770104 176000
Abril
NIKEFUTEBOL.COM

Cada minuto que você ganha aqui
oBoticário
A vida é bonita, mas pode ser linda.
O Boticário
MEN
O Boticário
MEN
MEN

SÉRGIO XAVIER FILHO / DIRETOR DE REDAÇÃO

Luxa e o instituto

Vanderlei Luxemburgo é um personagem complexo do futebol brasileiro. É admirado pelos títulos e pelos times que montou. Costuma ser execrado pelo jeito de ser. A confiança que tem no próprio taco se confunde com soberba. Não há meio-termo com ele. Brilhante ou picareta. Assim ele é tratado. Ou é o técnico genial que montou os incríveis Palmeiras de 1993/94 e 1996, o Corinthians de 1998/99, o Cruzeiro de 2003 e o Santos de 2004 ou é o "professor" suspeito que carrega numerosas equipes por onde passa, que atua em todas as áreas do clube, que interfere em contratações. Ninguém é pentacampeão nacional por acaso. O tratamento que recebe nem sempre é o mesmo que outros recebem. Por sua personalidade forte, Luxa toma bordoadas aqui e acolá. Não necessariamente justas. Nos últimos tempos, apanhou bastante em função do Instituto Wanderley (com "w" e "y" mesmo) Luxemburgo. Uma história digna de rebaixamento para a segunda divisão no mundo dos negócios.

Luxemburgo e a irmã Leocádia: duas histórias distintas – uma divertida, outra nem tanto

Estava na hora de contar melhor esse caso. Resolvemos ir atrás e chamamos o repórter Guilherme Costa para apurá-la. O que aconteceu com o IWL? Qual a responsabilidade do técnico no fracasso de uma instituição que deveria formar profissionais do esporte nesses tempos de Copa e Olimpíada no Brasil? Vanderlei Luxemburgo não é herói nem vilão, apenas um personagem que merece ter suas histórias bem contadas.

Tem mais na PLACAR. Tem reportagens divertidas como a das galinhas e outros bichos do Corinthians. Sim, é sério. Quer dizer, é sério, mas é engraçado. Tem a ver com o mesmo Luxemburgo, ou melhor, com sua irmã Leocádia. Mas essa é uma história complicada, que merece ser lida na página 50...

Fundador: VICTOR CIVITA (1907-1990)

Editor: Roberto Civita
Presidente Executivo: Jairo Mendes Leal

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Elda Müller, Giancarlo Civita, Jairo Mendes Leal, José Roberto Guzzo, Victor Civita
Diretor de Assinaturas: Fernando Costa
Diretor Digital: Manoel Lemos
Diretor Financeiro e Administrativo: Fábio d'Avila Carvalho
Diretora Geral de Publicidade: Thaís Chede Soares
Diretor Geral de Publicidade Adjunto: Rogerio Gabriel Comprido
Diretora de Recursos Humanos: Paula Traldi
Diretor de Serviços Editoriais: Alfredo Ogawa

Diretora Superintendente: Claudia Giudice
Diretor de Núcleo: Marcos Emílio Gomes

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho
Redator-chefe: Maurício Barros **Diretor de Arte:** Rodrigo Maroja **Editor de Arte:** Rogerio Andrade **Designer:** L.E. Ratto **Editores:** Jonas Oliveira e Felipe Zylbersztajn **Repórter:** Breiller Pires **Revisão:** Renato Bacci **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Sandra Hadich **CTI:** Eduardo Blanco (supervisor), Aldo Teixeira, Andre Luiz, Dorival Coelho, Marisa Tomas, Cristina Negreiros, Fernando Batista, Leandro Alves, Luciano Custódio, Marcelo Tavares, Marcos Medeiros, Mario Vianna e Rogério da Veiga **Colaboraram nesta edição:** Marcos Sergio Silva (editor de texto) Alexandre Battibugli (editor de fotografia), Renato Pizzutto (fotógrafo), Heber Alvares e Gabriela Oliveira (designer)
www.placar.com.br

SERVIÇOS EDITORIAIS: Apoio Editorial: Carlos Grassetti (Arte), Luiz Iria (Infografia) **Dedoc e Abril Press:** Grace de Souza **Pesquisa e Inteligência de Mercado:** Andrea Costa **Treinamento Editorial:** Edward Pimenta

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcia Soter, Mariane Ortiz, Robson Monte **Executivos de Negócios:** Ana Paula Teixeira, Ana Paula Viegas, Caio Souza, Camila Folhas, Camilla Dell, Carla Andrade, Cidinha Castro, Claudia Galdino, Cleide Gomes, Cristiano Persona, Daniela Serafim, Eliane Pinho, Emiliano Hansenn, Fabio Santos, Jary Guimarães, Karine Thomaz, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcio Bezerra, Marcus Vinicius, Maria Lucia Strotbek, Nilo Bastos, Regina Maurano, Renata Miolli, Rodrigo Toledo, Selma Costa, Susana Vieira, Tati Mendes **PUBLICIDADE DIGITAL: Diretor:** André Almeida **Gerente:** Virginia Any **Gerente de Estratégia Comercial:** Alexandra Mendonça **Executivos de Negócios:** André Bortolai, André Machado, Caio Moreira, Camila Barcellos, Carolina Lopes, Cinthia Curty, David Padula, Elaine Collaço, Fabíola Granja, Flavia Kannebley, Gabriel Souto, Guilherme Bruno de Luca, Guilherme Oliveira, Herbert Fernandes, Juliana Vicedomini, Laura Assis, Luciana Menezes, Rafael de Camargo Moreira, Renata Carvalho, Renata Simões **PUBLICIDADE REGIONAL: Diretores:** Marcos Peregrina Gomez, Paulo Renato Simões **Gerentes:** Andrea Veiga, Cristiano Rygaard, Edson Melo, Francisco Barbeiro Neto, Ivan Rizental, João Paulo Pizarro, Paulo Renato Simões, Ricardo Mariani, Sonia Paula, Vania Passolongo **Executivos de Negócios:** Adriano Freire, Ailze Cunha, Beatriz Ottino, Caroline Platilha, Celia Pyramo, Clea Chies, Daniel Empinotti, Henri Marques, Ítalo Raimundo, José Castilho, José Rocha, Josi Lopes, Juliana Erthal, Leda Costa, Luciene Lima, Pamela Berri Manica, Paola Dornelles, Ricardo Menin, Rodrigo Scolaro, Samara Sampaio de O. Reijnders **PUBLICIDADE - NÚCLEO MOTOR ESPORTES: Diretora:** Eliani Prado *Segmentos Dedicados* **Gerente:** Ana Paula Moreno **Executivos de Negócios:** Adriana Pinesi, Alexandre Neto, Catia Valese, Fabiana Mendes, Patricia Cherri, Paula Perez, Regiane Ferraz, Tatiana Castro Pinho *Segmento Casa* **Gerente:** Marília Hindi **Executivas de Negócios:** Camila Roder, Juliana Sales, Lucia Lopes, Marta Veloso, Pricilla Cordoba *Segmento Automotivo e Esportes:* Marcia Marini **Executivos de Negócios:** Maurício Ortiz, Rodolfo Tamer *Segmento Moda:* Nanci Garcia **Executivas de Negócios:** Fernanda Melo, Michele Brito, Vanda Fernandes *Segmento Turismo:* Solange Custodio **Executiva de Negócios:** Zizi Mendonça **DESENVOLVIMENTO COMERCIAL: Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **INTEGRAÇÃO COMERCIAL Diretora:** Sandra Sampaio **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretora de Marketing:** Simone Sousa **Gerente de Marketing:** Tiago Afonso **Gerente de Núcleo:** Cinthia Obrecht **Gerente de Publicação:** Arthur Ortega **Analista de Publicações:** Carina Castro, Felipe Santana e Lissa Arakaki **Gerente de Eventos:** Evandro Abreu **Analista de Eventos:** Adriana Silva dos Santos **Gerente de Projetos Especiais:** Gabriela Yamaguchi **Gerente de Circulação Avulsas:** Mauricio Paiva **Gerente de Circulação Assinaturas:** Juarez Ferreira **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor:** André Vasconcelos **Gerente:** Victor Zockun **Consultor:** Tales Bombicini **Processos:** Igor Assan, Douglas Costa e Renato Rosante **ASSINATURAS: Atendimento ao Cliente:** Clayton Dick **RECURSOS HUMANOS: Consultora:** Paula Traldi

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 7º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 **Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no Exterior:** www.publiabril.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Alfa, Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura & Construção, Aventuras na História, Boa Forma, Bons Fluidos, Bravo!, Capricho, Casa Claudia, Claudia, Contigo!, Delícias da Calu, Dicas Info, Publicações Disney, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Gloss, Guia do Estudante, Guias Quatro Rodas, Info, Lola, Loveteen, Manequim, Máxima, Men's Health, Minha Casa, Minha Novela, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Quatro Rodas, Recreio, Revista A, Runner's World, Saúde, Sou Mais Eu!, Superinteressante, Tititi, Veja, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vida Simples, Vip, Viva! Mais, Você RH, Você S/A, Women's Health **Fundação Victor Civita:** Gestão Escolar, Nova Escola

PLACAR nº 1357 (ISSN 0104.1762), ano 41, agosto de 2011, é uma publicação mensal da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca + despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-775-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita
Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Arnaldo Tibyriçá, Douglas Duran, Marcio Ogliara
www.abril.com.br

Abril

EDIÇÃO 1357

AGOSTO 2011

DESTAQUES

SEMPRE NA PLACAR

CAPA ALEX © FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI **CAPA FELIPE** © FOTO DARYAN DORNELLES **CAPA JOEL** © FOTO EUGÊNIO SÁVIO
CAPA DAMIÃO © FOTO EDISON VARA AGRADECIMENTO: PAULO RICARDO THOMAZ/SIMÃO MOTOS (VESPA 1961)
©1 FOTO VIPCOMM ©2 FOTO EDISON VARA ©3 FOTO RENATO PIZZUTTO ©4 FOTO DARYAN DORNELLES ©5 FOTO DANIEL KFOURI ©6 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

VOZ DA GALERA

META O PAU, ELOGIE, FAÇA O QUE QUISER. MAS ESCREVA...

Todo mundo ficou louco! Neymar no trono, Milton Neves falando que ele será um dos três maiores de todos os tempos... Menos!

Daniel Moser Queiroz, *Brasília (DF)*

Guia Copa América

Parabéns pelo ótimo *Guia da Copa América* na edição de julho. Até acesso às cidades-sedes e ingressos disponíveis foram divulgados.

Sergio Nicolette, *sergionicolette@hotmail.com*

Melhor time do mundo

PLACAR mais uma vez mostra que não é uma revista séria: incluir o Flamengo numa relação de times como o melhor esquadrão de todos os tempos (julho, pág. 85) é piada. Onde ficaram o Boca Juniors de Maradona, o Manchester de Cantona, o Benfica de Eusébio e o Milan de Van Basten?

Ademir Gonçalves, *ademir.sg@hotmail.com*

Na coluna "número de jogadores campeões do mundo", o Santos tem 7 pontos. Segue a relação certa por Copa: Mauro Ramos, Zito, Pelé e Pepe (1958); Gilmar, Mauro Ramos, Zito, Mengálvio, Pelé, Coutinho e Pepe (1962); Carlos Alberto, Joel Camargo, Clodoaldo, Edu e Pelé (1970). Total: 16 pontos, e não 7!

Mauro Daniel, *mauro.daniel@globo.com*

Ah, Maurão, aí você está de sacanagem. Repetir jogadores e incluir a turma de 70 do Santos é brincadeira!

Racismo

Eu fico indignado quando os colorados falam que os gremistas são racistas e os colorados são os "coitadinhos". Lembro-me bem de que há uns quatro anos, numa final de campeonato municipal em Três Passos, um colorado chamou o jogador do time adversário (que por acaso era Grêmio) de macaco. A questão é cultural. Minha região é colonizada por europeus, mas, de qualquer jeito, racismo é inaceitável. Sou gremista, não racista.

Pedro H. Manske, *pedrohmanske@hotmail.com*

Sou colorado e negro. Racismo existe nas duas torcidas.

Rogério Edu, *rogerio_eduardo@ibest.com.br*

Moro em Santa Catarina e um amigo meu, colorado, me explicou que o termo macaco se deve a uma torcida organizada chamada Massa Cachaceira Colorada, ou seja, "Ma-ca-co". Por isso eles cantam o apelido nos estádios.

Marcelo P. da Silva, *bauducco2005@gmail.com*

Olha o Twitter

@matheuschneider *ler é bom, ler @placar no troninho é maravilhoso*
@Fellipe_Rdrgs *Muito boa a matéria do "Rei" Neymar na revista @placar deste mês.*
@wallacegraciano *@placar Bem legal a nova diagramação da revista.*
@jpmallmann *recebi minha @placar de julho agora... gostei desse novo layout da revista, mais uma vez estão todos de parabéns.*
@caioantonioli *Lendo a revista @placar realmente isso vicia! HAHA'*
@nopiquedabola *E a capa da @placar deste mês? Linda demais! E a nova diagramação está bem bacana.*
@caroltelesmp *A @placar está espetacular! Não fosse pelos trabalhos de amanhã leria toda agora.*
@simsblack *Vou terminar de ler a @placar desse mês logo, falando quase tudo sobre Copa América, kk :**

FALE COM A GENTE

Na internet www.placar.com.br **Atendimento ao leitor / Por carta:** Avenida das Nações Unidas, 7221, 7º andar, CEP 05425-902, São Paulo (SP) **/ Por e-mail:** placar.abril@atleitor.com.br **/ Por fax:** (11) 3037-5597.

As cartas podem ser editadas por razões de espaço ou clareza. Não publicamos cartas, faxes ou e-mails enviados sem identificação do leitor (nome completo, endereço ou telefone para contato). Não atendemos a pedidos de envio de pesquisas particulares sobre história do futebol, de camisas de clubes ou outros brindes. Não fornecemos telefones nem endereços pessoais de jogadores. Não publicamos fotos enviadas por leitores. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca acrescido das despesas de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **Licenciamento de conteúdo:** Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens das publicações da revista PLACAR em livros, jornais, revistas e sites, acesse www.conteudoexpresso.com.br ou ligue para (11) 3089-8853. **Trabalhe conosco:** www.abril.com.br/trabalheconosco

O Inter de 2006: faltou pouco para a dobradinha

Por que times brasileiros que ganham a Libertadores nunca vencem o Campeonato Brasileiro do mesmo ano? Quem chegou mais perto do feito? E qual campeão da Libertadores teve a pior campanha?

Thiago Roberto Mioto, *Ariquemes (RO)*

De fato, título da Libertadores costuma ser sinônimo de um Brasileirão bem modesto, Thiago. Quem chegou mais próximo de vencer as duas competições no mesmo ano foi o Internacional, em 2006. Depois de derrotar o São Paulo na final da Libertadores, os colorados levaram o troco no Brasileiro e ficaram com o vice-campeonato. Porém, se levarmos em conta os títulos da Taça Brasil, reconhecidos recentemente pela CBF, pode-se considerar que o Santos conseguiu essa façanha em 1962 e 1963. A pior campanha de um campeão de Libertadores foi a do Cruzeiro em 1997. Após a conquista da Libertadores, o técnico Paulo Autuori deixou o clube. Sob o comando de Nelsinho Baptista, que tinha a missão de preparar a equipe para o Mundial de Clubes, o time quase foi rebaixado no Brasileirão, terminando o torneio em 20º.

CAMPEÕES DA LIBERTADORES

ANO	CAMPEÃO	POSIÇÃO NO BRASILEIRO
1962	SANTOS	1º*
1963	SANTOS	1º*
1976	CRUZEIRO	19º
1981	FLAMENGO	6º
1983	GRÊMIO	14º
1992	SÃO PAULO	6º
1993	SÃO PAULO	4º
1995	GRÊMIO	15º
1997	CRUZEIRO	20º
1998	VASCO	10º
1999	PALMEIRAS	10º
2005	SÃO PAULO	11º
2006	INTERNACIONAL	2º
2010	INTERNACIONAL	7º

*TAÇA BRASIL

Assistindo ao jogo São Paulo x Botafogo, eu vi que o juiz caiu e me perguntei: alguma vez um juiz caiu, se machucou e teve que ser substituído?

Flavia S. e Silva, *faujornalismo@yahoo.com.br*

Já aconteceu sim, Flavia. Essa, aliás, é uma das funções do quarto árbitro: atuar como substituto do juiz ou dos auxiliares em alguma eventualidade. Cabe aos organizadores de cada competição determinar no regulamento se o árbitro que não pode seguir na partida deve ser substituído pelo quarto árbitro ou pelo bandeira mais experiente – nesse caso, o quarto árbitro faz as vezes de auxiliar. Recentemente, tivemos um exemplo de substituição de árbitro devido a contusão no futebol brasileiro. Foi no dia 24 de junho de 2009, na partida entre Cruzeiro e Grêmio pela semifinal da Libertadores, no Mineirão. Aos 27 minutos do segundo tempo, o árbitro chileno Enrique Osses sofreu um estiramento na panturrilha direita. Após 5 minutos de interrupção da partida, Osses foi substituído pelo compatriota Jorge Osório. E, o que é pior, teve que ficar um mês afastado dos gramados.

Enrique Osses: contusão à la Romário

© 1 FOTO RENATO PIZZUTTO © 2 FOTO EUGÊNIO SÁVIO

Apresenta

ANIMAÇÃO NO

O Brasileirão está a todo vapor e agita os camarotes dos principais estádios do país!

O campeonato mais importante do país engrenou de vez. No Rio e em São Paulo, os camarotes PLACAR estão cada vez mais disputados e os convidados na torcida para ver quem levará o Brasileirão 2011. No Morumbi, todos viram a incrível performance de Rivaldo na vitória sobre o Cruzeiro. No Engenhão, o Botafogo está cada vez mais inteiro no campeonato. Quem esteve presente no camarote acompanhou a grande vitória sobre o Grêmio. Além do Botafogo, quem está voando baixo é o Flamengo, cada vez mais perto da liderança. Agora, os jogadores que serviram à seleção estão de volta aos seus times, ou seja, a competição esquenta ainda mais.

Carlos Bonni e Bruno Bonni curtem todo o conforto do Camarote PLACAR-Veja São Paulo

CAMAROTE PLACAR

Ansiedade antes do jogo do Fogão no Camarote PLACAR-Veja Rio

Camarote cheio para mais um jogo do Tricolor no Brasileirão

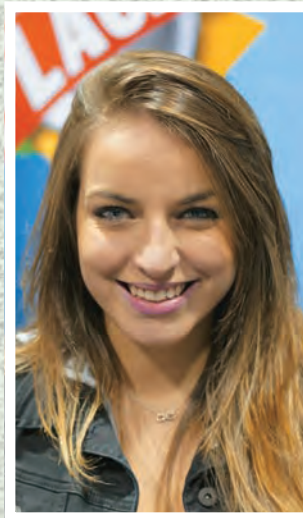
Wellington, jogador do São Paulo, confere as novidades da revista PLACAR

Os jogadores mais novos do São Paulo foram ao camarote acompanhar o time

Na hora do gol, não dá para conter o grito

Todos querem ficar perto do mais tradicional prêmio do futebol brasileiro, a Bola de Prata

Quando o jogo esquenta, a galera vibra no Camarote PLACAR

Convidados curtem o camarote

Bruna Unzueta curte o Camarote PLACAR na vitória do tricolor

Produzido pela área de Soluções de Conteúdo da Abril Mídia   Fotos: Anderson Oliveira (SP) e Leonardo Rozário (RJ)

ENQUETE DO MÊS

Qual a maior zebra dos torneios nacionais?

CRICIÚMA
Campeão da Copa do Brasil de 1991
15%

SÃO CAETANO
Vice brasileiro de 2000
21%

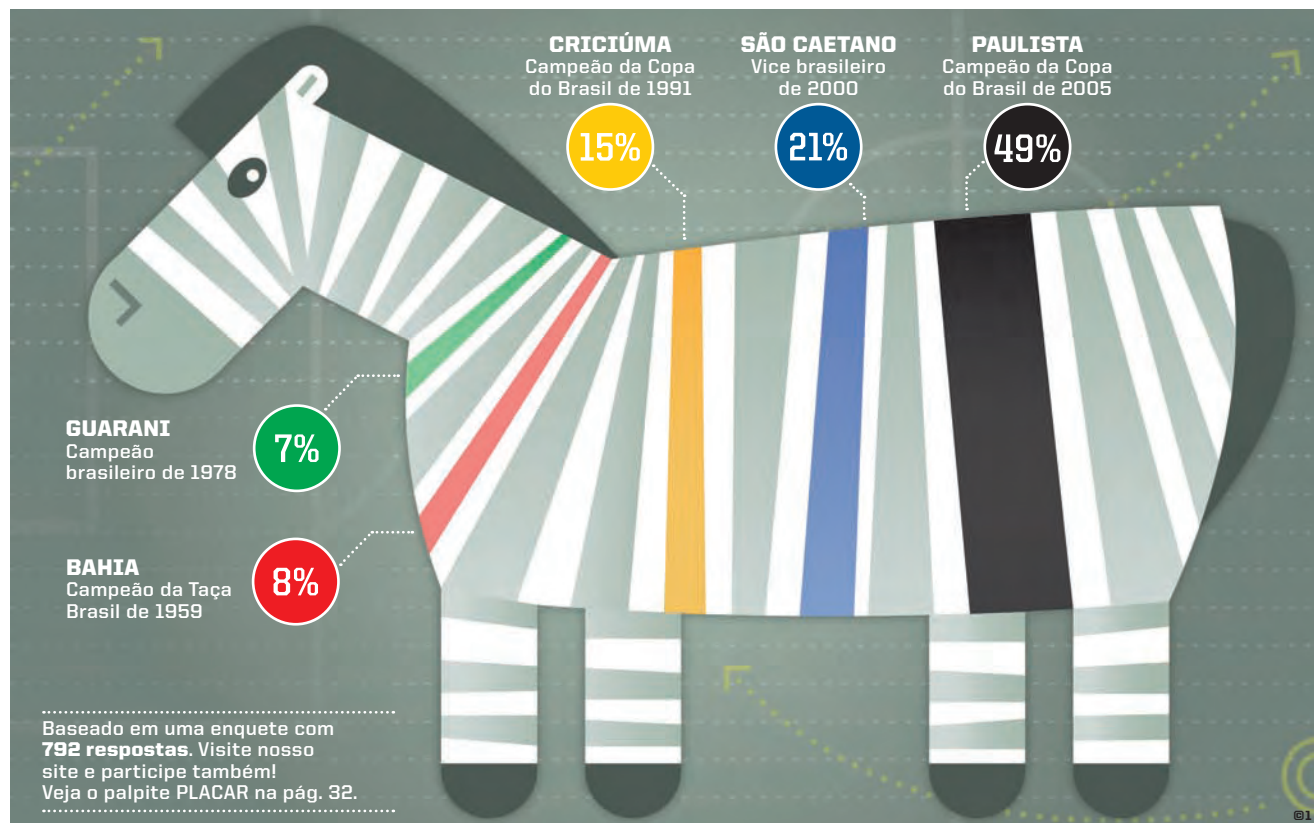
PAULISTA
Campeão da Copa do Brasil de 2005
49%

GUARANI
Campeão brasileiro de 1978
7%

BAHIA
Campeão da Taça Brasil de 1959
8%

Baseado em uma enquete com **792 respostas**. Visite nosso site e participe também!
Veja o palpite PLACAR na pág. 32.

©1

©2

"MELHORES" MOMENTOS ROCKGOL

Craques nos palcos e nos gramados? No país do futebol, poderia ser assim. Mas o Rockgol de 2011 está aí para provar o contrário. Furadas de bola, tropeções e gols perdidos. Tudo isso faz parte da edição preparada pela MTV Brasil com os "melhores" momentos do Rock Gol 2011, disputado num dos palcos mais bonitos do mundo, o Morro dos Prazeres, no Complexo de Santa Tereza, no Rio de Janeiro.

©3

©3

RAIO X DA FAZENDINHA

São 150 000 m² cercados pela Marginal Tietê. Nesse terreno, animais convivem com relíquias corintianas. A maior parte desses bichos, no entanto, já não existe mais, vítima de doenças ou de ataques de frequentadores. Restaram apenas três galinhas, protegidas pela única capela de São Jorge autorizada a funcionar em São Paulo. A história completa você vê na página 50. As fotos desse passeio estão no site.

© 1 ILUSTRAÇÃO GABRIEL GORSKI © 2 FOTO PAULO OTERO © 3 FOTO MARCOS SERGIO SILVA

MAL SABIAM... Argentinos posam para foto antes da partida de estreia na Copa América, diante da Bolívia. O jogo foi um sufoco só – empate suado de 1 x 1

GENTE CARETA

No futebol, melhor que não ter medo de cara feia é saber fazer cara feia. Os árbitros Rodrigo Braghetto (foto maior) e Leandro Vuaden (ao lado) tiram um sarrinho dos craques reclamões (tipo "vai ver se eu tô na esquina"). Abaixo, o técnico Jorginho, do Figueirense, entorta o rosto ao ver o fiasco de seu time diante do Coritiba (3 x 0, pela oitava rodada do Brasileirão)

© 1 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI © 2 FOTO RENATO PIZZUTTO © 3 FOTO RODOLFO BUHRER

AMARELOU
Maurine mira a cabeça da norueguesa, mas acerta a bola, enquanto Andrea voa no rabo de cavalo da jogadora de Guiné Equatorial, tentando espantar o perigo. O futebol feminino brasileiro, sem mira e sem voar alto, decepcionou mais que nos outros anos. Marta e mais dez foram insuficientes para passar pelas norte-americanas. As japonesas fizeram o que o Brasil não fez: ganhar a Copa. E voltamos de mais um Mundial com um sorriso amarelo

EDIÇÃO **FELIPE ZYLBERSTAJN** / DESIGN **L.E. RATTO**

 PERSONAGEM DO MÊS

Dois opostos

KLÉBER E **JUNINHO PERNAMBUCANO**. AMBOS ÍDOLOS, DE PALMEIRAS E VASCO. CADA UM COM SEU JEITO DE INTERPRETAR PROFISSIONALISMO E PAIXÃO

POR SÉRGIO XAVIER FILHO

Era para ser um só. Eis a regra da seção. PLACAR escolhe o sujeito que mais se destacou no período. Um só personagem do mês. Em julho, vamos abrir uma exceção: serão dois. Kléber Gladiador e Juninho Pernambucano. Porque, na verdade, um complementa o outro. As histórias são parecidas, apenas com sinais trocados. Tem menos a ver com o que produzem em campo e mais com a forma como se relacionam com seus fãs.

Kléber ganhou os noticiários por um imbróglio com a diretoria do Palmeiras. O atacante tinha contrato em vigor até o ano que vem e era assediado pelo Flamengo. Disse que se sentia mais valorizado fora do que dentro do Palmeiras. Queixou-se de que outros companheiros ganhavam salários mais altos no clube. Após completar os seis jogos no Brasileirão (o número máximo para poder atuar em outro clube), começou a padecer de lesões. Seus médicos disseram com todas as letras que Kléber tinha condições de jogo. Depois, o jogador alegou que não sabia o horário correto do treino e gazeou uma sessão matinal.

Juninho Pernambucano trouxe o espírito franciscano ao futebol. Decidiu voltar ao futebol brasileiro após dez anos de sucesso na Europa. Lá foi o protagonista do Lyon, heptacampeão francês. Juninho aceitou voltar ao seu Vasco por um salário de 600. Não 600 000 reais, provento até natural para estrelas da bola como ele. Pediu 600 reais, vencimento simbólico. Só conversa sobre aumento se o Vasco terminar o campeonato entre os quatro primeiros. Na estreia, no primeiro chute a gol, marcou de falta contra o Corinthians. No jogo seguinte, os dois gols da vitória vascaína contra o Inter saíram de seus pés. Aos 36 anos, segue dando piques e carrinhos como um juvenil que busca vaga no time principal.

Kléber era tão ídolo no Palmeiras quanto Juninho é hoje no Vasco. O Gladiador em campo sempre mostrou dedicação e raça. E qualidade também. O treinador Luiz Felipe Scolari vive dizendo que ele é o melhor centroavante do Brasil. Se não o melhor, pelo menos um dos melhores.

Kléber tinha forçado a porta antes para sair do Cruzeiro e voltar ao Palmeiras. Dizia-se torcedor palmeirense, comparecia às festas promovidas pela torcida organizada. Juninho foi reapresentado em um sábado à noite em São Januário. O estádio estava quase lotado, e não era para ver a equipe empatar com o Figueirense. O vascaíno saiu de casa para aplaudir Juninho, o humilde. Juninho, com as filhas no colo, no meio do gramado, chorou.

Kléber deu uma interpretação própria ao contrato assinado com o clube. Para ele, não é justo que um jogador que produza menos ganhe mais. E, se há alguém interessado fora, os de dentro precisam rasgar o papel e redigir um outro contrato mais justo. O Gladiador parece acreditar genuinamente nisso. Juninho deu uma nova versão ao conceito de produtividade. Quer receber remuneração pelo futuro, não pelo passado glorioso. Até provar que pode ajudar seu clube, prefere ser tratado como um zé-ninguém. Assim, passou pelo portão principal de São Januário e entrou para sempre na história do Vasco. Kléber, ao mancar após recusas de aumento de salário, faz tudo para sair do Palestra Itália pela porta dos fundos.

Kléber e Juninho:
um quer ganhar
mais do que todos,
o outro prefere
ganhar menos

ÍDOLO DO ÍDOLO

THIAGO NEVES
meia do Flamengo

Sempre fui muito fã do Alex. Por ser canhoto também, sempre busquei me inspirar nele. É um craque e, com certeza, é a minha grande referência no futebol.

Alex: canhotinha calibrada

"Vai que é suuua, molecada!"

Goleiro não nasce. É fabricado

ACADEMIA DE CURITIBA TEM VIRADO A MAIOR FORNECEDORA DE JOVENS "MURALHAS" NO BRASIL

POR ALTAIR SANTOS

Um dos goleiros do Brasil na Copa do Mundo sub-20, em disputa na Colômbia, foi fabricado. Aleksander, do Avaí, saiu das "linhas de produção" da Academia de Goleiros do Trieste, de Curitiba. Os goleiros fabricados pelo clube já somam quase uma dezena no Brasil. "Ligam para perguntar: tem goleiro nascido em 1995?", diz Rafael Stival, primo do técnico Cuca, que criou a Academia em 2006. Entre os clientes estão Grêmio, Coritiba, Atlético-MG, Vasco e Paraná Clube. Ex-goleiros não trabalham como treinadores para não passarem os vícios da posição. "O trabalho aqui é científico", afirma Stival, que conta com uma equipe de profissionais de educação física para treinar os garotos. "Não é só saber cair e interceptar um chute. O goleiro é quase um técnico em campo", explica Mauro Marturelli, coordenador da Academia. Stival avalia que nos próximos dois anos começará a colher frutos da venda de jogadores. "Temos direitos econômicos que variam de 40% a 50%", diz, torcendo para que Aleks feche o gol na Colômbia.

Linha de produção

Algumas "disciplinas" da academia

CAMPOS
Na academia há dois campos específicos para treinamento: um de areia e outro de grama, com traves para vários tipos de treino

TÁTICA
Além dos treinamentos técnicos, as orientações táticas estimulam os garotos a "ler" o jogo e armar contra-ataques

MENTE
Comunicação (para serem ouvidos pelos jogadores da linha); liderança (para influenciarem no posicionamento da defesa); e autocontrole

NOTA DE CORTE
Para serem contratados pelo Trieste, os garotos devem medir mais de 1,70 (sub-11 e sub-13) e mais de 1,85 metro (sub-15 e sub-20)

A bola do tri

ALÉM DE VER O TIME CAMPEÃO DA LIBERTADORES, ULISES SAIU DO ESTÁDIO COM A BOLA DO JOGO

POR FÁBIO SOARES

Final de Libertadores. Jogo contra uruguaios, marrentos por natureza. Mas, desta vez, a disputa mais acirrada pela posse de bola no Santos x Peñarol se deu fora do gramado. Mais precisamente perto do alambrado, no setor laranja do Pacaembu. Minutos após marcar o segundo gol santista, o lateral Danilo deu um bicão e despachou a bola para a galera. Colado na grade, o engenheiro Ulises Dominguez estava ligadíssimo. Mas nem de longe era o único. Logo se formou um bolo branco de torcedores. Teve empurrão, cotovelada, pernada. Mas prevaleceu o sangue espanhol do quarentão Ulises, que saiu ileso da batalha. "Tamo com a bola do tri", ele urrava, aos prantos, ao lado dos amigos.

Rapidamente, guardou o prêmio na mochila. E o manteve escondido até a partida acabar – afinal, ainda restavam uns 10 minutos até ser, de fato, a bola do tricampeonato. Só com a festa deflagrada abriu a mochila para um breve registro fotográfico. Tentou disfarçar, sem sucesso. Vários torcedores enlouquecidos o cercaram em busca de um momento com o "troféu". "Rapidinho, rapidinho", dizia Ulises, com medo de chamar atenção no meio da massa enlouquecida pelo tricampeonato da Libertadores. Agora, com o troféu em local seguro, ele faz planos: colocar a bola numa redoma de vidro e, quem sabe, levá-la a Tóquio, em dezembro. Ficou combinada também uma "volta olímpica" pelas casas dos amigos. "Eu que peguei, mas a bola é da turma toda. Fica um tempo na casa de cada um." Cogitou-se pedir para os campeões a autografarem, mas Ulises não está muito animado com a ideia. "Se levar até a Vila Belmiro, é capaz de quererem deixá-la no museu. Aí vai ter luta outra vez..."

©3

Ulises, à esquerda, no Pacaembu: isso sim é posse de bola

© 1 FOTO SPORTING-HEROES © 2 FOTO RODOLFO BUHRER © 3 FOTO ARQUIVO PESSOAL

O Ferguson do interior

HÁ QUATRO ANOS NO BRAGANTINO, MARCELO VEIGA TEM CARTA BRANCA PARA PROCURAR JOGADORES E NÃO BALANÇA AO SABOR DOS RESULTADOS

POR KLAUS RICHMOND

©1

Os 25 anos de Alex Ferguson à frente do Manchester United soam quase como uma utopia no Brasil. No entanto, Marcelo Veiga parece caminhar na mesma direção. O técnico do Bragantino recebe garantias de que não cai, acumula funções (como um manager) e já está prestes a completar quatro anos ininterruptos no clube.

Veiga chegou em 2004 e garantiu a volta à elite do Paulistão um ano depois. Passou pela Portuguesa e retornou para uma ótima campanha em 2007. Valorizado, tentou a sorte no Paulista e no América-RN, mas a aventura durou pouco. O destino era mesmo Bragança Paulista. Voltou para levar o clube à conquista da série C. E não saiu mais. Pode-se dizer que o trabalho de hoje é o de reestruturar o clube como um todo. "Reformamos o estádio, construímos um CT e estamos viabilizando um flat para os jogadores", conta Veiga.

Resultados em campo não são uma prioridade. Marco Chedid, presidente do clube, diz entender que Veiga precisa de tempo. "Se o time não estiver bom, troco os jogadores. Ou vou trocar o gerente da minha empresa?" O "gerente Veiga" faz contatos diretos com jogadores e tem aval para buscar atletas de seu gosto. Os laços com Bragança são cada vez mais fortes. "Não pretendo mais sair daqui." Enquanto arruma o time, Veiga investe em terrenos e imóveis na cidade. "Ele perdeu cinco jogos e permaneceu por aqui. Poderemos ter motivos para sorrir ao fim da série B", acredita o presidente.

LENDAS DA BOLA

POR MILTON TRAJANO

©1

"Esse apelido vai me acompanhar para sempre..."

Ah! É Caça-rato!

SANTA CRUZ CONTRATOU "FLÁVIO RECIFE", MAS NA ARQUIBANCADA SÓ SE FALA EM "FLÁVIO CAÇA-RATO"

POR TIAGO MEDEIROS

O apelido vem do tempo de criança. Com um estilingue nas mãos, Flávio aterrorizava os roedores no bairro da Campina do Barreto, no Recife. "Eu não gostava de ser chamado assim, mas hoje sei que esse apelido vai me acompanhar para sempre", diz o centroavante. "O apelido de Caça-rato é depreciativo e pode soar mal numa futura negociação", explica o diretor de futebol, Constantino Jr. Mas, na queda de braço entre o desejo politicamente correto da diretoria e o irreverente gosto popular, o apelido de infância parece ter levado a melhor.

No amistoso de entrega de faixas pelo título estadual, o Santa Cruz recebeu o América-RN. A certa altura, o sistema de som do Arruda fez o anúncio: "Vem aí Flávio Recife". De pronto veio o coro: "Ah! É Caça-rato!" A direção tricolor segue com o pensamento de "rebatizar" o jogador, mas diz que não fará mais esforços para isso. "O povo é quem decide essas coisas, e ao que parece já tomou sua decisão", diz Constantino Jr., resignado.

Esses caras mudaram de nome

DENTINHO
Era: Bruno Bonfim, por exigência do técnico Carpegiani.
Virou: Dentinho, por motivos óbvios (apesar de a mãe dele não gostar).

FININHO
Era: Fininho. Apelido desde o tempo da base do Corinthians.
Virou: Vinícius, seu nome verdadeiro. Mas a torcida não adotou a mudança.

LUCAS
Era: Marcelinho, quando jogava no Corinthians – pela semelhança com Marcelinho Carioca.
Virou: Lucas, seu nome, ao virar titular no rival São Paulo.

CHUMBINHO
Era: Chumbinho, o apelido de infância.
Virou: Da Silva, por ordem da diretoria do São Paulo – o apelido não combinaria com o tricolor do Morumbi.

Vovô Dutra não pensa em parar

"Me demitem e ainda querem me aposentar!?"

Dutra está indignado. Aos 37 anos, foi dispensado pela primeira vez na carreira. E justamente no Sport, onde atuou por sete temporadas. Não bastasse o bilhete azul, também recebeu um convite inesperado. "Me propuseram encerrar a carreira num jogo de despedida! Me demitem e ainda querem me aposentar!?" O Sport se defende: "O que sugerimos foi um jogo de despedida na Ilha caso ele quisesse parar", afirma o presidente Gustavo Dubeux. Dutra nem cogita a aposentadoria, e agora vai disputar a série D pelo Santa Cruz, onde se destacou nos testes físicos apesar do apelido de Vovô. ***Tiago Medeiros***

©1 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI ©2 ILUSTRAÇÃO MILTON TRAJANO ©3 FOTOS LEO CALDAS

TWITTADAS DO MÊS

BELLETTI, *aposentando-se*
@julianobelletti
Por mais que eu queira seguir, o corpo não deixa. Encerro hoje minha carreira como jogador de futebol profissional por problemas físicos.

KLEBER GLADIADOR
@kleberglad30
Nunca pensei que iria ver tanto palmeirense me xingando via twitter!

ROMÁRIO, *às 18h30 de uma quarta-feira, tra-ba-lhan-do*
@RomarioOnze
Fala galera, boa noite. Tô na área de novo, e, por incrível que pareça, ainda estou no meu gabinete, em Brasília... TRA-BA-LHAN-DO!

NEYMAR, *noveleiro*
@Njr92
#InsensatoCoração

ELANO, *discutindo relação via Twitter em plena Copa América*
@elano_blumer
Eu e @NiveaStelmann não estamos mais namorando!

SUZANA WERNER, *sobre o frango do marido Júlio Cesar*
@suwerner
Erro como esse eu nunca vi o Julio fazer... A praga tá forte.

HUGO CHÁVEZ, *após o empate da Venezuela contra o Paraguai*
@chavezcandanga
Se los dije!!!! Qué Grande es Venezuela!!!! Empateeeeeeeeee!!!! Viva La Patria de Bolívar!!! Viva nuestra Juventud!!!!!

TWITTER.COM/PLACAR
Siga a PLACAR no Twitter e fique por dentro das melhores notícias do futebol

"Tá me ouvindo?"

EM SILÊNCIO, ALLAN SUPEROU PROBLEMA DE AUDIÇÃO PARA VIRAR UM DOS DESTAQUES DO VASCO

POR DIEGO GARCIA

Pouca gente sabe, e o assunto é tratado como tabu em São Januário. "Foi um probleminha, mas agora estou 100%", diz o volante vascaíno convocado para o Mundial sub-20. Apesar de ser um jovem talento, a falha de 50% a 60% na audição pode ter impedido uma progressão mais rápida de Allan no futebol. Foi PC Gusmão, ex-técnico do clube, quem abriu o jogo no ano passado. "Eu gritava, chamava atenção, e ele não me obedecia! Depois do jogo, perguntei se ele tinha escutado." Allan respondeu que não. Um exame foi feito e o tratamento começou em seguida. Rodrigo Caetano, diretor do Vasco, e o médico do clube, Clóvis Munhoz, confirmam a história – mas não especificam o problema. Focado no Mundial sub-20, Allan minimiza a questão. "Acontece com qualquer jogador. Com o estádio cheio você não ouve o treinador mesmo." Que, pelo menos, ele escute o grito de "É campeão" no Mundial sub-20...

"Por que você não avisou que vinha ladrão dali, pô!?"

VENENO

Não ligo. Aliás, caguei. Caguei montão.

Ricardo Teixeira, *para a revista* Piauí, *sobre ser acusado de corrupção*

UMA BARBA PARA CHAMAR DE SUA

ELA FAZ UMA DIFERENÇA E TANTO. E PODE ACENTUAR OU DISFARÇAR CARACTERÍSTICAS QUE VOCÊ POSSUI. MAS QUAL É O MELHOR TIPO DE BARBA PARA SEU FORMATO DE ROSTO? VEJA ABAIXO ALGUMAS SUGESTÕES DE COMO DEIXÁ-LO MAIS EQUILIBRADO.

ROSTO COMPRIDO

O QUE FAZER: a barba ao estilo *chin curtain* é bem moderna e faz que o rosto pareça menor. Deixe a barba crescer ao longo da mandíbula e na linha do queixo apenas, juntando-a com as costeletas. **COMO FAZER:** deixe a barba crescer por alguns dias. Antes de se barbear, desenhe o contorno *chin curtain* com o aparador do próprio barbeador **AquaTouch Plus** (**1.**), removendo os pelos das bochechas, bigode e pescoço. Remova toda a barba remanescente dessas áreas com o barbeador, fazendo movimentos circulares. O **AquaTouch Plus** (**1.**) pode até ser usado com espuma de barbear durante o banho.

ROSTO MUITO FINO

O QUE FAZER: uma barba curta, um pouco maior do que a barba por fazer, vai preencher suas bochechas e fazer seu rosto ganhar volume. **COMO FAZER:** deixe a barba crescer por alguns dias e use o **Aparador de Barba** (**2.**) para nivelar a altura dos pelos e desenhar a linha do pescoço. Para nivelar os pelos, selecione a altura do pente entre 4 e 5 e passe em todo o rosto no sentido contrário ao nascimento dos pelos. Para desenhar a linha do pescoço, retire o pente do **Aparador de Barba** (**2.**) e faça a linha na altura do pomo de adão. Limpe os pelos extras da bochecha e pescoço com o aparador sem o pente.

ROSTO REDONDO

O QUE FAZER: usar cavanhaque disfarça o formato redondo, alongando o rosto. **COMO FAZER:** deixe a barba crescer por alguns dias e apare todos os pelos da bochecha e pescoço com o acessório aparador de barba de seu **Kit Multigroom 6 em 1** (**3.**). Modele o cavanhaque fazendo as linhas do bigode encontrarem-se com a barba. Coloque o pente no acessório aparador e nivele a altura dos pelos do cavanhaque. Limpe a barba remanescente da bochecha e pescoço com o acessório minibarbeador do **Kit Multigroom 6 em 1** (**3.**).

Com que barba eu vou...
Afinal, qual é o tipo de barba preferido pelas mulheres?

ACESSE E DESCUBRA: www.**philips**.com.br/**impress**

O ARSENAL

Os produtos ideais para você explorar todos os seus estilos.

As grandes zebras do Brasil

ELES DESAFIARAM A LÓGICA, DESTRONARAM POTÊNCIAS E QUEBRARAM A BANCA

CRICIÚMA DE 1991

AONDE CHEGOU	OS GRANDES QUE VENCEU	OS CRAQUES DO TIME	PISADA NA BOLA	MOMENTO ZEBRA	VEREDICTO
CAMPEÃO DA COPA DO BRASIL	ATLÉTICO-MG DE SÉRGIO ARAÚJO E GRÊMIO DE CAIO	JAIRO LENZI E LUIZ FELIPE SCOLARI	1 X 1 COM O UBIRATAN-MS NA ESTREIA	O 1 X 1 NO JOGO DE IDA DA FINAL COM O GRÊMIO, NO OLÍMPICO	**CAMINHO FÁCIL – ATÉ OS GRANDES ESTAVAM POR BAIXO. MAS LEVOU**
7 +	4 +	6 +	4 +	5	= **26**

SÃO CAETANO DE 2000

AONDE CHEGOU	OS GRANDES QUE VENCEU	OS CRAQUES DO TIME	PISADA NA BOLA	MOMENTO ZEBRA	VEREDICTO
VICE-CAMPEÃO DA COPA JOÃO HAVELANGE	FLU DE ROGER, PALMEIRAS DE ARCE E GRÊMIO DE RONALDINHO GAÚCHO	ADHEMAR	PARANÁ 3 X 1 SÃO CAETANO	GRÊMIO DE RONALDINHO GAÚCHO 1 X 3 SÃO CAETANO	**DA SEGUNDONA À FINAL DA JOÃO HAVELANGE, SEM ESCALAS**
7 +	8 +	8 +	4 +	7	= **34**

GUARANI DE 1978

AONDE CHEGOU	OS GRANDES QUE VENCEU	OS CRAQUES DO TIME	PISADA NA BOLA	MOMENTO ZEBRA	VEREDICTO
CAMPEÃO BRASILEIRO	INTERNACIONAL DE FALCÃO, SANTOS DE PITA, VASCO DE DINAMITE E PALMEIRAS DE LEÃO	ZENON, RENATO PÉ-MURCHO E CARECA	REMO 5 X 1 GUARANI, NA 2ª FASE	INTER DE FALCÃO 0 X 3 GUARANI, NO BEIRA-RIO	**UM TIMAÇO QUE O BRASIL SÓ CONHECEU DEPOIS DO TÍTULO**
10 +	10 +	1 +	8 +	8	= **37**

PAULISTA DE 2005

AONDE CHEGOU	OS GRANDES QUE VENCEU	OS CRAQUES DO TIME	PISADA NA BOLA	MOMENTO ZEBRA	VEREDICTO
CAMPEÃO DA COPA DO BRASIL	BOTA DE ALEX ALVES, INTER DE MURICY, CRUZEIRO DE FRED E FLU DE ABELÃO	MÁRCIO MOSSORÓ	QUANDO O CRUZEIRO ABRIU 3 X 0 NO JOGO DE VOLTA DA SEMIFINAL	QUANDO CRISTIAN (EX-CORINTHIANS) MARCOU DOIS GOLS NO MESMO JOGO E LEVOU O TIME À FINAL	**DESPACHOU 4 GRANDES LIDERADO PELO MOSSORÓ. QUER MAIS?**
7 +	8 +	10 +	7 +	8	= **40**

BAHIA DE 1959

AONDE CHEGOU	OS GRANDES QUE VENCEU	OS CRAQUES DO TIME	PISADA NA BOLA	MOMENTO ZEBRA	VEREDICTO
CAMPEÃO DA TAÇA BRASIL	VASCO DE ALMIR PERNAMBUQUINHO E SANTOS DE PELÉ	A DUPLA INFERNAL MARITO, O "GARRINCHA DA BAHIA", E BIRIBA	0 X 6 SPORT NO 2º JOGO DA FINAL DO BRAÇO NORTE DA TAÇA BRASIL	VENCER O SANTOS, COM PELÉ, POR 3 X 2 NA VILA, COM GOL DE ALENCAR AOS 44' DO 2º TEMPO	**PASSAR PELO SANTOS DE PELÉ, NA VILA? É CAMPEÃO!**
7 +	10 +	10 +	9 +	10	= **46**

CRITÉRIOS AONDE CHEGOU: BRASILEIRO VALE MAIS (10); VICE-BRASILEIRO, TAÇA BRASIL E COPA DO BRASIL VALEM 7. **QUEM BATEU:** GANHA MAIS PONTOS QUEM BATE TIMES MAIS FORTES. **CRAQUES DO TIME:** JOGADORES OBSCUROS E QUE NUNCA CHEGARAM À SELEÇÃO GANHAM MAIS PONTOS. **PISADA NA BOLA:** QUANTO MAIS ABSURDA A DERROTA, MAIS PONTOS. **MOMENTO ZEBRA:** QUANTO MAIS ABSURDA A VITÓRIA, MAIS PONTOS. **P.S.:** FOI ESCOLHIDO O SÃO CAETANO DE 2000, E NÃO O VICE DA LIBERTADORES, POIS EM 2002 O CLUBE NÃO ERA MAIS UMA ZEBRA.

UM SHOW DE PAI,
COMO VOCÊ, MERECE
UM SHOW DE SOM.

LINHA DE SOM
POSITRON®
O SHOW AUTOMOTIVO

SP8550 DTV
- DVD player com tela LCD de 6,2", touch screen
- Sintonizador de TV digital integrado
- Bluetooth – USB – SD Card – auxiliar frontal
- Conexão SWC*: controle das funções de áudio no volante

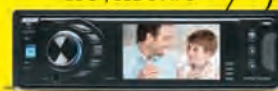
R$ 1.099,00 à vista

EMPRESA LÍDER EM SEGURANÇA AUTOMOTIVA POSITRON

M51

SP6110 AV
DVD com tela retrátil de 7" e entrada USB traseira

SP4120 AV
DVD com tela LCD de 3", USB e MP3

CONSULTE CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO NO REVENDEDOR PÓSITRON DE SUA PREFERÊNCIA.

Para saber mais sobre os demais produtos, acesse: www.positron.com.br

Conforme Lei Federal nº 11.291/09, informamos que podem ocorrer danos ao sistema auditivo quando exposto a potência superior a 85 decibéis. Informações sujeitas a alterações sem aviso prévio. Imagens meramente ilustrativas. Consulte nosso site para mais informações.

*Função disponível no aparelho. Ver compatibilidade do recurso em seu veículo.

PRODUZIDO NO POLO INDUSTRIAL DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA

Respeite a sinalização de trânsito.

MOBILIDADE • CONFORTO • SEGURANÇA

©1

Dinheiro de brinquedo

CLUBES JÁ ESTÃO DE OLHO NOS DÓLARES QUE OS CONTRATOS COM OS GAMES DE FUTEBOL PODEM GERAR

POR LINCOLN CHAVES

A grana dos licenciamentos dos principais games de futebol – Pro Evolution Soccer (PES) e Fifa Soccer – no Brasil ainda é pouca, mas os ganhos de aparecer nos campos digitais já começam a ser vistos sob outro prisma nos clubes daqui. "Deverá ser cada vez mais um argumento de exposição de marca nos contratos de patrocínio", diz Fabiano Veronezi, do setor de licenciamento do Grêmio. Não é exagero. Fifa e PES estão entre os top 10 games da Europa este ano, com cerca de 7 milhões de unidades vendidas. "Não sabemos se um fã de fora assistiu à Libertadores, mas o jogo permite que ele refaça a trajetória e interaja com astros como Neymar e Ganso", afirma Ivan Rizzo, coordenador de marketing do Santos. O especialista em marketing esportivo Amir Somoggi vê bastante potencial para os times daqui. "Temos uma classe C ávida por entretenimento, e composta de torcedores fanáticos. Se o processo de internacionalização dos clubes tivesse começado antes, já teríamos marcas mais valorizadas no mercado virtual", diz.

O Brasil no joystick

EM 2012
A versão 2012 de PES terá quase todos os times brasileiros que jogaram a Libertadores de 2011. A exceção é o Grêmio. Os times do Fifa 12 ainda não foram divulgados.

DEBUTANTES
Os campeões da Libertadores e do Brasileirão, Santos e Fluminense, farão sua estreia no PES. Já São Paulo e Flamengo, ausentes da Libertadores, estão de fora da próxima versão.

ESTRANHO
O Campeonato Brasileiro, no Fifa, sempre foi bem alternativo. Disputado em pontos corridos desde os anos 90, já contou com Bangu, Madureira e Ferroviária.

Gols de letra

MAGIAS NO FUTEBOL: REVELAÇÕES INÉDITAS DE UM PAI DE SANTO
Pai Guarantã (Roberto Barros)
Ícone Editora
O sacerdote da umbanda revela os bastidores da feitiçaria no futebol brasileiro. Destaque para os confrontos entre pais de santo de times rivais.
"Ao entrar no vestiário do adversário [Grêmio], *encontrei um sapo num dos cantos, totalmente seco e com alfinetes nos olhos."*

O GOLEIRO FANTASMA
Raul Drewnick
Companhia Editora Nacional
Livro infanto-juvenil sobre um fantasma que aterroriza garotos num campinho de futebol – trata-se de um goleiro amaldiçoado. Obra em memória e honra de Barbosa, goleiro do Brasil na Copa de 50 e mártir supremo do futebol brasileiro.
"Ô pai, você não disse que o Pelé foi campeão do mundo com dezessete?"

ALMANAQUE DO LEÃO DO BONFIM
Wagner Augusto Álvares de Freitas
Produção independente
Tudo o que você queria saber (e mais um pouco) sobre o Villa Nova-MG. Fotos históricas e relatos de jogos entre 1908 e 2010 estão neste livrão de 677 páginas.
"1972: O Villa Nova se tornou nesse ano o primeiro clube na história a ser passado para trás pela CBD quanto ao merecido acesso à elite do nosso futebol."

© 1 FOTO DIVULGAÇÃO

Uma troca audaciosa

O Pão de Açúcar Esporte Clube (PAEC), de São Paulo, e o Sendas Esporte Clube, do Rio de Janeiro, não existem mais. Os dois foram rebatizados de Audax (em latim, audacioso). A decisão é do Grupo Pão de Açúcar, que controla as equipes. Com o novo nome, a exposição na mídia deve aumentar, já que alguns veículos se recusavam a cobrir os jogos deles para não ter de citar a empresa. O gerente-geral dos times, Thiago Scuro, diz que o objetivo é conquistar novos torcedores. "Achamos que seria mais saudável criar uma marca própria, sem associá-la às empresas do grupo". ***Vitor Matsubara***

Já houve outro

O Audax não será o primeiro time com esse nome em São Paulo. Fundado em 1917, o Clube Athletico Audax jogou a Segundona do Paulista entre os anos de 1921 e 1924. Foi o primeiro time a disputar uma partida no antigo campo do Corinthians, a Ponte Grande.

O próximo menino

VICTOR ANDRADE APROVEITA ROBINHO PARA PAVIMENTAR A CARREIRA NA VILA BELMIRO

POR KLAUS RICHMOND

Ele chegou ao Santos no fim de 2007 e se aproximou do ídolo Robinho. Agora, aos 15 anos, Victor Andrade já está sendo credenciado como sucessor do rei das pedaladas. "Eles têm afinidade. O Robinho sempre diz que é cedo para sair do país, e isso pesa muito", conta Jorge Nelson Santos, pai do menino, que costuma falar dos negócios com Gilvan, pai de Robinho. Há dois anos, Victor fez um teste no Manchester City a convite do atacante e a família recusou uma proposta de 2 milhões de dólares, mais carro e casa. Hoje Victor recebe cerca de 20 000 reais mensais, o maior salário da base do clube. "Nem sei quanto eu ganho", diz. Os pais investem em treinos extras, preparador particular e até um campo alugado. O Santos luta para fechar o primeiro contrato profissional em setembro, quando ele fará 16 anos. "Vejo Victor seguro para fazer carreira aqui", afirma Luis Álvaro Ribeiro, presidente do Santos.

Um dia isto tudo será seu, meu filho...

©1

O HOMEM MAIS IRADO DA CIDADE

POR ENRIQUE AZNAR

Centroavante precisa ter aquilo roxo. Chulapa, Geraldão, Careca, Romário, Ronaldo. Lá fora, Palermo, Vieri, Tevez, Rooney. Nesses sim, dá pra confiar. O que eu não aguento é centroavante fresco. Fernando Torres, mesmo esse Cristiano Ronaldo aí, que todo mundo fica babando em cima. Quer saber? Tudo nhenhenhém. Cabelinhos, peitorais, chuteirinhas. Salários zilionários. Querem só fazer golaço e namorar modelinhos. Na hora da bucha, somem. Não são capazes de definir um jogo com gol de bico, na trombada. Não acredite neles. Como a minha vó bem dizia, são todos uns bichinhos de goiaba!

©2

Fogo amigo no Twitter!

PLACAR INVESTIGA OS BASTIDORES DAS MENSAGENS POLÊMICAS DOS BOLEIROS. É TUDO CULPA DO "PRIMO"

Já está virando moda. O Twitter do boleiro aparece com mensagens provocativas sobre o rival. A notícia se espalha, a torcida adversária fica enfurecida e enche o Twitter do cara de xingamentos impublicáveis. Em poucos minutos ele se exime da culpa: "Pessoal, gostaria de esclarecer que quem escreveu a mensagem anterior foi o meu primo". Felipe, do Flamengo, e Guilherme, do Atlético Mineiro, são exemplos recentes. Ninguém costuma acreditar na história, mas resolvemos investigar o assunto e encontramos o obscuro parente de um jogador fictício que aceitou falar sob anonimato. O relato vai deixá-lo de boca aberta...

P| Está bravo com o seu primo?

R| Não. Por que estaria?

P| Ué. Ele não está colocando a culpa do Twitter em você?

R| Não. Fui eu mesmo que escrevi aquela mensagem.

P| Poxa, mas que sacanagem! Assim você vai acabar com a carreira do primo.

R| Seria ótimo. É um baita perna de pau. Eu é que sempre fui o craque da família. Não é justo ele ganhar o que ganha – e eu aqui, como motoboy.

P| Rapaz, quanto ressentimento. Isso não vai acabar bem...

R| Espera só ele descobrir que botei laxante no isotônico e tirei o papel higiênico do banheiro! E amanhã tem clássico, hein?

A louca geografia da série D

O MAPA DA QUARTA DIVISÃO NÃO OBEDECE AO QUE VOCÊ APRENDEU NA ESCOLA

POR MARCOS SERGIO SILVA

ERRO GEOGRÁFICO
O **Formosa** é de Goiás, mas representa o Distrito Federal

FORA DO MAPA
Sem representantes, **Rondônia** cedeu seu lugar para o Mato Grosso

Roraima desistiu de participar, e o Amazonas mandou mais um time

ORIGENS
São nove jogadores com o apelido **Baiano** na série D. O Espírito Santo tem mais (2), e a Bahia não tem nenhum

Dois dos seis atletas chamados **Carioca** estão no Pará. E ninguém no Rio

A MAIOR DISTÂNCIA
A distância entre Cuiabá e Itacoatiara é de **2629 km**, a maior da série D. Cuiabá-MT e Penarol-AM terão que enfrentá-la. O Santa Cruz é quem vai pegar menos estrada na primeira fase. O clube pernambucano terá que percorrer 715 km em oito duelos

DUELOS E CLUBES TRANSNACIONAIS
Penarol e **Nacional** fazem um clássico uruguaio genérico, no Amazonas

O **River Plate-SE** tenta não passar a vergonha que o xará passou na Argentina

O **Sampaio Correa**, também conhecido como Bolívia, é o favorito no Grupo 2

É TETRA??
Taffarel e **Cafu** são goleiro e lateral-direito, respectivamente, do Cene-MS

Romarinho é atacante do Mirassol

DESLOCADOS
O **Guarani-CE** vai jogar em João Pessoa (PB) contra o Santa Cruz

O **Alecrim-RN** jogará em João Pessoa (PB) contra o Santa Cruz

O **Plácido de Castro-AC** vai deixar sua cidade para jogar em Rio Branco (AC)

O **São Raimundo-PA** manda seus jogos em Belém (PA), apesar de ser de Santarém

VOCÊ POR AQUI?
Sandro Hiroshi (ex-São Paulo) está no Sampaio Correa-MA

Ávalos (ex-Santos) está no Volta Redonda-RJ

Rodrigo Grahl (ex-Grêmio) está no Santa Cruz-PE

Warley (ex-São Paulo) está no Treze-PB

SELEÇÃO BOLA DE PRATA DOS NOMES BIZARROS
Mondragon (goleiro do Porto-PE)
Barata (lateral-direito do Comercial-PI)
Zig-Zig (zagueiro do Alecrim)
Mimica (zagueiro do Sampaio Correa)
Foguete (lat.-esq. do Santa Cruz-RN)
Bojé (volante do Cuiabá)
Siboy (meia do Penarol)
Xaropinho (meia do Santa Cruz-RN)
Marraquete (meia do Independente de Tucuruí)
Kitó (atacante do Penarol)
Felipe Mamão (atacante do Nacional-AM)

Beijoca

O FOLCLÓRICO ÍDOLO DO BAHIA TOMAVA UMAS E APRONTAVA TODAS. HOJE PASTOR, ELE ESCALA SUA SELEÇÃO COM BOAS DOSES DE SOBRIEDADE

Fiz muitos gols, mas não tenho saudade da época de jogador. Eu vivia em outro mundo, não era exemplo para ninguém.

ESQUEMA 4-4-2

GOLEIRO

PICASSO *"Foi um ídolo para mim. Ele ganhou até a Bola de Prata da PLACAR em 70. Pegava muito."*

LATERAIS

TONINHO BAIANO *"Titular absoluto da seleção na Copa de 78, ele era versátil: marcava forte e também se destacava como ponta."*

JÚNIOR *"Não consigo pensar em uma só palavra para descrevê-lo perfeitamente. O Capacete era fera."*

ZAGUEIROS

ROBERTO DIAS *"Nos jogos contra o São Paulo, era duro passar por ele."*

ROBERTO REBOUÇAS *"Canhoto da melhor qualidade. Construiu uma bela história no Bahia."*

MEIAS

PAULO RODRIGUES *"Jogador clássico, que ajudou bastante o Bahia no título brasileiro de 88."*

ADÍLIO *"Quando dominava a bola, ninguém tomava dele. Incrível."*

SÓCRATES *"Um doutor fora do campo e também com a bola no pé."*

ZICO *"Maradona? Os números dizem: Zico foi o melhor de todos os camisas 10. Tirando o Pelé, claro, que é unanimidade."*

ATACANTES

REINALDO *"Parou cedo por causa das lesões, mas não dá pra compará-lo ao Ronaldo. Fenômeno era o 'Rei', o verdadeiro gênio da grande área."*

CLÁUDIO ADÃO *"Fazia muitos gols e ainda tinha classe. Só o Pelé matava uma bola no peito como ele."*

TÉCNICO

ZEZÉ MOREIRA *"Era agregador e conselheiro. As lições que ele me ensinou serviram para toda a minha carreira, para toda a minha vida."*

© 1 FOTO ÉDSON RUIZ

Do céu ao inferno?

USO DE SUBSTÂNCIA PROIBIDA PODE TIRAR O NADADOR CÉSAR CIELO DO PANTEÃO DE GRANDES FIGURAS DO ESPORTE NACIONAL. É DE ESPERAR QUE VENHA PUNIÇÃO PESADA POR AÍ

César Cielo joga no time de Guga, Maria Ester Bueno, Éder Jofre, Adhemar Ferreira da Silva, Torben Grael, Ronaldo Fenômeno, Robert Scheidt, Ayrton Senna da Silva e até de Pelé. Sim, até de Pelé – o máximo de comparação ao se elogiar alguém. Mas, exatamente por isso, como pode nosso Pelé das águas ter se baseado em uma farmácia de sua pequena cidade para a preparação do tal suplemento alimentar que hoje tanto o atormenta?

Nada contra a farmácia, que inclusive já se eximiu de culpa. Culpa que, se há, é de Cielo (esse fenômeno da natação que deverá ser repetido só lá pelos anos 2813 ou 2929). Ora, atleta tão excepcional, em um esporte tão difícil, competitivo, sadio, fiscalizado e milionário, deveria ter se policiado muito melhor, evitando esse mico internacional. Sim, Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa, escreveu que "o maior rio do mundo ou o rio mais lindo do mundo não é o Tejo, mas o córrego que corta nossa aldeia"! Mas vai daí e Cielo escolhe a "farmácia da esquina" de seu córrego Santa Bárbara d'Oeste para a preparação de seus nutrientes, diuréticos ou complementos alimentares? E ainda "receita" a mesma "medicação" aos membros de seu time?

Cielo deveria ter se policiado melhor

Que tivesse se aliado a um laboratório do calibre de USP, PUC, EMS, Pfizer ou contratado o melhor e mais caro farmacêutico do Brasil para atendê-lo e orientá-lo. E poderia, com seus nobres e merecidos patrocinadores, montar seu próprio laboratório com profissionais tão competentes e exigentes na pipeta e no cadinho quanto ele na água e a Fina no combate ao doping. Considerando-se o grau de excelência que nosso tubarão dos recordes atingiu no mundo e o estado de desconforto que hoje enfrenta, lanço mão de outro provérbio caipira de cidades como Muzambinho e Santa Bárbara d'Oeste: "Não se chuta o balde depois de tirar 100 litros de leite da melhor vaca holandesa do curral". É que, ao contrário do futebol, na natação e no atletismo o doping não tem perdão. No futebol você pode entupir todos os seus jogadores de doping que o resultado será mantido mesmo com dois deles flagrados e punidos. E César Cielo sabia e sabe disso, e não poderia ter bobeado.

Seus adversários estão felizes da vida, rindo à toa na Europa. E eu estou triste e pessimista porque imagino que vem punição pesada por aí, mesmo tendo certeza de que o tal medicamento em nada ajudou o Pelé das águas em sua eterna e solitária briga com o cronômetro que, por uma ponta de unha, decreta, implacável, quem chegou primeiro. É que sempre fica e ficou a dúvida se o tal diurético não foi ingerido para mascarar qualquer tipo de substância proibida. Aí é com a Fina, uma entidade que parece ser tudo o que a Fifa não está se mostrando ser: séria, imparcial e justa. Mesmo se for para mandar para o inferno quem nasceu para ser o rei da água e do céu.

VOCÊ JÁ DEU BOAS RISADAS DE **JOEL SANTANA**. MAS NEM SÓ DE FOLCLORE VIVE O TREINADOR QUE É QUASE UNANIMIDADE ENTRE OS BOLEIROS – E QUE PODE RESGATAR O CRUZEIRO NO BRASILEIRÃO

***POR* FREDERICO JOTA**
***DESIGN* GABRIELA OLIVEIRA**
***FOTO* EUGÊNIO SÁVIO**

ão faltam motivos para rir de Joel Santana. A alcunha de Papai Joel, a inseparável prancheta, o jeito bonachão com que trata todos ao seu redor, as declarações bem-humoradas e autorreferentes. Em 2009, uma entrevista concedida em inglês precário após um empate da África do Sul com o Iraque, na Copa das Confederações, transformou-o em sensação da internet. Em junho deste ano, um vídeo do jogo entre Cruzeiro x Vasco em que o treinador confunde

A chegada de Joel Santana deu novo ânimo ao Cruzeiro. Com desempenho pífio nas primeiras rodadas, sob o comando de Cuca, o time reagiu rapidamente e conquistou as primeiras vitórias na competição.

os nomes de seus jogadores virou sucesso instantaneamente. Não é raro ler o nome Joel Santana precedido do adjetivo "folclórico". E ele parece não estar nem aí: Joel aparenta ter a leveza de quem não se leva tão a sério.

O que não quer dizer que não se deve levá-lo a sério. Uma análise mais detida de seu currículo mostra que Papai Joel tem mais a oferecer que boas risadas e carinho aos filhos adotivos. Basta notar que, após um péssimo início de Brasileirão, o Cruzeiro rapidamente recuperou o rumo sob seu comando.

Nas primeiras entrevistas coletivas após a chegada do novo técnico, Gilberto, comandado por Joel no Flamengo e no Vasco, lembrou o apoio dado no início da carreira e disse ter certeza de que a parceria dará certo novamente. Roger, treinado por Joel no Flamengo, ressaltou o bom astral do técnico. Antes de vestir o uniforme azul e levar o Cruzeiro às primeiras vitórias no Brasileirão, Joel Natalino Santana, 62 anos, já havia conquistado o elenco cruzeirense. Na verdade, ele apenas repete uma longa história de admiração por parte de seus comandados, por onde quer que tenha passado.

Não à toa, seus trabalhos costumam ser marcados pela recuperação e conciliação. Foi assim com o Flamengo no Brasileirão de 2007, quando o treinador tirou a equipe da zona de rebaixamento e a classificou para a Libertadores. Ou no mesmo Flamengo, em 2005, quando tinha nove jogos para novamente tirar o rubro-negro da degola e conseguiu o feito de forma invicta. O Botafogo campeão carioca de 2010 também foi um exemplo de recuperação: Joel pegou um time arrasado por uma goleada de 6 x 0 para o Vasco e o transformou em campeão carioca.

Os dois maiores títulos de sua carreira foram vencidos na base da conciliação. Na Copa João Havelange de 2000, conquistada pelo Vasco, Joel dirigiu a equipe em apenas três jogos — assumiu o time após a tumultuada demissão de Oswaldo de Oliveira, nas semifinais do campeonato. No mesmo ano, conquistou a Copa Mercosul com uma virada incrível sobre o Palmeiras, transformando um 3 x 0 em um épico 3 x 4.

"É muito fácil, no momento em que as coisas não estão bem, procurar culpados. Jamais procurei culpados. Jamais vou fazer queixa de jogador para dirigente. Se eu tiver que resolver qualquer problema, vou estar aqui, olho no olho — mas não me traia. Se trair, não tem volta", diz Joel. O tratamento direto com os jogadores, o "olho no olho", é de fato citado por vários atletas com quem ele trabalhou. "O que me cativou é o fato de ele ser transparente, de falar a verdade olhando nos olhos, seja ela uma crítica ou um elogio. Ele não mente e não age com falsidade, independentemente da situação", diz Maicosuel, comandado por Joel no Botafogo. "Ele puxa o jogador para o lado dele, trata do capitão aos meninos da base da mesma forma", diz o volante Éverton, um dos que ganharam espaço com Joel no Cruzeiro.

As qualidades valorizadas pelos jogadores foram acompanhadas de perto por Carlos Eduardo Mansur, ex-assessor de imprensa do Flamengo. Segundo ele, Joel não expõe seus atletas em entrevistas, tampouco pede publicamente por reforços, para valorizar o grupo que tem em mãos. "Joel fala abertamente, des-

O estilo Joel no Cruzeiro

Confusão com os nomes de jogadores, troca da braçadeira de capitão, instruções incompreensíveis aos estrangeiros... Fiel a seu estilo folclórico, Joel Santana diverte imprensa e jogadores com situações inusitadas

Joel: confusão com os nomes dos comandados e até com o capitão

ORTIGOZA OU FABRÍCIO?
"Fabrício, entra no lugar do Wallyson entre o quarto-zagueiro e o lateral." Assim Joel conversou não com o volante Fabrício, mas com o atacante paraguaio Ortigoza, que entrou no decorrer do jogo contra o Vasco no Rio.

"O DA MERCEDES"
Depois de ter sido chamado de "Diego" durante parte do jogo contra o Vasco, o segundo de Joel no comando do Cruzeiro, Thiago Ribeiro passou a ser conhecido pelo técnico como "o da Mercedes", em referência ao carro do jogador.

QUEM É O CAPITÃO?
Após o jogo contra o Vasco, Joel admitiu que se confundiu ao escolher Montillo como capitão — e não Fábio, o dono da braçadeira. Para encerrar o assunto, Joel afirmou: "Capitão sou eu. Os outros são soldados".

MONTILLO E O PORTUGUÊS
Na primeira semana de trabalho de Joel, o argentino Montillo confessou não ter entendido algumas palavras do técnico. Durante o treino, Joel gritava ordens como "vamos lá, pitbull, não dá mole", "vocês têm que 'tourear'" e "dá o bote, dá o bote".

contrai o grupo. Não tem um episódio ruim dele com qualquer atleta. Como é muito honesto, não coleciona desafetos", diz.

O jeito bonachão, porém, não significa que Joel admita indisciplina. "Se precisar chamar atenção, eu chamo. Jogador não reclama, joga. Jogador não dá declaração, joga. Não tenho que ficar falando muito. Tá chateado? Treina. Não tenho preferência. Minha preferência é o clube", diz, lembrando seus limites. "Já falei com eles: 'Não preciso usar minha hierarquia com vocês. Quando eu começar a fazer isso, a coisa não vai ficar legal. Não preciso ficar gritando ou xingando. Não trato meus filhos assim, vou tratar vocês?' Uma coisa que me dói é chamar atenção de jogador, mas se for preciso..."

À moda antiga

Ao lado de treinadores que usam e abusam de ternos e recursos tecnológicos, Joel Santana pode parecer anacrônico, com sua linguagem simples e direta. É impossível dissociá-lo de sua inseparável prancheta. "Anoto tudo o que faço, em tópicos. Tenho 5 minutos no vestiário e tenho que dar uma resposta aos meus jogadores sobre o que está acontecendo e o que pode acontecer", diz. Depois da prancheta, as anotações são passadas a um caderno, ao qual recorre para se lembrar de anotações de jogos passados e dados sobre a equipe. Joel também usa um quadro magnético. "Com ele eu gosto de transmitir o que está acontecendo porque é mais fácil de o jogador visualizar e pensar", disse. Mas o jogador só vê o que está no quadro. "Atleta não precisa ver o que está na prancheta, aquilo é só do papai. Papai guarda segredo... Eu anoto e passo para ele", brinca.

> "Ele tem o jeito bem-humorado, essa coisa de Papai Joel, e por isso as pessoas costumam subestimá-lo. Mas ninguém vence títulos só porque é bonzinho.
>
> **Carlos Alberto Parreira**

Leandro Guerreiro, que o conhece de longa data, nunca teve acesso ao conteúdo da mítica prancheta, mas aprova os métodos do treinador. "Ele é um dos melhores a ocupar os 15 minutos do intervalo. Sabe motivar e mexer com a equipe, e consegue trocar o esquema tático sem trocar as peças", afirma o volante. Ninguém menos que Romário afirmou que Joel foi o melhor técnico da sua carreira. "Ele consegue ver o jogo como poucos. No intervalo, ele consegue mudar o andamento de uma partida", disse o Baixinho ao programa *Bem, Amigos*, do canal Sportv. O lateral-direito Léo Moura, hoje no Flamengo, é outro que valoriza o trabalho de Joel. "Ele foi fundamental para me orientar em relação ao meu posicionamento na hora de marcar e atacar. Independentemente do esquema 3-5-2 ou do 4-4-2, eu tinha que atacar no momento certo. Acho que isso foi determinante", diz.

Aval de Parreira

A capacidade de fazer com que elencos nem tão brilhantes alcancem bons resultados é marca de Joel. Em 2010, após vencer o Campeonato Carioca pelo Botafogo, o treinador disse que sabia "fazer ovos sem omelete". Mas a maior missão de sua carreira – conduzir a seleção da África do Sul na Copa de 2010 – foi abortada a menos de um ano da competição. "Futebol é igual em qualquer lugar do mundo. Na Arábia eu trabalhava com garotos, não precisava de intérprete, eu misturava tudo para falar e ia para o campo. A

Papai Joel gostou...

FLUMINENSE 1995
O badalado Flamengo de Romário e Sávio era favorito para vencer o Campeonato Carioca de 1995, ano em se que comemorava o centenário rubro-negro. Com uma equipe sem muitas estrelas, o Fluminense conseguiu no último jogo uma vitória por 3 x 2 e levou o título, em jogo marcado pelo famoso gol de barriga de Renato Gaúcho.

BOTAFOGO 1997 E 2010
Em 1997, em sua primeira passagem pelo Botafogo, novamente correu por fora e conquistou o Campeonato Carioca de forma invicta. Em 2010, chegou ao clube após uma humilhante derrota de 6 x 0 para o Vasco. Recuperou o time durante o campeonato e acabou com a série de conquistas do rival Flamengo na final.

DOBRADINHA ÉPICA
Joel chegou ao clube depois da inusitada demissão de Oswaldo de Oliveira, que teve o contrato rescindido por Eurico Miranda antes do segundo jogo das semifinais contra o Cruzeiro pela Copa João Havelange. Com Joel, o Vasco foi campeão brasileiro e ainda conquistou a Copa Mercosul com uma virada épica sobre o Palmeiras.

FLAMENGO 2005 E 2007
Em 2005, Joel teve nove jogos para tirar o time da série B. Conseguiu seis vitórias e três empates e manteve o Fla na série A. Em 2007, assumiu a equipe na 13ª rodada do Brasileiro, quando o Flamengo era o antepenúltimo colocado. Fez o time sonhar com o título e terminou com o 3º lugar, com a vaga garantida na Libertadores.

COPA DAS CONFEDERAÇÕES 2009
Ponto alto da passagem de Joel pelo continente africano. Os Bafana Bafana transformaram um empate em 0 x 0 com o Iraque na estreia em uma eliminação sofrida diante do Brasil nas semifinais, com um gol de Daniel Alves a 2 minutos do fim. Na disputa pelo terceiro lugar, vendeu caro a derrota para a Espanha.

© 1 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI © 2 FOTO RICARDO CORRÊA

saída da seleção da África do Sul foi a maior surpresa da minha vida, pois tinha até recebido uma carta do presidente da confederação me parabenizando pela boa participação na Copa das Confederações. Trocou o presidente, trocou a cúpula, mudou tudo e isso me surpreendeu. Mas não guardo rancor de nada."

Para o ex-técnico Carlos Alberto Parreira, que indicou Joel à Federação Sul-Africana de Futebol em 2008, o insucesso teve pouco a ver com a capacidade do treinador. "Digamos que as expectativas dos sul-africanos eram muito grandes, para não dizer pretensiosas. O Joel fez uma ótima Copa das Confederações, mas depois teve uma sequência de derrotas. E aí, ninguém resiste", diz Parreira, que faz questão de ressaltar a qualidade do colega. "Ele tem o jeito bem-humorado, essa coisa de Papai Joel, e por isso as pessoas costumam subestimá-lo. Mas ninguém vence títulos só porque é bonzinho, tem que entender algo de futebol. Se você observar, os times do Joel sempre jogam de uma maneira bem compacta. Ele é um cara que sabe como poucos como montar uma equipe de acordo com o elenco que tem nas mãos", diz o treinador.

O Cruzeiro é o nono time que Joel Santana dirige na era dos pontos corridos do Campeonato Brasileiro – o décimo trabalho do treinador na competição desde 2003. Seu melhor aproveitamento em uma única competição foi em 2005, quando dirigiu o Flamengo em nove jogos, livrou o time da degola e teve 77,7% de aproveitamento. Para Parreira, no Cruzeiro Joel Santana terá, pela primeira vez, chances reais de disputar o título brasileiro. "Não adianta ter torcida e camisa se não tiver time. Foram poucas as vezes que ele teve nas mãos equipes que realmente tinham chance para brigar por títulos. Agora ele tem. O Cruzeiro tem camisa, torcida, estrutura e um bom elenco. Com certeza vai brigar pelo título brasileiro", diz o ex-treinador.

Se cumprir a previsão de Parreira, Joel pode dar um passo definitivo para ser levado a sério como treinador. Depois de tanto fazer rir, é ele quem pode rir por último.

Joel Santana não tem problemas em admitir que gosta de trabalhar à moda antiga: não abre mão de sua misteriosa prancheta e usa, no máximo, um quadro magnético. "Como vou deixar de lado um material de trabalho que me deu oito *(sete, na verdade)* títulos cariocas, a Copa João Havelange e a Mercosul?"

Papai Joel não gostou...

GUARANI, CORITIBA E INTER
Em outras experiências fora do Rio de Janeiro, Joel não conseguiu se firmar, ficando muito pouco tempo. Poucos se lembram de suas passagens meteóricas por Coritiba (2001), Guarani e Internacional (ambos em 2004). Em 2005, também passou sem nenhum brilho pelo Brasiliense antes de retornar ao Flamengo.

FLAMENGO 2008
Dono da segunda melhor campanha da primeira fase da Libertadores, o Flamengo era favorito contra o América do México na segunda fase, depois de vencer por 4 x 2 no jogo de ida. No Maracanã, o jogo de volta – último de Joel antes de assumir a África do Sul – terminou em tragédia: 3 x 0 para o América e Fla eliminado.

FLUMINENSE 2007
No início de 2007, chegou ao clube carioca após uma passagem discreta pelo Vegalta Sendai, do Japão, que não conseguiu a meta de subir para a primeira divisão. Sem conseguir classificar o time para as semifinais da Taça Rio, foi demitido antes do Brasileirão. Apesar do contrato de um ano, saiu do clube após 12 jogos.

DEMISSÃO DA ÁFRICA DO SUL
Apesar do bom desempenho na Copa das Confederações, Joel não conseguiu chegar à Copa do Mundo. Uma série de maus resultados e o constante questionamento da imprensa local culminaram com a demissão do cargo ainda em 2009. O saldo no comando da África do Sul foi fraco, com 27 jogos, 10 vitórias, 3 empates e 14 derrotas.

CORINTHIANS 1997
Em sua primeira experiência em uma equipe de São Paulo, Joel Santana chegou ao Corinthians com a missão de comandar a equipe no Brasileirão. Na bagagem, o status de ter vencido o Campeonato Carioca com o Botafogo, mesmo sem ser favorito. O time não engrenou e Joel nem chegou a terminar o ano na capital paulista.

OS MISTÉRIOS DA FAZENDINHA

GALINHAS SE MULTIPLICAM, MACACOS TROCAM O SEXO, OVOS SÃO ROUBADOS, PAVÕES PERSEGUEM TÉCNICOS E SÃO ATROPELADOS. NO ZOOLÓGICO ENCANTADO DO PARQUE SÃO JORGE, SEPARAR FANTASIA E REALIDADE SEMPRE FOI UM NEGÓCIO ARRISCADO

POR MARCOS SERGIO SILVA
DESIGN L.E. RATTO
ILUSTRAÇÕES NIK NEVES

Atenção, leitor: a história a seguir contém relatos de morte e sacrifício de animais, ocultismo, furtos, invasões, androginia e bichos, muitos bichos. Ela se passa em um terreno de 150 000 m² rodeado pela avenida mais movimentada de São Paulo, em que trafegam por dia 350 000 carros. Tudo isso a cerca de 50 metros de uma capela.

Ali, no Parque São Jorge – ou a Fazendinha, o microestádio do Corinthians, hoje demarcado por linhas de cal de futebol americano (é a casa do time campeão paulista da modalidade) –, uma onda de imprevistos vem condenando à morte quem vivia o clube 24 horas por dia: coelhos, pavões, porquinhos-da-índia, macacos, preás e galinhas-d'angola. Restaram apenas três aves, sem nenhuma ligação com africanos lusófonos.

A galinhada

Na área à esquerda do estádio Alfredo Schüring, palco de 469 jogos do Timão (o último, uma derrota por 4 x 1 para o Mogi Mirim em 1999), havia um minizoo com os animais soltos. Em meio às duas quadras de tamboréu – uma espécie de tênis jogado com um pandeiro em vez de raquetes –, viviam 40 galinhas-d'angola.

As aves, conforme a história contada pelos frequentadores da sede corintiana, eram herança da última passagem do técnico Vanderlei Luxemburgo pelo clube, em 2001. Na época, o Corinthians colecionava a pior sequência de resultados de sua história: em 18 partidas, havia perdido 15 vezes, empatado três e vencido apenas uma. Reza a lenda que a mãe de santo Leocádia Luxemburgo teria pedido ao irmão Vanderlei que levasse ao Parque São Jorge uma galinha-d'angola para cada gol que o Corinthians marcasse. "Eu não aconselhei, não. Peço a reza, rezo pelo meu irmão de sangue para que as coisas andem. Tudo vai daquilo que se faz. Mas galinha-d'angola é sempre para o bem", desconversa a mãe de santo.

Se a obra foi dela ou não, o resultado é que o Timão deslanchou, virou uma máquina de golear: 5 x 0 no Santos, 5 x 2 na Portuguesa, 5 x 1 no Botafogo de Ribeirão, 8 x 1 no Flamengo-PI... E, de repente, o parque viveu uma superlotação de bichos.

Os ovos da discórdia

Mesmo com a demissão de Luxemburgo, ao fim de 2001, as penosas continuaram. A esperança era de o treinador voltar um dia e reencontrar as galinhas. Há dois anos, um dirigente recolheu os últimos exemplares do terreno e os sacrificou. Alguém do

clube não queria mais as galinhas por lá. Mas o auxiliar de limpeza Lucinaldo Alves Pereira, 50 anos, trouxe mais galinhas. Ele é o responsável por cuidar de todos os animais que já passaram por ali e recolhe os ovos que são botados no terreno.

Uma delas, Linda Dalva, foi roubada. A grade de proteção do parque é baixa e não impede que estranhos invadam. Os alvos dos ladrões eram os ovos. "Um dia, enquanto limpava o terreno, um homem saltou de dentro da caçamba de lixo e fugiu", relata.

O sapo de pai jaú

A história das galinhas é a segunda relacionando Parque São Jorge e ocultismo. A primeira também envolvia animais – a lenda do sapo enterrado por um ex-jogador, o Pai Jaú, que culminaria no período sem títulos entre 1954 e 1977. O zagueiro morreu em 1988 negando a história, mas Robério de Ogum, pai de santo como ele, afirma ter desenterrado os ossos de um animal (ele não sabe explicar se era um sapo ou não) a dois dias da final do Paulista de 1977, contra a Ponte Preta. "Chovia muito. Eu desenterrei os ossos e falei que um homem do meio faria o gol", diz. Acredite ou não, mas foi Basílio, um meia, quem veio de trás para o tento redentor.

O pavão atropelado

Coelhos, preás e porquinhos-da-índia também foram sacrificados pelo pessoal da administração do clube. "Eles atraíam ratos", afirma Lucinaldo. Para reforçar a tristeza do zoo esvaziado, um casal de pavões morreu atropelado na vizinha marginal Tietê, enxotado por um frequentador do clube. Há relatos (não confirmados) de que o macho perseguia o técnico Tite em sua primeira passagem pelo clube, entre 2004 e 2005.

Macaco-flex

Um miquinho do tipo soim, que até então todos acreditavam que fosse um macho, morreu em abril. De câncer de mama. Só aí descobriram que Chiquinho, 60 anos, era fêmea. "Ele estava deprimido desde que a companheira – ou companheiro – se foi, há uns cinco anos, comida por um gato", lembra o auxiliar. Chiquinho, ou Chiquinha, era um assíduo frequentador do restaurante – e um dos favoritos dos sócios brincalhões.

O aquário de luxa

Luxa também trouxe 60 carpas para povoar o tanque de 10 metros de comprimento onde treinava a equipe de remo do clube – hoje os remadores preferem a raia olímpica da USP. Vanderlei ordenou aos funcionários que mantivessem os peixes para afugentar os mosquitos que atrapalhavam os treinos do time de futebol.

As carpas, como as galinhas, são mantidas com ração doada pelos sócios. O departamento de futebol cortou a verba de alimentação desde que as "galinhas de Luxemburgo" foram sacrificadas. Ao lado das galinhas, o auxiliar Lucinaldo resiste: "Aqui, quem dá mais trabalho é o bicho gente". Que São Jorge o proteja.

TODOS OS BICHOS DO PARQUE

MAIS DE UMA DEZENA DE ANIMAIS ENTROU EM CAMPO PELO TIMÃO

BODE Meia obscuro, pastou na fila de títulos na década de 40

COELHO Tirou da cartola o gol do título brasileiro de 2005

EDSON CEGONHA Volante dos anos 60 de pernas compridas. Não trouxe o aguardado título

EDUARDO RATINHO Lateral-direito em 2005. Não fez mais nenhum barraco depois disso

GALLO Foram dois: o atacante (1986) e o volante (2001). Nenhum cantou como o corintiano queria

GATÃO Campeão em 1954. Mas a torcida caía de amores por Cláudio, Luizinho e Baltazar

LEÃO Foi do tempo da Democracia Corinthiana. Rugiu muito, irritou Sócrates e acabou voltando para o Palmeiras

ONÇA Goleiro da derrota por 8 x 0 para o Palmeiras (então Palestra Itália), em 1933. A torcida ficou uma fera com ele

RATO Ponta-esquerda duas vezes tricampeão paulista nos anos 20 e 30. Nunca se escondeu

REGIS PITBULL Nem latiu nem mordeu no caótico time de 2004

TIGRE Centroavante do time de 1933. Faltou pegada

HTTP://ABR.IO/1EE8
Veja no site a galeria das excentricidades do Parque São Jorge

Damião acelera

ELE COMEÇOU A CORRIDA ATRASADO. ENQUANTO A MAIORIA DOS COLEGAS PROFISSIONAIS JÁ SE DESTACAVA NA BASE DOS CLUBES, LEANDRO DAMIÃO AINDA BATIA BOLA NA VÁRZEA DE SÃO PAULO. AOS 18 ANOS, FEZ UMA PENEIRA POR ACASO. A PARTIR DAÍ, TRABALHOU EM VELOCIDADE MÁXIMA PARA SUPRIR A FALTA DE FUNDAMENTOS. DEU CERTO

POR FREDERICO LANGELOH
DESIGN L.E. RATTO E HEBER ALVARES
*FOTO EDISON VARA**

*AGRADECIMENTO PAULO RICARDO THOMAZ/SIMÃO MOTOS/TAQUARA RS (VESPA 1961)

Damião arranca para o gol na final da Libertadores contra o Chivas

Ao desembarcar no Beira-Rio em 2009, as credenciais de Leandro Damião eram quase nada: destaque nas peladas do Jardim Ângela, em São Paulo, e uma breve experiência em times do interior de Santa Catarina. Agora, depois de dois anos, deverá se tornar a maior venda da história do Colorado. A expectativa é que o centroavante renda mais do que os 20 milhões de dólares que o Milan pagou pelo badalado Alexandre Pato.

Mas a meteórica história do atacante com nome de santo não pode ser contada num breve resumo. Trata-se de uma sequência de improváveis casualidades, que provocaria calafrios em qualquer sujeito que planejou sua vida profissional. Pegue, como exemplo, a peneira do Clube Atlético Hermann Aichinger, de Ibirama (SC). Por pouco Leandro Damião da Silva dos Santos não abandonou a carreira antes mesmo de ela ter começado. Foi em 2007, no mesmo ano em que Pato foi vendido ao Milan. Àquela altura, a ideia de ser jogador nem passava pela cabeça do centroavante do Inter. É verdade que ele vinha de uma sólida trajetória nos campos do Parque Ecológico de Guarapiranga, em São Paulo. Recebia 30 reais pelo fim de semana, defendendo o Tupicity em torneios amadores. Mas era isso. Damião pensava, no máximo, em se inscrever num vestibular de Educação Física. Mas aí o imponderável começou a fazer seu papel. O amigo de um amigo desistiu do teste que faria num time de Ibirama, Santa Catarina, e Damião acabou topando o convite para substituí-lo na viagem.

Prestes a fazer 18 anos, Damião foi a Santa Catarina, fez a peneira do Aichinger e... não passou. Sem fundamentos (geralmente já bem trabalhados pelos garotos dessa idade nas categorias de base), teve uma atuação discreta. Mas eis que Ayres Marchetti, presidente do clube, viu alguma coisa diferente no guri. “Fui um dos poucos a acreditar nele aquela tarde. Parecia desajeitado demais, com todo aquele tamanho (1,87 metro). Mas vi ali um espírito vencedor.” E Leandro ficou no clube. Logo foi transferido para o XV de Outubro, de Indaial, equipe da terceira divisão catarinense. Ficou lá por seis meses e acabou apelidado de Leandrão.

Nessa época, o pai do jogador, Natalino, ou seu Bigode, costumava guardar 50 reais todo mês (dos 1100 reais que recebia como caseiro e jardineiro) para enviar ao filho. A grana complementava os 70 reais que o atacante recebia de salário. Sem condições de ir a Santa Catarina, seu Bigode acompanhava os jogos por uma rádio de Ibirama. O pai do centroavante está há 21 anos em São Paulo. Deixou Jardim Alegre (PR) logo que o camisa 9 do Inter nasceu. Na capital paulista, o amor de Natalino pelo Flamengo foi substituído pelo Corinthians. Quando podia, levava os filhos (Edimar, Leandro e Jéssica) ao Pacaembu. “O Leandro gostava de ver o Marcelinho Carioca e o Viola em campo. Acho que ele se inspira nesses dois até hoje”, diz Natalino.

ACOMPANHE A EVOLUÇÃO DOS SALÁRIOS DO JOGADOR

30 reais era quanto Damião ganhava por jogo na várzea em São Paulo

70 reais foi o primeiro salário do jogador, no clube Hermann Aichinger, em 2007

80 mil reais era o salário no Inter antes da renovação em julho

300 mil reais (mais bonificação por produtividade) é o salário atual

Leandrão vira Damião

Na virada de 2008 para 2009, Leandrão subiu para os profissionais do Hermann Aichinger. Marcou oito gols no Catarinense, o goleador do time no torneio. Com o destaque, foi emprestado para o Marcílio Dias no segundo semestre, para a disputa da série C. Apesar da reserva em Itajaí, voltou para Ibirama sob elogios. Sergio Ramirez, o técnico uruguaio do Marcílio, comentou com os dirigentes do Aichinger: "Vocês têm uma joia aí. Mas Leandrão precisa ser trabalhado, faltam-lhe fundamentos".

Em abril de 2009, o Inter B precisava de um centroavante de área para um torneio regional. O empresário Sandro Glatz montou um vídeo com lances de seis jogos de Leandrão – "até com os lances de canela" – e de seus oito gols no Catarinense e o indicou. O centroavante era novo e atendia às exigências do clube gaúcho. "Ninguém no mercado dava bola para ele. Foi fácil liberá-lo para o Inter", afirma Glatz. Leandrão desembarcou no Beira-Rio e logo transformou-se em Leandro Damião. Tudo porque Leandrão, também centroavante, estava no Inter B (hoje ele joga pelo ABC, de Natal) e jamais caiu no gosto dos torcedores colorados.

"Logo que cheguei, me disseram: 'É melhor você trocar o nome ou acabará xingado de graça'. Aí, troquei para Leandro Damião", conta o devoto de Cosme e Damião. O centroavante chegou de graça para um período de três meses de contrato, prorrogáveis por mais nove meses. Mas, outra vez, quase foi dispensado. O Aichinger pedia 400 000 reais por 70% de seus direitos econômicos, mas após 40 dias de Inter, havia o entendimento de que ele demoraria muito a evoluir tecnicamente. Para sorte de Damião, o então diretor de futebol Giovanni Luigi (atual presidente do clube) discordou. E determinou que o jogador cumpriria o contrato de 90 dias.

Aí, o centroavante contou – outra vez – com o inesperado a seu favor. Encontrou no Inter o Projeto Aprimorar, que tem a finalidade de trabalhar fundamentos com potenciais titulares do time A. Ortiz, o ex-pivô da seleção brasileira de futsal (e dono de mais de 1500 gols na carreira), tocava o projeto. Ortiz trabalhou Damião durante oito meses, em treinos três vezes por semana. "O Leandro che-

O SEXTO DO INTER

DAMIÃO JÁ TEM MÉDIA HISTÓRICA ENTRE OS GOLEADORES DO CLUBE

1
BODINHO
247 gols em 255 jogos
0,96 gol por jogo

2
CARLITOS
315 gols em 381 jogos
0,82 gol por jogo

3
VILLALBA
146 gols em 194 jogos
0,75 gol por jogo

4
LARRY
177 gols em 268 jogos
0,66 gol por jogo

5
TESOURINHA
172 gols em 278 jogos
0,61 gol por jogo

6
L. DAMIÃO
36 gols em 63 jogos
0,57* gol por jogo

7
CHRISTIAN
96 gols em 174 jogos
0,55 gol por jogo

8
CLAUDIOMIRO
207 gols em 423 jogos
0,48 gol por jogo

9
ALECSANDRO
54 gols em 114 jogos
0,47 gol por jogo

10
A. PATO
12 gols em 27 jogos
0,44 gol por jogo

* COMPUTADOS ATÉ A 9ª RODADA DO CAMPEONATO BRASILEIRO

Há quatro anos, Damião disputava bolas na várzea

©1

gou muito cru. Trabalhamos cabeceio e finalizações com os dois pés e proteção de bola. Com aquele tamanho todo, ele perdia a bola com muita facilidade, não flexionava os joelhos para se proteger. Agora é outro jogador", afirma Ortiz. O pupilo agradece. "Foi ele quem me ensinou a fazer o pivô na área e a bater com os dois pés. É um grande cara."

O trombador vira craque

Com o auxílio de Ortiz, Leandro Damião passou a fazer gols importantes e teve os 70% dos direitos comprados. Terminou o ano em alta e, na temporada 2010, foi inscrito na Libertadores. Jogou a decisão contra o Chivas, com direito a um golaço no Beira-Rio, arrancando do meio-campo, passando por três mexicanos e batendo na saída do goleiro. Os gols seguiram também com o time reserva no Brasileirão, uma vez que os titulares eram preservados para a disputa do Mundial, mas teve sua ascensão brecada por Alecsandro – até então o preferido de Celso Roth. Mas Damião abriu 2011 como titular, chegando a ter média superior a um gol por jogo, e com convocações para a seleção brasileira. Na mais recente, a da despedida de Ronaldo, tietou o ídolo. "Ele até me deu dicas de como bater na bola", diz. Em abril, já havia mostrado que aprender era com ele mesmo. Aplicou uma lambreta incrível no zagueiro do Caxias do Sul e cruzou para o gol de Tinga – afastando a imagem de trombador desajeitado. Assim, Damião foi deixando para trás nomes como Alecsandro, Cave-

DAMIÃO COMEMORA

COM CADA VEZ MAIS GOLS NO CURRÍCULO, O CAMISA 9 DO INTER TEM APROVEITADO PARA CAPRICHAR NAS COMEMORAÇÕES. CONFIRA ALGUMAS DELAS

8 MINUTOS
Ergueu placa imaginária de 8 minutos – ironia ao tempo extra na final da Taça Piratini, a favor do Grêmio.

FALCÃO
Na estreia do técnico Falcão, o centroavante fez um gol e correu na direção do treinador, batendo asas.

MOTOCA
Damião acelera uma moto imaginária em homenagem ao irmão, que trabalha como motoboy em São Paulo.

BIGODE
Tira um bigode postiço do calção (de papelão e cordão de sapato) para lembrar o pai, o seu Bigode.

©1 FOTO EMILIANO CAPOZOLI

ELE CHEGOU DE GRAÇA E DEVE SE TORNAR A MAIOR VENDA

0 real foi quanto o Inter pagou pelo empréstimo por três meses

400 mil reais foi quanto o Aichinger pediu por 70% dos direitos de Damião

20 milhões de euros é por quanto o Inter pretende vender Damião em breve

50 milhões de euros é o valor da multa para tirar Damião do Internacional

naghi e Rafael Sóbis, que saíram do Inter durante a Damiãomania.

Antes mesmo de seus gols em cascata, e do interesse de ingleses (do Tottenham) e ucranianos (do Dnipro), o Palmeiras e o FC Tokyo já haviam tentado contratar o camisa 9 do Inter. O Inter sonha vendê-lo por 20 milhões de euros. No mês passado, o clube ampliou o vínculo em mais seis meses, até julho de 2016, a fim de dar-lhe um polpudo aumento salarial (passando a receber quase 300 000 reais de salário mais bonificação por produtividade, como gols e convocações). Antes, o salário dele estava na casa dos 80 000 reais. A multa, de estratosféricos 50 milhões de euros, permaneceu intacta. "Muitas propostas têm chegado, mas nossa condição para conversar com qualquer clube é que ele permaneça conosco ao menos até o fim do Brasileirão", diz o presidente do clube gaúcho, Giovanni Luigi.

100% Jardim Ângela

O sucesso de Damião fez seu Bigode abandonar o emprego. Trabalhava como faxineiro em São Paulo e, sempre que o filho enviava-lhe passagens para assistir aos jogos no Beira-Rio, o patrão reclamava. "Pedi as contas. Quando receber o quinto mês de auxílio, vou procurar outro emprego. O Leandro sempre me pergunta se preciso de algo, mas, por enquanto, estou muito bem", afirma Bigode. Damião não pretende tirar o pai nem o irmão, que trabalha como motoboy, do Jardim Ângela. Quando tocou no tema, logo foi convencido pela dupla a deixá-los "em casa". Foi lá também que conheceu a namorada Nádia, sua companheira desde os tempos de anonimato. Sempre pensa na reação dos amigos quando Denílson, ex-volante do São Paulo, atualmente no Arsenal, tirou a família do Jardim Ângela. "A turma de lá não viu isso com bons olhos", conta Damião. Ainda que o sonho de todo jogador brasileiro é atuar no exterior, Damião assegura que o glamour da Europa pode esperar. "Quer saber? Não me preocupo com essa coisa de grana, nem tenho pressa de ir para a Europa. Tenho um bom contrato com o Inter e sou feliz aqui", afirma. A torcida só pode esperar que ele continue acelerando feliz por muito tempo na pista gramada do Beira-Rio.

DAMIÃO POR DADÁ

DADÁ MARAVILHA, ASSIM COMO DAMIÃO, COMEÇOU TARDE A CARREIRA

"Adoro ver Leandro Damião em campo. Se eu encontrá-lo, darei umas dicas. Damião precisa treinar mais o giro de corpo. Ainda está muito durão. Ele precisa ter aquela coisa que eu tinha, de dar um tapa na bola, tirar o zagueiro do lance e já bater. Damião é muito forte e, por isso, gira muito lentamente. Sei como é isso porque fui me aprimorar somente aos 26 anos. Se ele corrigir esse probleminha, será o titular absoluto da seleção brasileira, anos-luz à frente de Fred, Pato e companhia. O que o diferencia dos demais é o fato de ser faminto por gol."

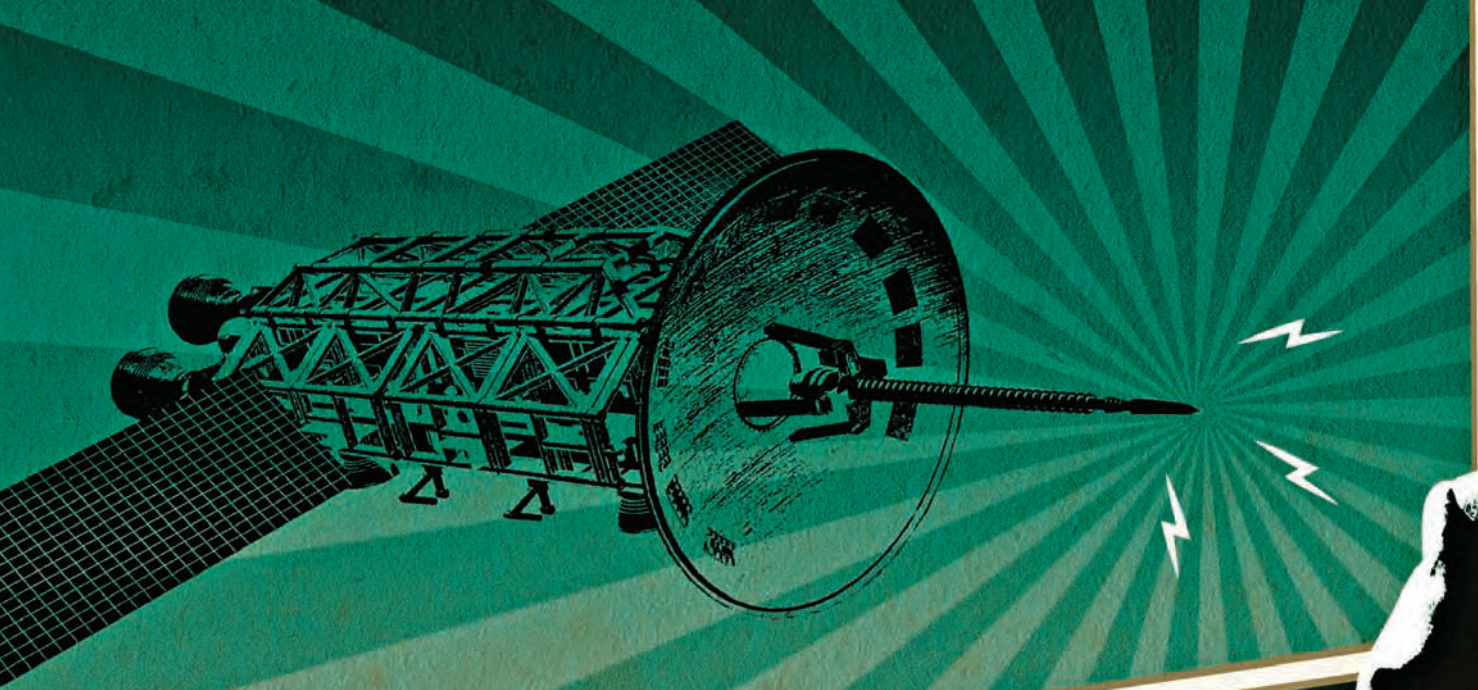
O BOI Coloca os indicadores ao lado da testa e sai correndo em homenagem ao apelido do seu tio Carlinhos.

PIPA Empina uma "pipa", lembrando o passatempo predileto da garotada do Jardim Ângela.

ABRAÇO Damião olha pra torcida e se abraça, como que atingisse todos os torcedores presentes no estádio Beira-Rio.

PESCARIA Com uma vara de pesca imaginária, roda o carretel depois de marcar o gol contra o Santos.

APLAUSOS Quando recebe um cruzamento açucarado, comemora batendo palmas pela assistência.

HADOUKEN O golpe do game *Street Fighter* é o preferido de Damião, que atira "raios" com as mãos na comemoração.

O FIASCO DO
PROFESSOR

PROCESSOS NA JUSTIÇA, IMBRÓGLIOS SOCIETÁRIOS E ALUNOS LESADOS. ESSE É O SALDO DO INSTITUTO WANDERLEY LUXEMBURGO, AVENTURA EDUCACIONAL ENCABEÇADA PELO TREINADOR DO FLAMENGO QUE NAUFRAGOU DOIS ANOS DEPOIS DE NASCER

POR GUILHERME COSTA DESIGN L.E. RATTO
ILUSTRAÇÕES MARCELO CALENDA

A noite de 1º de outubro de 2007 será eternamente um marco na vida de Vanderlei Luxemburgo. Nessa data, o treinador ciceroneou no Jockey Club de São Paulo um pomposo coquetel. Entre os convidados, Pelé, Hortência e o ministro do Esporte, Orlando Silva. E jornalistas aos montes. Era a festa de lançamento do Instituto do Futebol Wanderley Luxemburgo (assim, com "w" e "y", grafia que ele havia abandonado anos antes). Uma iniciativa ambiciosa que, dois anos depois, viraria um retumbante fracasso, com troca de acusações e ações judiciais envolvendo o técnico e seus ex-sócios, além de um exército de alunos insatisfeitos e se sentindo lesados.

A ideia não era ruim. A criação de um centro de ensino voltado ao esporte é necessidade em um país que vai receber a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016. Em cursos de extensão e pós-graduação, o instituto formaria fisioterapeutas, nutricionistas, fisiologistas, psicólogos, técnicos, preparadores físicos, assessores de imprensa e profissionais de marketing, entre outras especializações. O mercado é carente, existe um interesse enorme no assunto, e um nome com o peso de Luxemburgo ajuda a vender as aulas.

O caminho entre o projeto promissor e o fiasco total foi percorrido em pouco mais de dois anos. E os fatores que levaram o IWL de um ponto a outro dividem as opiniões dos sócios, dos empresários que investiram em franquias e do treinador que emprestou seu nome à instituição de ensino.

Ideia do juiz

O projeto de criação do IWL foi oferecido a Luxemburgo no início de 2007, quando comandava o Santos. Ele foi procurado por um juiz de Santos chamado Celso Ricardo Peel Furtado de Oliveira, que apresentou o negócio.

A esposa do juiz, Andrea Corrales, já tinha experiência no segmento de educação. Ela geria uma instituição que preparava alunos para concursos públicos, e o objetivo de Peel era unir essa experiência ao valor que a "marca" Luxemburgo tinha no futebol. Além de Andrea Corrales, a sociedade contava com José Roberto Corrales, irmão dela, e Fernando Luft, dono do grupo Luft, que atua nos segmentos de logística e transporte. Luft é descrito por uma série de envolvidos no projeto como o grande artífice financeiro da criação do IWL.

A ideia era montar uma sede para o instituto – o grupo escolheu Barueri, na Grande São Paulo. Os professores ministrariam aulas de lá, em salas com espaço dividido por alunos e câmeras. O conteúdo seria transmitido via satélite e ao vivo para filiais em diferentes partes do Brasil e até do mundo. Na festa do Jockey, a organização projetava abrir 30 unidades no país até o fim daquele ano – cada uma seria vendida por algo entre 150 000 e 200 000 reais, e as mensalidades dos cursos girariam em torno de 400 reais. Toda a montagem seria custeada pelos franqueados.

O grupo também trabalhava com uma previsão de faturamento bruto mensal de 150 000 reais para cada franquia. Com isso, havia uma expectativa de recuperação do investimento em até quatro meses.

Luxemburgo era um chamariz do projeto, mas não era o único. O treinador cercou-se de um grupo de profissionais conhecidos no futebol brasileiro, que foram convidados por ele para dar aulas no instituto. No começo, o IWL tinha, por exemplo, Suzy Fleury como titular de psicologia do esporte, José Carlos Brunoro como responsável pelo marketing, Nilton Petrone (também conhecido como Filé) na área de fisioterapia e Antonio Mello (que acompanha Luxemburgo por todos os times que o técnico treina) lecionando preparação física.

Havia uma parceria com a Universidade Castelo Branco, do Rio, que emitia títulos de especialização para os alunos que concluíssem o programa.

SEM APOSTILAS

Os alunos do IWL não recebiam nenhuma apostila ou material impresso. Todo o conteúdo pedagógico do curso era armazenado na página oficial do IWL, em uma seção para os estudantes. O acesso só era permitido a quem apresentava o número de matrícula.

Contas de menos

A remuneração dos professores estava condicionada ao número de alunos, regra que também valia para as franquias. Cada unidade ficava com 45% da arrecadação, e os outros 55% eram retidos pela matriz. Segundo as contas de um dos franqueados, era preciso ter um mínimo de 50 matriculados para uma unidade de estrutura enxuta, administrada pelo dono e com funcionários apenas na secretaria, gerar lucro.

Os problemas começaram na venda. Pouco depois do lançamento, o preço de cada franquia desabou para 50 000 reais. E, com os descontos oferecidos, nenhuma das unidades chegou a ser comercializada por esse montante. Somados os custos de instalação, pessoal e propaganda, o investimento inicial de uma franquia passava de 200 000 reais. Com o número comedido de alunos nos primeiros meses, inviabilizou-se o retorno financeiro na velocidade que os sócios prometiam aos franqueados.

"Eles achavam que teriam sucesso desde o primeiro dia. Prometeram remuneração em função do número de alunos, e achavam que cada unidade chegaria rapidamente a 1000 alunos pagando 400 reais por mês. Acreditavam que tinham um negócio gigantesco nas mãos, mas chegar a 1000 alunos é algo astronômico. Muitas faculdades não têm isso", diz Helcio Kronberg, advogado que foi sócio de seis franquias do IWL no Brasil e outras três nos Estados Unidos.

No total, o investimento do grupo de Kronberg no IWL ficou em torno de 3 milhões de reais. Agora cobra dos sócios do IWL esse valor na Justiça, acrescido de danos morais. "O que aconteceu é que o franqueador começou a enfrentar problemas e em determinado momento fechou as portas. Quem ainda estava com unidades abertas teve de fechar, e muitos alunos não puderam concluir o curso. Outros até terminaram, mas ficaram sem certificado. Esse passivo com os alunos colocou os franqueados em situação delicada", explica Maurício Costa, advogado que representa 11 franquias (as seis nacionais de Kronberg e outras cinco) em ações na Justiça contra o instituto.

Nos tribunais

Costa moveu cinco processos contra o IWL, e apenas um foi julgado em primeira instância. O Centro Educacional Agostini, franquia controlada por Andreza Agostini, conseguiu vitória na 35ª Vara Cível da Comarca de São Paulo, que estipulou uma indenização de 550 000 reais, mais correção monetária e royalties. A ação foi julgada à revelia porque o instituto não se manifestou. O processo de execução já foi iniciado em nome da empresa Instituto Wanderley Luxemburgo Ltda.

Só no Fórum Central de São Paulo,

1 MILHÃO

O MAIS FAMOSO FRANQUEADOR DO IWL FOI PETKOVIC, QUE COMPROU UMA FRANQUIA NA BARRA DA TIJUCA, RIO DE JANEIRO. O CONTRATO TINHA UM LIMITE DE INVESTIMENTO PARA MONTAGEM DE CADA UNIDADE, MAS PET EXTRAPOLOU E FEZ UMA ESCOLA DE PELO MENOS 1 MILHÃO DE REAIS. A UNIDADE CAUSOU CELEUMA. HAVIA OUTRA UNIDADE DO IWL NO CENTRO DA CIDADE, DO GRUPO DE HELCIO KRONBERG, QUE REIVINDICAVA EXCLUSIVIDADE PARA O RIO.

há oito processos contra o IWL. No de Barueri, há outros cinco. Paulo Mendes, dono de uma franquia do IWL em Maringá, ainda não acionou a Justiça. Professor de educação física, ele havia recorrido a um colega e iniciado uma sociedade para abrir uma unidade do negócio. Acumulou um prejuízo de 200 000 reais. Fez empréstimos bancários, e diz que ainda levará cerca de cinco anos para compensar o déficit. Ele geriu a franquia por dois anos. Conseguiu 32 alunos no primeiro, mas viu o número desabar para 12 no segundo. "O problema é que os cursos foram péssimos. Com exceção de dois ou três professores, eles davam palestras e não aulas. Não era um conteúdo com nível de pós-graduação. Levei mais de 100 pessoas para verem as aulas, mas ninguém quis se inscrever em um curso", completa o empresário.

A SEDE EM BARUERI

Em uma área de 380 metros quadrados, o IWL pretendia montar três estúdios em Barueri para a transmissão das aulas. Dois deles ficaram prontos, mas faltou dinheiro para o último. As aulas eram geradas de lá, exibidas ao vivo em todas as franquias, e os alunos das filiais viam os cursos em grandes televisores. Os estúdios de Barueri eram em formato de arena, e cada um tinha espaço para 100 alunos. A ideia inicial era fazer com que a matriz do IWL também aceitasse inscrições, mas isso gerou críticas das filiais, que viam desvantagem para seus alunos em relação aos estudantes da sede.

Olha o nível!

Críticas ao nível das aulas são recorrentes no discurso de franqueados e alunos. Há reclamações por falta de um projeto pedagógico e pela ausência de comprometimento — sobretudo por serem cursos chancelados por uma instituição de ensino superior, com status de pós-graduação. Como os professores eram profissionais do futebol, muitos deles enfrentavam problemas de agenda. "O Luxemburgo deu uma aula só", acusa Mendes. "Isso não existe. Havia um programa, e nós até tivemos duas aulas transmitidas ao vivo pela rádio Bandeirantes", responde Luiz Lombardi, assessor de imprensa de Vanderlei Luxemburgo e responsável pelo curso de assessoria de imprensa no IWL.

Contudo, a discussão sobre o nível das aulas era apenas uma das polêmicas. A entidade chegou a ter mais de 1000 alunos matriculados em novembro de 2008, mas começou a conviver com problemas administrativos. As aulas via satélite, por exemplo, foram substituídas por cursos transmitidos pela internet, modelo mais barato de negócio.

A mudança coincide com uma alteração no comportamento de Fernando Luft. O principal investidor do projeto havia diminuído seu ímpeto em função da crise financeira internacional, e o reflexo disso no IWL foi imediato. Os problemas começaram a aproximar as franquias. Além de reclamações sobre o sinal de satélite e o trabalho de professores, as unidades criticavam a expansão do IWL, que começou a ameaçar a exclusividade territorial que o contrato oferecia a esses centros — para não criar rivalidade entre escolas, o instituto se comprometia a não abrir mais de um ponto em uma mesma região.

Em 2008, as franquias se aglutinaram em torno de uma associação, que nunca chegou a ser constituída juridicamente. Esse grupo passou a servir como fórum para conversas e discussões sobre problemas comuns que as unidades viviam.

O grupo que controlava o IWL recorreu a José Carlos Brunoro, que até então era professor de marketing esportivo. Entre o fim de 2008 e o início de 2009, ele assumiu a gestão e recebeu a incumbência de "salvar" a instituição. Enquanto isso, algumas unidades, como as seis nacionais controladas por Kronberg, já haviam deixado de aceitar novos alunos.

A grana sumiu

Nesse momento, começaram a surgir também os problemas de repasse. Por contrato, o pagamento de mensalidades deveria ser feito via boleto bancário diretamente à matriz, que repassaria a parte relativa às franquias. Na prática, algumas unidades passaram a inscrever alunos com uso de cheques pré-datados, e esse dinheiro parava diretamente nas escolas, sem passar pela matriz. O faturamento do IWL minguou. O número de alunos já havia caído, mas os problemas de repasse e a falta de respaldo dos investidores complicaram ainda mais a situação administrativa da rede, que passou a aumentar os atrasos em pagamentos.

Em meio a esse processo, o IWL perdeu uma série de professores - os advogados Milene Castilho e João Zanforlin e a psicóloga Suzy Fleury, por exemplo. A ex-jogadora de basquete Hortência, que era responsável pela venda das franquias, também abandonou o barco. Oficialmente, todos eles alegaram problemas para conciliar agendas. PLACAR tentou ouvir vários desses profissionais, mas foram poucos os que aceitaram falar sobre o caso – e, ainda assim, pedindo anonimato.

A situação ficou ainda mais caótica em maio de 2009, quando Kronberg fechou de uma vez todas as unidades que ele controlava – as franquias dos Estados Unidos nem chegaram a iniciar a operação. Isso gerou um efeito cascata, que contaminou outras escolas do grupo. Na mesma época, acontecia em Barueri uma reviravolta. Fernando Luft, Andrea Corrales e José Roberto Corrales venderam o IWL para um empresário chamado Mario Malato, que pagou a quantia simbólica de 15 000 reais pela empresa. A companhia vivia uma situação de penúria. O fato de ele ter colocado dinheiro em um negócio fadado ao fracasso fez surgirem acusações de que Malato se tratava de um "testa de ferro" dos antigos sócios, que assim deixariam de ter responsabilidade legal sobre a escola.

"Não sabemos, na verdade, qual é a participação do Malato no negócio. É difícil acreditar que uma pessoa resolva comprar uma participação grande em um negócio que está à beira da falência e do fechamento, que tem uma série de passivos no mercado. É no mínimo estranho", afirma o advogado Maurício Costa.

"A Andrea, mulher do juiz, foi a primeira a sair do negócio. Aí o Fernando *[Luft]* e o cunhado do juiz disseram para o Vanderlei que queriam montar uma empresa para gerir cur-

O BOMBEIRO

JOSÉ CARLOS BRUNORO, QUE ERA PROFESSOR DE MARKETING ESPORTIVO DO IWL, ASSUMIU A GESTÃO DO INSTITUTO PARA TENTAR SALVÁ-LO DA BANCARROTA, SEM OBTER SUCESSO. QUANDO O IWL DECICIU PELO FECHAMENTO DAS PORTAS, ELE AJUDOU ALGUNS ALUNOS A CONCLUÍREM SEUS CURSOS, ARRUMANDO UMA EQUIPE DE PROFESSORES PARA CORRIGIR OS TRABALHOS FINAIS E, ASSIM, CONSEGUIR O CERTIFICADO.

DIPLOMA?

O fim do IWL foi anunciado aos alunos antes mesmo de os cursos de 2009 terem sido encerrados. Muitos estudantes ficaram sem certificados de conclusão. Paulo Mendes, dono da franquia de Maringá (PR), soube do fechamento do IWL e resolveu agir. Procurou a Universidade Castelo Branco e conseguiu que os estudantes concluíssem os cursos lá. "Só por isso eu não fui processado", diz. Funcionários do IWL dizem que algumas franquias teriam emitido diplomas, mas sem aprovação da Castelo Branco, preceito fundamental para o documento ser reconhecido pelo MEC.

sos em outros segmentos. Chegaram a falar com a Ana Botafogo para fazer algo com balé. O Vanderlei até se interessou, mas eu disse que não. Com essa desculpa, eles montaram a empresa e se retiraram da sociedade como pessoas físicas. Passaram a ser representados pela Fractal, essa nova empresa, e aí venderam para um laranja", diz Antonio Carlos Sandoval Catta-Preta, advogado do treinador.

Luxemburgo ficou revoltado por não ter sido consultado sobre a venda – por contrato, a empresa tinha de ser oferecida a ele antes de ser negociada com qualquer outro investidor. Luxemburgo se recusou a participar de uma reunião com Malato, e enviou Catta-Preta como representante. "O cara fingiu que não sabia falar português. Eu disse que marcaria outro encontro e que levaria um intérprete. Enquanto isso, o Fernando *[Luft]* e o advogado dele riam cinicamente", conta Catta-Preta.

Aos gestores do IWL, Malato teria dito que tinha um investidor italiano, mas que esse empresário desistiu do negócio e o deixou sem dinheiro para salvar a empresa. No fim de 2009, não havia entrada de dinheiro e as contas estavam atrasadas – a folha de pagamento, inchada por uma série de salários acima da média do mercado, girava em torno de 100 000 reais. Nesse momento, a escola encerrou suas atividades.

"Eles simplesmente fecharam as portas. Não atendiam ao telefone, e eu não conseguia falar com ninguém. Não existiu um comunicado de fechamento. Recebi apenas uma relação de advogados e os contatos do Catta-Preta e do Malato", diz Mendes, um dos sócios da franquia de Maringá.

Saldão de liquidação

O saldo do IWL é extremamente negativo. A escola deixou de pagar despesas como aluguel, condomínio, fornecedor de satélite, internet e sistema de controle administrativo. O instituto só não tomou mais processos porque o treinador investiu dinheiro do bolso para saldar compromissos com professores – o valor não foi confirmado, mas PLACAR apurou que Luxemburgo colocou mais de 1 milhão de reais na escola durante o processo falimentar. E o instituto só não foi despejado porque o andar ocupado pela empresa em Alphaville era de um amigo do treinador.

O nome vai estar eternamente ligado, mas Vanderlei Luxemburgo não é mais sócio do IWL. No dia 31 de agosto de 2010, a juíza Leonete Maria da Silva, da 3ª Vara Cível da Comarca de Barueri, concedeu liminar que afastou o treinador da empresa e que anula a venda da companhia, considerada fraudulenta.

O contrato social do Instituto Wanderley Luxemburgo Ltda. diz que o treinador não tem qualquer relação com prejuízos ou débitos causados pela escola. Trata-se de uma cessão de imagem, e ele é listado como sócio ainda que não tenha obrigação financeira com o projeto.

Luxemburgo foi procurado por PLACAR, mas não fala diretamente sobre o assunto. Tampouco Malato e os outros sócios responderam aos pedidos de entrevista. Quando foi noticiada a condenação do instituto no processo movido pelo Centro Educacional Agostini, em agosto do ano passado, Luxemburgo publicou em seu antigo blog uma declaração, cuja parte principal era: "Chegou ao meu conhecimento o fato de que o instituto que leva o meu nome, Instituto Wanderley Luxemburgo, atravessa momento difícil no aspecto financeiro. O UOL noticia condenação de alto valor oriunda de ação promovida por franqueado. Lamento profundamente tal situação e quero esclarecer os fatos de forma a não pairar nenhuma dúvida. Que fique bem claro: não respondo legalmente e não responderei por prejuízos relativos ao Instituto Wanderley Luxemburgo sejam de que natureza forem. Aqueles que me propuseram o empreendimento, aos quais já me referi, e a empresa FRACTAL, que os sucedeu, devem satisfações a mim, aos alunos, aos franqueados e à sociedade".

"ACHEI MEIO ENGANAÇÃO", DIZ ALUNA

O Instituto Wanderley Luxemburgo (IWL) deixou como legado uma legião de alunos insatisfeitos. As críticas passam por baixo nível das aulas, ausência de professores e o fechamento abrupto do centro de ensino.

Sobre as aulas, a análise recorrente é que os professores, profissionais do futebol, falavam sobre suas experiências e não sobre o conteúdo pedagógico. Para muitos estudantes, aquilo se aproximava mais de palestras que de aulas de pós-graduação. Alunos também reprovam a ausência de professores, que muitas vezes recorriam a substitutos. Como as aulas eram geradas da matriz, a comunicação com os mestres era difícil. "Na verdade, eu achei meio enganação. O professor era um, mas nunca tínhamos aula com ele", diz Liciane Linhares, que cursou jornalismo esportivo e gestão do esporte.

Liciane esteve ausente nas últimas aulas porque teve gestação de gêmeos. Não estava na sala quando o fim do IWL foi anunciado e não recebeu comunicado oficial. Tentou retornar, descobriu que a empresa não existia mais e ficou sem seus certificados. Outros alunos conseguiram concluir o curso. Um aluno de fisioterapia, que pede anonimato, procurou uma série de profissionais do IWL até falar diretamente com a Universidade Castelo Branco, que emitiu um diploma que não faz nenhuma menção ao IWL. Procurada pela reportagem, a universidade não havia se manifestado até o fechamento desta edição.

ESPÍRITO DE

LÍDER DA CONQUISTA DA COPA DO BRASIL, **FELIPE** VENCE O PERÍODO NA GELADEIRA, FAZ O VASCAÍNO REVIVER A DÉCADA DE GLÓRIAS E CRAVA: “ÍDOLOS SÃO PARA SEMPRE”

POR ***MARCOS SERGIO SILVA***
DESIGN ***GABRIELA OLIVEIRA***
FOTO ***FOTONAUTA***

“Não existe ex-ídolo.”
É uma frase para reverberar nos ouvidos vascaínos, acostumados a celebrar seus heróis. Foi assim com Ademir de Menezes nos anos 40, mesmo vestindo uma camisa tricolor depois do Expresso da Vitória. Barbosa, o goleiro sacrificado pelos brasileiros na Copa de 1950, santificou-se em São Januário. Roberto voltou ainda mais Dinamite depois de um passeio pela Espanha, em 1980 – como esquecer os cinco gols sobre o Corinthians, no Maracanã? E Ipojucan, Romário, Edmundo... A lista é imensa.

Felipe, o autor das aspas que abrem este texto, foi o penúltimo a viver essa “volta para casa”. O último, o vascaíno sabe, foi Juninho. Mas, para que o pernambucano viesse, foi preciso pavimentar o percurso lavando roupa suja e devolvendo o Vasco ao lugar em que merece estar. Felipe estava lá, no caos e na vitória. Chegou, adaptou-se, brigou e venceu. Exatamente nessa ordem.

“Eles estão confiantes de que podem ser muito importantes para a nova geração, a de Rômulo e Allan”, analisa o presidente vascaíno, Roberto Dinamite. “A volta de Felipe é o reconhecimento do atleta com a instituição Vasco, e da instituição com o atleta. É uma volta para casa. Isso já aconteceu comigo em 1980, e as voltas dele e do Juninho serão mais úteis do que a minha foi.”

Exagero? “O Vasco para mim é tudo”, afirma Felipe, formado lateral-esquerdo nas quadras de São Januário para não competir com o amigo que guarda até hoje, o ex-meia Pedrinho. “Ele foi o maior incentivador da minha volta. Eu tinha propostas de outros clubes do Brasil e, apesar de o Vasco ter errado com ele, o Pedrinho sempre falou que eu tinha que voltar para o Vasco.”

“Foi mesmo”, atesta Pedrinho, como Felipe e Juninho Pernambucano, um dos heróis do timaço de 1997, campeão brasileiro e, na sequência, também da América. “Eu sou Vasco. Torço, sofro, gosto do clube. Queria que o Felipe voltasse por ser vascaíno. Ele tem identificação.”

Da sala confortável em um condomínio da Barra da Tijuca, Felipe concorda. Difícil seria afirmar que ali não há um vascaíno. O filho Lucas, 6 anos, já dá seus passos no salão, a exemplo do que aconteceu com o meia, levado pelo pai, o taxista Jorge Loureiro, para jogar nas quadras do Vasco na mesma idade. Lucas não larga a bola nem o squeeze com o símbolo da cruz pátea. “Eu tenho essa facilidade de jogar no meio-campo por ter jogado futebol de salão, que é onde você tem que ter um raciocínio muito rápido. Meu filho vai jogar futsal no Vasco”, afirma.

> “O Pedrinho foi o maior incentivador da minha volta, apesar de o Vasco ter errado com ele.

No Rio, quem nasce perto da Colina tem uma queda pelo Almirante. A família de Felipe, vinda de um subúrbio da zona norte, foi assim. Mesmo morando hoje na zona oeste, o sentimento não pode parar. “Por eu ter nascido e me criado lá, em Higienópolis, virei vascaíno. Meu irmão do meio tem três filhos. O primeiro, meu afilhado, se chama Bismarck *[ídolo do Vasco nos anos 80]*.”

A geração de Felipe e Juninho Pernambucano foi a mais vencedora da história vascaína. Quem esteve entre 1997 e 2000 conquistou seis títulos em quatro anos. “A torcida ficou muito mal-acostumada”, diz o meia, 19 anos em 1997. “O Vasco tinha um plantel grande, formava dois times excepcionais. E viveu uma cri-

Felipe: sem planos de parar. Quando parar, vai ser no Vascão

se em que, de favorito, passou a ter um elenco normal e a brigar para não cair." Aquele elenco foi desfeito à medida que o então presidente Eurico Miranda espantava parceiros. O dinheiro do Bank of America, principal investidor do time, sumiu. O contrato com a Kappa, fornecedora de material esportivo, foi rompido. O Vasco virava um clube macunaímico, sem títulos, sem ídolos, dependente do humor de seu presidente.

Vencido o duelo contra Eurico Miranda em 2008, o atual presidente, Roberto Dinamite, tentou uma experiência com antigos ídolos. Havia Edmundo, Pedrinho e Odvan. O Animal parou sem nem mesmo uma despedida oficial. Odvan foi afastado durante a campanha do rebaixamento. Pedrinho não completou um jogo. "Se somar, não foram nem duas partidas", lembra. "A maneira como eles foram tratados foi ruim. Um ídolo é para sempre, não existe ex-ídolo", afirma Felipe. "O Pedrinho deveria integrar o atual elenco, nem que fosse para entrar só depois do intervalo." O ex-meia agradece, mas diz que no momento aceitaria apenas um cargo na comissão técnica.

A reconstrução

Foi a contratação de Rodrigo Caetano como diretor-executivo de futebol, nos primeiros dias de 2009, que ordenou a casa. Rodrigo, um ex-meia que defendeu Mogi Mirim e Juventude, passou a fazer a ponte com os atletas que jamais havia existido no Vasco — antes de Dinamite chegar à presidência, os jogadores tratavam diretamente com Eurico Miranda.

"Quando cheguei, em 2009, eu peguei o sofrimento pela queda *[para a série B]*. A reconstrução não foi só do clube, foi também do torcedor", diz Caetano, que acertou a volta de Felipe depois de o atleta ter manifestado interesse de retornar. "Ele voltou em um momento complicado, no Brasileiro, e fez um contrato longo por acreditar no projeto, um período de resgate."

Felipe foi repatriado do exílio no Catar ("Só nas finais das Copas do Rei e do Príncipe o estádio lota, mas não é para ver futebol — é para ver o rei e o príncipe") mesmo depois do fiasco da experiência com ex-ídolos, se é que eles existem. Surgiram os primeiros percalços no fim de 2010. O meia estava sem ritmo de jogo —

MELHOR AINDA

EM 99, PLACAR AVALIOU FELIPE. AGORA É O CRAQUE QUEM DÁ A NOTA

	1999	2011	Comentário
RESISTÊNCIA	3	3	"ELA É BOA. 3 ESTÁ BOM"
CHUTE	2	3	"3. PREFIRO DAR A ASSISTÊNCIA"
DISCIPLINA	3	4	"AH, EU AUMENTEI *(RISOS)*. BOTA 4"
DRIBLE	4	3	"BOTA 3. HOJE TOCO MAIS RÁPIDO"
MARCAÇÃO	2	3	"3. SOU MUITO MAIS DISCIPLINADO TATICAMENTE"
RECUPERAÇÃO	2	2	"MANTÉM 2 AÍ"
VERSATILIDADE	4	4	"4 TAMBÉM. JOGO EM DIVERSAS POSIÇÕES"
TOTAL	**20**	**22**	

NOTAS DE 1 A 5.

© FOTO RENATO PIZZUTTO

O DESTINO DOS CAMPEÕES

O QUE ACONTECEU COM O TIMAÇO DE 1997

1 CARLOS GERMANO
Treinador de goleiros do Vasco e responsável pela boa fase de Fernando Prass.

2 VÁLBER
Joga no time do São Paulo de showbol.

3 ODVAN
Estava no Vasco rebaixado em 2008. Disputa a série B do Rio de Janeiro.

4 MAURO GALVÃO
Gerente de futebol do Avaí. Treinou o Vasco em 2003.

5 FELIPE
Líder do Vasco campeão da Copa do Brasil neste ano.

6 LUISINHO
Ex-volante, é empresário do meia Juninho Pernambucano.

7 NASA
Dono da Nasa Global Fitness, academia de ginástica em Juazeiro do Norte (CE).

8 JUNINHO PERNAMBUCANO
Ídolo supremo, de volta ao Vasco.

9 RAMON
Ainda em atividade aos 39 anos, joga no Joinville.

10 EDMUNDO
Herói de 1997, aposentou-se em 2008. Comentarista esportivo na TV; o clube prepara despedida oficial.

EVAIR
Jogava por música. Virou técnico.

ANTÔNIO LOPES
Teve mais duas passagens pelo Vasco depois do período vitorioso de 1997 a 2000. Está sem clube.

no Al-Sadd, os treinos não eram constantes e havia apenas um jogo por semana – e o time vinha mal no Brasileiro. "As pessoas não querem saber se você começou a trabalhar há pouco, elas querem resultado", explica Felipe, criticado pelo péssimo início de temporada do Vasco – quatro derrotas para clubes como Resende, Duque de Caxias e Boavista. Contra o time de Saquarema, no Engenhão, o clima esquentou.

Dois jogadores foram afastados, Carlos Alberto e Felipe. O primeiro discutiu nos vestiários quando Dinamite foi tirar satisfações pelo resultado (3 x 1 para o clube da região dos Lagos). Felipe não. Substituído pelo técnico PC Gusmão aos 40 minutos do primeiro tempo, aguardou o sorteio do exame antidoping e foi embora antes de o jogo terminar.

"Achei uma afronta. De repente ele *[PC]* quis me botar de vilão na história pela fase ruim", diz Felipe. "O presidente, por ter sido jogador, sabe que depois de uma derrota todo mundo está de cabeça quente, ninguém gosta de perder. Vai até um conselho: quer conversar? Conversa no dia seguinte. Eu não estava lá *[no vestiário]*. Alguém, que não conseguiu descobrir quem foi, quis tentar manchar minha história no clube."

O meia ainda sente a fama de "marrento" que o perseguiu no começo de carreira. Mas Felipe não é mais aquele garoto de 1997. É um sujeito calmo, que curte a família e cujas confusões ficaram no passado. "Hoje sou um jogador muito mais experiente, mais tranquilo, que cumpre seus horários. Se você perguntar para o presidente do Vasco, para o Rodrigo Caetano, para o vice-presidente *[José Hamílton]* Mandarino *[sobre o afastamento do elenco]*, talvez eles possam te responder. Eu gostaria de saber qual é a resposta, mas ninguém sabe."

> Não tenho intenção de parar. O Juninho tem 36 e também não. Espero uma vida longa no futebol.

Roupa suja lavada

Caetano e Dinamite disseram que houve uma má interpretação do episódio. "Era um momento de turbulência e havia uma cobrança excessiva sobre ele", diz o diretor-executivo. "No período, houve um desentendimento, mas, por ser uma pessoa de personalidade forte e aberta, foi possível chegar a um acordo, o que não aconteceu com o Carlos Alberto", afirma Dinamite. Para ambos, a chegada do técnico Ricardo Gomes fez com que a responsabilidade fosse tirada dos ombros dos jogadores, e a má fase do time, superada.

"O Ricardo se firmou sem dar um só grito", afirma Felipe. "A cumplicidade entre jogadores fez com que o Vasco conquistasse a Copa do Brasil. Participei de outros grupos vitoriosos. O de 1997 era mais qualificado, mas a cumplicidade não era tão grande como agora. Na época, a gente resolvia porque tinha grandes jogadores, mas nesse grupo a cumpli-

SETE MOMENTOS

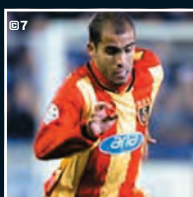
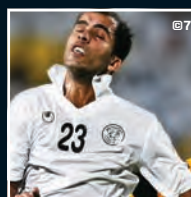
O MEIA ANALISA OS CLUBES PELOS QUAIS PASSOU

VASCO (1997 A 2000 E DESDE 2011)
"O Vasco é tudo. Eu conheço qualquer gueto de São Januário."

PALMEIRAS (2001)
"Foi uma experiência legal, disputei uma Libertadores. Tenho um carinho pelo clube."

FLAMENGO (2003 E 2004)
"Falam que joguei mais lá, mas era porque tinha só eu e o Júlio César! O Vasco era um timaço."

ATLÉTICO-MG (2001)
"Fui quebrar um galho lá porque o Ronildo tinha se machucado. É impressionante sua torcida."

FLUMINENSE (2005)
"É o único clube em que me sinto em dívida até hoje por ter sido suspenso por aquela agressão."

GALATASARAY (2002)
"Foi minha primeira saída do país. O turco é mais apaixonado que o brasileiro pelo futebol."

AL-SADD-CAT (2005 A 2010)
"O Catar é o lugar que vou guardar para sempre como o meu segundo país."

cidade é muito maior", afirma.

"Essa conquista da Copa do Brasil resgatou o orgulho vascaíno", diz Pedrinho. "O Felipe não iria admitir não conquistá-la. É preciso que o jogador se incomode para, quando ganhar, estar feliz como o torcedor. Você enxerga a vibração neles", explica o ex-jogador. Prova disso é que a festa começou com o apito final da partida contra o Coritiba, no Couto Pereira, e se estendeu até o Rio, com a recepção calorosa no aeroporto do Galeão. "Fiquei impressionado pela quantidade de pessoas. Nem na época da Libertadores foi assim. O título tirou toneladas das nossas costas. Pelos anos que o Vasco não conquistou nada, pela queda para a série B", diz Felipe. "Esse título estava entalado há 11 anos. Foi emocionante", diz Rodrigo Caetano.

O que vem por aí

O próximo passo, para o jogador e para o clube, é fazer um bom Brasileiro em 2011 e avançar na Libertadores do ano que vem. A manutenção do elenco campeão da Copa do Brasil já está garantida – se perdeu o lateral reserva Ramon, repôs na mesma hora com Julinho, do Avaí. "Falta ainda um bom pedaço", afirma Felipe. "O Vasco tem um grupo homogêneo, mas tem que se reforçar mais ainda." Roberto Dinamite conta que já prepara uma ou duas contratações até o fim do ano, sem perder suas principais peças.

Felipe e Vasco têm acordo até 2012. O jogador terá 35 anos, mas não pensa em parar – ainda que reforce que a despedida será no Vasco. "Não tenho data para isso", desconversa. "Não tenho intenção de parar. O Juninho tem 36 e não tem intenção. Eu sou uma pessoa que nunca bebeu, e isso ajuda bastante. Espero uma vida longa no futebol." "O exemplo de Felipe serve para o grupo atual e também para a base. O Vasco resgata seus ídolos em vez de negociá-los", diz um empolgado Roberto Dinamite.

O espírito de 1997 ainda está presente. O desafio é que o de 2011 se estenda até a eternidade.

VEJA MAIS NO SITE
Leia a entrevista completa com o meia vascaíno Felipe. http://www.abr.io/1Ehw

QUASE IRMÃOS

Felipe e Pedrinho se conhecem desde o futsal do Vasco. Tinham 11 anos. O meia optou pela lateral para não disputar lugar com Pedrinho. Mudou de posição e não perdeu o amigo. Os destinos seguem entrelaçados. A diferença dos filhos mais velhos é a mesma de Pedrinho para Felipe, 65 dias. "E o meu filho mais novo nasceu no dia em que o Pedrinho nasceu, 29 de junho", conta o meia do Vasco. A amizade continua firme: pelo menos uma vez por semana, eles almoçam ou jantam juntos.

Felipe e Pedrinho: amizade eterna

© 1 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI © 2 FOTO RODOLFO BUHRER © 3 FOTO ROGERIO PALLATTA © 4 FOTO DARYAN DORNELLES © 5 FOTO EUGÊNIO SÁVIO © 6 FOTO RENATO PIZZUTTO © 7 FOTO BEST PHOTO AGENCY © 8 FOTO MARCELO SADIO/VASCO.COM.BR

ESSE TAL DE ROCK GOL

VJ DA MTV CONTA OS BASTIDORES DO CAMPEONATO QUE REUNIU NO TOPO DE UM MORRO CARIOCA OS CRAQUES (E PEREBAS) DA MÚSICA BRASILEIRA

POR **EDUARDO ELIAS** *DESIGN* **GABRIELA OLIVEIRA** *FOTOS* **PAULO OTERO**

Em que outro campeonato um goleiro de 132 quilos vira herói? Em que outro torneio o atleta (?) ganha o apelido de “Garça Albina Black Power” ou “Samuel Goza”? Onde já se viu o franzino Pe Lanza, do Restart, marcar o cabeludo Cannibal, do Devotos do Ódio?

Juntos, nós da MTV e 88 músicos ingressamos numa espécie de universo paralelo. Uma viagem músico-futebolística à Lua. E essa impressão era reforçada pelo local escolhido para sediar as pelejas deste ano: o topo do morro dos Prazeres, no Rio de Janeiro, logo acima de Santa Tereza.

Com cerca de 7000 moradores, a comunidade foi (como agora se diz) pacificada. A polícia está no pedaço, e os traficantes não ficam mais no alto da curva, esperando o cliente ou o inimigo de metralhadora em punho.

A galera da favela recebeu a nossa muito bem. Em troca, ganhou não só a visita de músicos da pesada como também um campo de futebol society novo em folha, com grama sintética, vestiários, iluminação e alambrados altos (item fundamental para que a bola não voe morro abaixo – se bem que nossos craques e seus chutes maravilhosos ainda assim conseguiram sustentar o projeto “Doe uma Bola para a Comunidade”).

Cada vez que a gente subia o morro, naquela caminhada de 300 metros a partir do último estacionamento, era difícil não se impressionar com o visual quase aéreo do Rio, onde a baía de Guanabara abraça o Pão de Açúcar.

Trezentos metros de subida? Sim, a gente (inclua os atletas) chegava ofegante. Aí, olhava para o outro lado e conferia: a Arena dos Prazeres ficou um show, digna do local onde foi cons-

O novo campo no topo do morro dos Prazeres tem uma vista magnífica do Rio de Janeiro e é de uso da comunidade. Na foto de baixo, o goleiro Nasi, ex-Ira!, tenta desviar a bola telepaticamente

truída. E deu origem a algumas piadas do tipo “o legado já é maior que o do Pan de 2007” ou “a obra está mais adiantada que a do Itaquerão”.

Em campo, a graça estava garantida. Porque a fórmula é ótima: figuras conhecidas da música jogando bola. Alguns, como a turma do Skank e Tony Garrido, do Cidade Negra, levam totalmente a sério. Outros são mais movidos a álcool. Num caso ou no outro, vale minha teoria: é na vontade de jogar, no clima de campeonato, que os vacilos acontecem.

Aí já viu, não é? Espanada no taco, encontrão e gol contra, como o primeiro tento deste ano, marcado numa recuada do zagueiro Simoninha deslocando o goleirão Nasi (que já encarou até festa para os mil gols sofridos).

Há alguns anos, foi durante um Rockgol que um tal Nando Reis conversou com o amigo Samuel Rosa sobre como faltava uma música sobre futebol para a geração deles. Pronto. Era o pontapé inicial para “Uma Partida de Futebol”. Pouco tempo depois, todo mundo já cantarolava: “Bola na trave não altera o placar, bola na área, sem ninguém pra cabecear...”

Foi engraçado conferir que as composições, naquela hora do Rockgol, viram assunto secundário entre eles. Claro, sempre tem aquele papo para uma futura gravação no disco de fulano. Ou um acordo para dar canja no show alheio. Mas, em 90 por cento do tempo, o papo era o campeonato.

“Rodrigo Santos é o nosso Baresi”, exagerava o rapper Max DMN, mais conhecido como “Max Telefone de Contato”, ao falar do baixista do Barão Vermelho. “O Vicente é aquele zagueiro que surpreende e vai pro ataque, tipo Lúcio na seleção”, explicava o Morongo (ambos são pernambucanos do grupo Mombojó e levaram a medalha de vice do último torneio, em 2008).

Em outros anos, assistia aos jogos e sempre dei boas risadas com a narração da dupla Bonfá e Bianchi. Agora, do outro lado do vídeo, estreei como comentarista (falando sério às vezes) ao lado de ninguém menos que Marcelo Adnet, um comediante inacreditável, que imita, canta, inventa, dança e poderia, sim, narrar jogos para valer.

O cara virou meu parceirão e criou apelidos geniais para os jogadores. Olhou para o Lelo do Skank e decretou: “o Galo das Minas Gerais”. Viu a careca musculosa do Léo, do Tihuana, e logo arrancou um “Vin Diesel” (ex-seu Ronaldão). Adnet também avistou o confronto de Marcelo D2 com o cabelo rastafári do Cannibal e

OS CRAQUES DO ROCKGOL

O CHARME E A GRAÇA DE SEIS FIGURAÇAS DA EDIÇÃO 2011

ROCKGOL CAMPEONATO
Sáb. e dom. 19h; reprises seg. e qua. 15h15; qui. 9h e 9h45; sex. 20h e 20h45; final sáb. 13/8 às 19h. Na MTV. Veja o vídeo “Piores Momentos do Rockgol 2011” em www.placar.com.br.

CLÉSTON
Lenda do campeonato, joga na linha ou no gol desde 1997. O DJ do Detonautas foi goleiro na base da Portuguesa carioca. Seu nome já entrou para a história com a ênfase de “Cléééééééston”!

ESDRAS
O “Mendigo Candango” (da banda Móveis Coloniais de Acaju) é um goleiro com 132 quilos de agilidade. “Jogou com uns meninos na rua” para se preparar para o torneio. Virou herói.

WONDER
O guitarrista do grupo Sabonetes poderia ter mais visão de jogo, como o xará Stevie. Apesar das jogadas maravilhosas, acabou conhecido mesmo como a “Garça Albina”.

MAX DE CASTRO
O “Cruel de Moura”. Com topete e um toque grisalho, não gostou muito de saber que seu apelido era uma mistura de Léo Moura, do Flamengo, e Cruela Cruel, do filme dos dálmatas.

definiu: "O D2 não está conseguindo jogar. É muito duro para ele enfrentar o ídolo Bob Marley".

Tem também o exame pró-doping ("aqui, jogador sem substâncias ilícitas no sangue não pode jogar"), as opiniões de José Roberto Wrong e o "Baú do Rockgol" (memórias de campeonatos antigos narrados por Adnéo Batista).

Quase todos os clichês e gafes da transmissão esportiva tupiniquim entraram no nosso cardápio, desde o "Olha aí o sorriso da criança", passando pelo cartaz "Cala a Boca, Adnet!" até o "Tem bolinha na tela: agora, no estádio Chororão: Sandy 2, Júnior 1".

Em campo, o repórter Paulo Tiefenthaler fazia perguntas exóticas. Na cabine, Tatá Werneck, Rafael Queiroga, Fábio Rabin e Paulinho Serra levaram todo o humor do *Comédia MTV* para o universo do futebol. De outro mundo.

Nesse clima, nos divertimos todos. Alguns saíram contundidos? Sim, sim, acontece nos melhores campos. Um dedo fora do lugar aqui, uma torção ali. Mas quem subiu o morro para ver, jogar, narrar ou produzir a parada teve a mesma sensação: o Rockgol 2011 foi um grande barato. Espera aí: demora muito para o próximo campeonato?

LELO ZANETTI
O baixista do Skank queria lembrar seu xará, o lateral argentino que fez história na Inter de Milão. Mas ficou conhecido pela alcunha de "Galo das Minas Gerais". Menos mal que ele é atleticano.

TONY GARRIDO
O vocalista do Cidade Negra voltou à banda no início do ano e também ao Rockgol. Odeia o apelido "Chiliquenta". E, para surpresa de todos, jogou com uniforme igual ao do... Chile!

JÁ ESTOU COM SAUDADE

POR MARCELO ADNET

Participar do Rockgol 2011 foi uma experiência única. Primeiro porque, até então, eu tinha narrado apenas partidas de Playstation entre amigos. Então, foi uma descoberta em tempo real. Eu narrava, aprendendo, e chamava o Paulo Tiefenthaler no campo e o Edu Elias e os demais convidados na cabine e, juntos, nós aprendíamos um pouquinho a cada dia. Mas sabe quando um trabalho não tem cara de trabalho? Levantava da cama às 9 da manhã, saía de casa meia hora depois. E pegava uma van que subia a serra de Santa Teresa e as ladeiras do morro dos Prazeres, até certo ponto. Antes das 10h, já estava tomando um delicioso café da manhã, vendo a cidade de um ângulo inebriante, até então inédito para mim. Barriga cheia, ladeira íngreme acima. Muito mais do que 300 metros, como diz o Edu, pois chegávamos lá em cima invariavelmente esbaforidos. Lembro que o Tony Platão se contundiu durante essa subida e não jogou a competição, limitando-se a ser sósia da Cássia Eller. Lá em cima, inacreditável. O que esperar do cume de uma favela? Muita coisa, menos aquilo ali: um campo gramado, com traves, rede, iluminação, arquibancada e tudo mais. Vendo aquela rapaziada sorridente, tão perto de mim, ao mesmo tempo tão longe, me bateu uma esperança bonita. Pois a MTV conseguiu ajudar de fato a ocupar uma comunidade, não com polícia ou repressão, mas com alegria e um legado muito legais. Tanto pelo campo que fica de presente como pelas memórias de sediar o Rockgol 2011. Sempre que encontro Edu Elias, meu generoso companheiro de cabine, que, com seus comentários embasados, me deixava livre para improvisar, lhe digo: "Saudade da nossa infância", me referindo a essa experiência de que nunca vou esquecer. Eu, Edu, Paulo, Talita, Rabin, Paulinho Serra e Queiroga (equipe de transmissão) mais toda a produção e direção, também lhes digo – que saudade!

Edu, Talita, Adnet e Queiroga, na cabine de transmissão do Rockgol 2011

SELEÇÃO DE 82: BOA DE TÉCNICA, RUIM DE TÉCNICOS

A MÍTICA SELEÇÃO DE TELÊ ENCANTOU O MUNDO COM SEU TOQUE DE BOLA REFINADO. MAS A MAIORIA DOS TITULARES NÃO MANTEVE O BRILHO AO ASSUMIR O POSTO DE “PROFESSOR”

***POR* FELIPE ZYLBERSZTAJN** ***DESIGN* L.E. RATTO** ***FOTO* RODOLPHO MACHADO**

Até hoje há quem diga que esses caras foram vítimas da maior injustiça das Copas. Comandados pelo mestre Telê Santana, eles desfilaram um futebol que parecia ter atingido o ápice técnico – até que Paolo Rossi apareceu pela frente, e a improvável "tragédia de Sarriá" acabou com o sonho brasileiro. Mas e na hora de passar o futebol arte adiante? Por algum motivo, o aprendizado com Telê não conseguiu ser replicado. Tentativa de reeditar a Democracia Corintiana em solo carioca, passagens por times do Tocantins ao Uzbequistão e até cabeçadas em repórteres... Confira o desempenho desses craques à beira do campo.

VALDIR PERES

Estreou como técnico na Inter de Limeira (SP) no Campeonato Brasileiro de 1990. "Comecei muito bem, mas fui expulso contra o Botafogo e peguei 90 dias de gancho. Depois só passei por equipes pequenas e não tive chance de mostrar o que eu sabia." Entre os clubes, Uberlândia (MG), Araguaína (TO), Itabaiana (SE) e Rio Branco (PR). Hoje Valdir é comentarista na Sportv. "Mas se houver um convite legal, de uma equipe de ponta, posso voltar a treinar sem problemas."

LEANDRO

Trabalhou com Júnior no Flamengo em 1997. Dois anos depois, virou coordenador técnico da Cabofriense (quando "contratou" o colega Sócrates como técnico). Afastou-se dos campos para administrar a Pousada do Leandro" na bela Cabo Frio (RJ).

OSCAR

Treinou brevemente o Guarani em 1994. Entre 1992 e 2001, colecionou passagens pelo futebol árabe, nos times Al-Ittihad, Al-Shabab e Al-Hilal. Também foi técnico do ótimo Cruzeiro de 1997 (campeão mineiro e da Libertadores naquele ano), mas por cinco partidas apenas. Hoje é dono do Oscar Inn, um hotel que leva seu nome em Águas de Lindóia (SP).

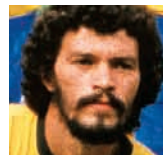
FALCÃO

Assumiu a seleção brasileira, com a missão de reformulá-la, logo após a decepcionante Copa de 1990. Conseguiu o segundo lugar na Copa América de 1991, sem muito brilho. Fez um bom trabalho no América (México) nos anos seguintes e voltou ao Brasil para comandar brevemente o Internacional em 1993. Entre 1994 e 1995 foi o técnico da seleção japonesa. Não conquistou títulos e virou comentarista na TV Globo. Deixou o trabalho na imprensa para voltar ao Inter em 2011. Foi eliminado nas oitavas de final da Libertadores, e depois ganhou o Campeonato Gaúcho. Mas não chegou à décima rodada do Brasileiro.

LUIZINHO

O zagueiro comandou as categorias de base do Atlético Mineiro por um breve período. No fim de 2008 foi eleito presidente do Villa Nova (MG), mas renunciou cinco meses depois.

JÚNIOR

Treinou o Flamengo em 1993, 1994 e 1997, sem sucesso. Em 2003, assumiu o Corinthians. O desempenho? Duas derrotas em dois jogos.

SÓCRATES

O Doutor treinou a LDU (Equador) em 1996. "Fui mais para conhecer a cultura local. Mas não aguentei ficar muito tempo por lá." A experiência durou dois meses. Depois comandou a Cabofriense em 1999, a convite do colega de seleção, Leandro. Renato Gaúcho era uma espécie de olheiro do grupo. Sócrates aboliu a concentração e fazia plebiscitos para discutir assuntos em grupo – uma espécie de Democracia Corintiana fluminense. Durou seis meses. Ultimamente foi sondado para a seleção cubana, mas recusou a proposta. "Na verdade, nunca pensei em me tornar técnico."

TONINHO CEREZO

Esse foi mais longe. O "professor" Cerezo levou o Vitória à semifinal do Brasileirão em 1999. Mas alcançou a glória, mesmo, no Japão entre 2000 e 2005 com o Kashima Antlers. Foi bicampeão japonês, ganhou duas Copas da Liga Japonesa e uma Copa do Imperador. Treinou também o Al-Hilal (Arábia Saudita), o Al-Shabab e o Al-Ain (Emirados Árabes Unidos). Em 2010, foi técnico do Sport por três meses, sem grandes resultados.

SERGINHO

Chulapa estreou como técnico em 1994, no Santos. Mas acabou dispensado após agredir um jornalista com uma cabeçada no vestiário após uma derrota para o Corinthians. Ficou marcado pela violência e só conseguiu treinar clubes menores a partir de então. Em 2001, voltou ao Santos como auxiliar de Geninho e chegou a comandar o time em alguns jogos. No currículo de Serginho estão Portuguesa Santista, São Caetano e Sãocarlense.

ZICO

O Galinho é outro que fez carreira internacional como técnico. Depois de auxiliar Zagallo na Copa de 1998, assumiu o Kashima Antlers, do Japão, em 1999 – com dez vitórias em 15 jogos. Voltou ao país em 2002 para treinar a seleção japonesa. Conquistou a Copa da Ásia em 2004 e comandou o time na Copa de 2006 (foi eliminado na fase de grupos). Treinou com certo sucesso Fenerbahçe (Turquia), Bunyodkor (Uzbequistão), CSKA (Rússia) e Olympiakos (Grécia). No ano passado teve breve passagem como diretor de futebol do Flamengo, mas demitiu-se depois de quatro meses. Hoje é comentarista da TV Esporte Interativo.

ÉDER

O ponta-esquerda de chute potente foi gerente de futebol do Atlético-MG em 2003 e auxiliar do técnico Procópio Cardoso no clube em 2004.

É TRETA, MANO!

O FIASCO DA COPA AMÉRICA MOSTRA QUE A SELEÇÃO DE NEYMAR E GANSO AINDA TEM UM LONGO CAMINHO A PERCORRER ATÉ 2014

POR JONAS OLIVEIRA
DESIGN GABRIELA OLIVEIRA
FOTOS DANIEL KFOURI

E de repente Neymar e Ganso se tornaram a solução para os problemas passados e futuros da seleção. A cada gol do Santos nascido dos pés da dupla, tratava-se de resgatar Dunga do purgatório para dar-lhe mais algumas chibatadas. Por que diabos os dois não estavam na África do Sul em 2010? Como Dunga não pôde perceber que ali havia dois craques travestidos de garotos, prontos para resgatar o bom futebol da seleção?

Desde a eliminação do Mundial, Neymar confirmou a previsão de René Simões e se tornou um monstro — mas na acepção positiva, de quem destruía adversários com voracidade. Quanto maior o jogo, mais o moleque crescia. Virou figurinha fácil em capas de revistas — inclusive de PLACAR —, passou a ser disputado pelos grandes clubes da Europa, foi colocado na mesma prateleira dos grandes gênios de nosso futebol. Ganso também se agigantou, por linhas tortas. Uma contusão o tirou dos gramados e, em vez de cair no esquecimento, tornou-se ainda mais genial. Brigou por aumento salarial, por sentir-se pouco valorizado no Santos. Sem jogar, Ganso virou craque, o 10 que nos faltava.

O primeiro grande teste de ambos na seleção não mostrou que Dunga estava certo – mas tampouco deu indícios de que os garotos teriam sido solução há um ano, quando estavam ainda mais crus. A Ganso faltou condicionamento físico; a Neymar, sobrou deslumbramento. Alexandre Pato é outro expoente do fracasso na Argentina. Não foi um desastre, tampouco mostrou lastro para vestir a camisa 9. Fez seus golzinhos, perdeu outros tantos – tudo sem a genialidade ou o faro de gol que se espera do centroavante da seleção.

Também não se deve eximir Mano Menezes de responsabilidade. O treinador convocou dois jogadores sem condições físicas: Ganso, que acabara de se recuperar de lesão, e Fred, que tinha gás para no máximo meio tempo – poderia ter levado, por exemplo, Leandro Damião e Hernanes. Se em 2010 o drama era a dependência de Kaká, na seleção de Mano só mudou o personagem. Não havia um plano B: era Ganso ou nada. Lucas, do São Paulo, poderia ter se transformado em alternativa, mas parecia completamente perdido. A bola parada, porto seguro dos tempos de Dunga, simplesmente sumiu. Sabe-se lá por quê, Neymar era o responsável por ela – função que ele não exerce nem mesmo no Santos.

Após um ano de trabalho, a renovada seleção de Mano Menezes dá a impressão de ter empacado no mesmo ponto em que Dunga a deixou. Tudo o que temos é uma defesa sólida. É pouco. A seleção de 2010, aliás, ao menos havia cunhado uma identidade própria, de um futebol por vezes feio, mas eficiente.

O que não significa que tudo esteja perdido. Por ora, a seleção parece longe de ter um time, mas tem um ótimo elenco para 2014. O fracasso da Copa América servirá para lembrar que, para o bem e para o mal, nossos principais craques ainda não passam de meninos. E que é preciso cuidado para não jogar fora o bebê – no caso, os garotos – com a água suja da bacia.

Ganso, Pato e Neymar nas capas de PLACAR: nossos maiores craques por enquanto não passam de garotos

CRÉDITO OU DÉBITO?

OS VILÕES E SOBREVIVENTES DA ELIMINAÇÃO PRECOCE EM LA PLATA

FIRMEZA

JÚLIO CÉSAR
O frango sofrido contra o Equador não o descredencia à posição de titular. Ainda é goleiro graúdo, experiente, à altura da função.

MAICON
Aproveitou como ninguém a oportunidade e ganhou a posição de Daniel Alves. Soube valorizar a profissão de lateral.

LÚCIO
A braçadeira de capitão lhe pertence. Terá 36 anos em 2014, mas por ora é imprescindível. Não perdeu a velocidade e tem autoridade para botar os outros na linha.

THIAGO SILVA
Não fez uma Copa América brilhante, tampouco foi um desastre. De tão técnico, virou opção na saída de bola.

LUCAS LEIVA
Homem de confiança de Mano, mostrou que é primeiro volante de verdade. O cartão vermelho na eliminação contra o Paraguai não comprometeu.

RAMIRES
Menos constante que Lucas, mas ainda digno de confiança. Chega bem ao ataque, mas ainda finaliza de maneira imprevisível - ora muito bem, ora muito mal.

SE LIGA

DANIEL ALVES
Talvez tenha sentido a temporada pelo Barcelona. Mal em dois jogos, perdeu a posição para Maicon. Mas tem serviços prestados.

NEYMAR
Melhor brasileiro em atividade, mas deve pela seleção. Tentou cavar faltas e cartões amarelos para os adversários e não optou pela simplicidade.

GANSO
Ainda é um ponto de interrogação, um craque imaginário. Mostrou lampejos de genialidade em assistências, mas não tinha condições físicas de atuar.

PATO
Fez dois gols e perdeu muitos outros. É um atacante importante, mas até hoje não deu motivos para considerá-lo titular.

FRED
A exemplo de Ganso, atuou sem condições físicas. Seu grande mérito parece ser a capacidade de liderança - o que ainda é pouco.

MAL NA FITA

ANDRÉ SANTOS
Titular da posição por falta de opções: não parece ser jogador de seleção. Hora de fazer as pazes com Marcelo.

LUCAS
Um estranho no ninho. Tem enorme potencial, mas mostrou-se completamente desnorteado quando esteve em campo.

ELANO
Era muito útil na seleção de Dunga, de contra-ataques rápidos e bola parada. Agora, parece viver de seu passado.

ROBINHO
Não tem arranque para completar suas jogadas. Jogou bem contra o Paraguai, mas é uma versão envelhecida de Neymar.

JADSON
Viveu estranhos 45 minutos, quando marcou um gol e foi substituído no intervalo. Depois, não voltou mais ao time.

André Santos: na marca do pênalti

PLANETA BOLA

EDIÇÃO **JONAS OLIVEIRA** / DESIGN **GABRIELA OLIVEIRA**

Mi casa, su casa

OS APUROS DA ARGENTINA NA PRIMEIRA FASE DA COPA AMÉRICA SERVEM DE ALERTA PARA O BRASIL EM 2014: A TORCIDA NEM SEMPRE JOGA A FAVOR

POR ELIAS PERUGINO, DA REVISTA EL GRÁFICO

le está mal, nunca havia sido vaiado.” A confissão é de Jorge, pai de Lionel Messi, depois que os torcedores argentinos tiveram uma reação inimaginável a seu filho em particular e à seleção albiceleste em geral. Foi após o empate em 0 x 0 contra a Colômbia em Santa Fé, uma cidade que em menos de 24 horas passou do amor ao ódio, do apoio incondicional ao menosprezo mais doloroso. Um dia antes, cerca de 5 000 fanáticos tinham rompido um cerco de segurança para entrar no estádio do Colón e assistir ao treino de seus ídolos, que, a princípio, seria fechado. “Foi bom que os torcedores entraram. Eles transmitiram uma energia muito boa à equipe”, disse então o técnico Sergio Batista.

Na noite seguinte, desapareceram os sorrisos. Nos últimos 10 minutos da partida, o time foi submetido a insultos enfurecidos. Ninguém foi poupado, nem mesmo Messi. O elenco de estrelas se viu animicamente erodido. O que deveria significar um jogador a mais transformou-se no pior inimigo. Poderá ocorrer o mesmo com o Brasil no Mundial de 2014? Claro que sim. Vale examinar mais detidamente o exemplo dos vizinhos para traçar uma projeção.

A arquibancada que assiste à seleção argentina não é nada semelhante à que torce por clubes populares como Boca e River. O torcedor argentino é mais fanático por seu clube do que pela seleção (alguma semelhança com o Brasil?). De seu clube, ele apenas espera que vença. Da seleção, espera que vença e jogue bem. Tolera que um zagueiro de seu clube dê um bico na bola, mas, se um zagueiro da seleção fizer o mesmo, sua cabeça estará a perigo. Esse torcedor assiste aos jogos de seu clube todos os domingos, mas não acompanha com frequência a seleção. Prefere vê-la pela televisão e alfinetá-la nas redes sociais.

A torcida que frequenta as partidas da seleção argentina, por outro lado, é formada por grupos muito diversificados. Famílias de cara pintada, empresários e convidados VIP e uma minoria de torcedores habituados a frequentar estádios dividem espaço com a “barra brava oficial”, composta por torcidas organizadas que conseguiram viajar à Copa da África do Sul depois de firmar acordos condenáveis com a AFA.

Essa pulverização da tribuna faz com que a seleção quase nunca seja apoiada de maneira consistente, fervorosa. Assiste-se às partidas como se fossem óperas. Mas essa multidão desapaixonada só se levanta e ajuda a engrossar o coro quando as coisas não vão bem. E então surgem os insultos que magoam e pressionam os craques, sobretudo aqueles que não tiveram contato com a paixão do futebol local, como Messi.

O diagnóstico argentino é contundente: torcida não é um jogador a mais; em nada ajuda a reverter situações adversas. Com o Brasil pode ocorrer o mesmo, já que a cultura futebolística é parecida. Mas há uma diferença substancial: os jogadores brasileiros conquistaram glórias com suas equipes e mais glórias ainda com a seleção nos últimos 20 anos. Os argentinos, por sua vez, se cansam de acumular feitos em seus clubes, mas amarelam quando se vestem de branco e celeste. E isso ninguém perdoa: nem as famílias de cara pintada, nem os empresários e seus convidados, nem os torcedores habituais — e muito menos os indesejáveis da barra brava oficial.

© FOTOS DANIEL KFOURI

Gasperini: mais um jovem treinador no comando da Inter

A vez de Gasperson

IDOLATRADO NO GENOA, ONDE ERA COMPARADO AO TREINADOR ESCOCÊS ALEX FERGUSON, GASPERINI TEM A CHANCE DE MOSTRAR SEU VALOR NA INTER

POR DIEGO GARCIA

Gasperson. Foi assim, com referência a Alex Ferguson, do Manchester United, que o presidente do Genoa, Enrico Preziosi, apelidou o técnico Gian Piero Gasperini. Comandante do clube de Gênova por quatro anos, virou ídolo ao resgatar o time da segunda divisão e levá-lo às primeiras posições da Serie A. Gasperini agora tem sua primeira chance em uma grande equipe ao assumir a Inter de Milão. E promete um time ainda mais poderoso.

"A Inter é um grupo muito forte, não só no campo, mas também na personalidade. Tenho tranquilidade porque esta equipe não pode crescer mais, apenas ser mais forte", disse em sua apresentação. Em um futebol italiano conhecido por equipes defensivas, o técnico sempre adota times cheios de atacantes.

Jogador de futebol modesto, Gasperini foi meio-campista e iniciou a carreira na Juventus, de Turim. Passou por equipes pequenas do país antes de encerrar a carreira e assumir a base da própria Vecchia Signora, em 1994. Permaneceu por lá nove anos. Começou a aventurar-se entre os profissionais em 2003, no Crotone, e promoveu o time à segunda divisão antes de chegar a Gênova, onde realmente faria história.

No novo clube, tendo como principal esquema tático o 3-4-3, arrancou elogios até do pouco amigável José Mourinho e tirou o time *rossoblu* do ostracismo ao alcançar uma quinta colocação na Serie A. Aos 53 anos de idade, ele se junta ao hall de treinadores que têm recebido chance nos grandes italianos, que, com baixos orçamentos, andam pouco dispostos a pagar salários milionários: Antonio Conte, na Juventus, e Luis Enrique, na Roma, são mais dois casos do tipo. Gasperini tentará, em Milão, provar que realmente tem um pouco de Ferguson.

Bons de banco

Dos 20 times da Premier League, sete são treinados pelos escoceses abaixo – número maior até que o de ingleses, seis. E eles levaram nada menos que 18 dos últimos 26 títulos. ***Felipe Rocha***

ALEX FERGUSON
Manchester Utd
Às vésperas de completar 70 anos de vida e 25 de clube, parece não se cansar do trabalho – muito menos dos títulos.

K. DALGLISH
Liverpool
Ídolo como jogador, assumiu como interino em janeiro. O bom trabalho fez a diretoria efetivá-lo no cargo até 2013.

DAVID MOYES
Everton
Assumiu em 2002 e, apesar do orçamento espartano, tem deixado o Everton na parte de cima da tabela.

ALEX MCLEISH
Aston Villa
Não evitou o rebaixamento do Birmingham City, pediu demissão por e-mail e assinou com o clube rival.

OWEN COYLE
Bolton
Seu principal trabalho foi o acesso à elite, conquistado com o modesto Burnley, na temporada 2008/09.

STEVE KEAN
Blackburn
Em 2010, foi chamado às pressas para ser interino do Blackburn. Agradou e assinou contrato até 2013.

PAUL LAMBERT
Norwich City
Coleciona dois acessos seguidos: foi campeão da terceira divisão em 2009/10 e vice da segunda, em 2010/11.

Previdência privada

REAL MADRID INVESTE PESADO EM SUA RETAGUARDA PARA NÃO REPETIR FIASCOS RECENTES

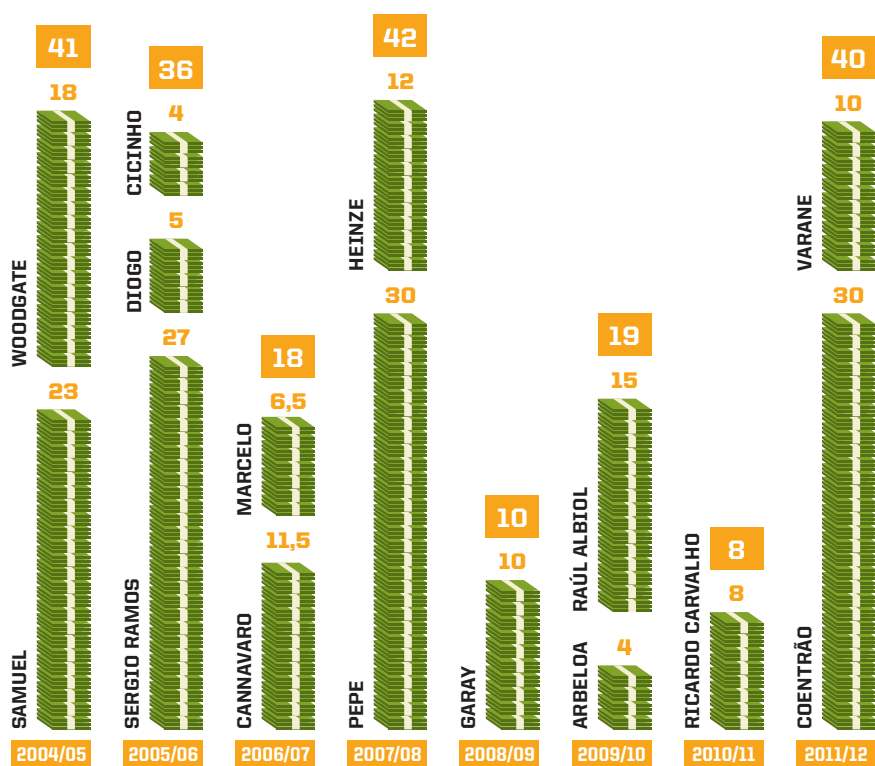
POR DIEGO GARCIA

Nesta janela de transferências, o Real Madrid já anunciou as compras do jovem zagueiro francês Raphael Varane, promessa vinda do Lens, por 10 milhões de euros, e do lateral português Coentrão, que custou 30 milhões de euros. Com as duas aquisições, os Galácticos tentam reparar um erro histórico de investimentos em jogadores ofensivos e retaguarda ruim. Nos últimos sete anos, já são 214 milhões de euros gastos só em atletas para a defesa.

Entre 2000 e 2004, período em que contratou nomes como Ronaldo, Owen e Beckham, o Real Madrid praticamente não gastou 1 euro para reforçar o sistema defensivo, que contou com nomes como Pavón e Raúl Bravo. A partir da temporada 2004/05 a estratégia mudou, com as chegadas de Samuel e, no ano seguinte, Sergio Ramos: juntos os dois custaram 50 milhões de euros aos cofres madridistas.

Apesar das contratações milionárias também para a retaguarda, o Real não tem justificado o investimento em campo: desde 2004, quando iniciou a gastança com reforços para o sistema defensivo, só uma vez foi o time menos vazado do Campeonato Espanhol (2007/08).

Defesas galácticas

Confira as aquisições do Real Madrid para o setor defensivo desde a temporada 2004/05 (em milhões de euros)

Chucrute turco

Na campanha que levou o Borussia Dortmund ao título do Campeonato Alemão após nove anos, o grande nome foi um meia de 22 anos, eleito pelos jogadores da Bundesliga como o melhor da temporada, com 46% dos votos, e que será um dos galácticos do Real Madrid em 2011/12. Trata-se do turco Nuri Sahin – mas que poderia bem ser o "alemão" Sahin. Natural da "germânica" Lüdenscheid e de ascendência turca, o meia seguiu passos diferentes dos de Mezut Özil, armador alemão e também de origem otomana, mas que optou por defender a Alemanha. Sahin não só escolheu a Turquia como se tornou o mais jovem a atuar na seleção daquele país, estreando (com gol) em 2005, justamente contra os alemães.

Lincoln Chaves

©1

Sahin: ele escolheu a seleção turca

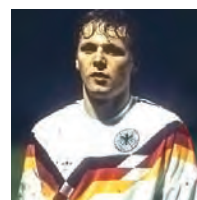
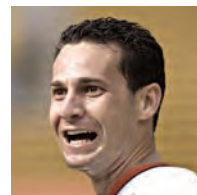
© 1

Coulibaly: cuidado com a maldição do artilheiro do sub-17

Submaldição

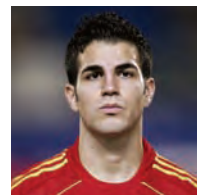
A JULGAR PELO HISTÓRICO, O MARFINENSE COULIBALY DEU O PRIMEIRO PASSO PARA ENTRAR PARA O CLUBE DAS ETERNAS PROMESSAS DO FUTEBOL: A ARTILHARIA DO MUNDIAL SUB-17

POR LINCOLN CHAVES

A Costa do Marfim parou nas oitavas do Mundial sub-17, mas o destaque da competição foi dos Elefantes. Trata-se do atacante Souleymane Coulibaly, autor de nove gols em só quatro jogos no Mundial. Três dos tentos foram contra o Brasil, um de bicicleta. O artilheiro da competição igualou o francês Florent Sinama-Pongolle, que também fez nove gols em 2001 – em seis partidas. Mas todo cuidado é pouco, já que o destino da maioria dos goleadores do torneio, salvo uma única exceção, não foi dos melhores. Veja alguns casos ao lado.

WITECZEK
1985
Goleador também no Mundial sub-20 de 1987, defendeu o Bayern de Munique, sem brilho. Nunca chegou à seleção principal alemã.

ADRIANO
1991
Revelado pelo Guarani e lembrado por seus anos no São Paulo, o hoje ex-meia não se firmou por onde passou.

ISHMAEL ADDO
1999
Tido como novo astro ganense, fracassou na França, Israel, Grécia, Chipre e Índia. Atua no local Heart of Oak.

SINAMA-PONGOLLE
2001
Vagou por Liverpool, Recreativo, Blackburn, Sporting e Atlético de Madrid Fez só um jogo pela seleção francesa.

CARLOS VELA
2005
No Arsenal, sofreu com lesões e más atuações. Perdeu espaço na seleção mexicana depois de ir a uma festa sem permissão.

CESC FÀBREGAS
2003
O único que vingou. É o principal nome do Arsenal, venceu a Copa do Mundo e a Eurocopa com a Espanha e está perto do Barcelona.

A arte de dizer não

Entre defender o Barcelona ou o Málaga, o que você escolheria? O garoto Brahim Abdelkader Diaz, do alto de seus 11 anos, escolheu a segunda opção. Ou melhor, seus pais escolheram. Há quatro anos na base do Málaga, Brahim não demorou a ser rotulado como "o novo Messi", tamanha sua habilidade. Assim como o argentino, Brahim sempre jogou com garotos mais velhos, para ter alguma motivação. O Barcelona se apressou em oferecer um contrato aos pais do garoto, mas o bilionário xeque Abdallah Ben Nasser Al-Thani, proprietário do Málaga, agiu rápido para não perdê-lo. Segundo o jornal espanhol *Marca*, o clube ofereceu à sua família 10 000 euros neste ano e 20 000 euros no próximo, mais os custos de moradia e educação.

© 1

Brahim: um belo cheque do xeque

Torcida do Manchester United: procura por ingressos caiu 28%

Efeito colateral

CRISE ECONÔMICA E ALTOS PREÇOS DERRUBAM INTERESSE POR INGRESSOS DA PREMIER LEAGUE

POR BRUNO FORMIGA

Nenhum campeonato nacional fatura tanto com a venda de direitos de transmissão quanto o inglês. Mas, se pela televisão a competição vai bem, nos estádios há uma tendência negativa em curso. Em maio, a Football Supporters' Federation (FSF) divulgou pesquisa apontando que 15% das pessoas que frequentaram estádios na última temporada não renovariam seus bilhetes em 2011-12.

Para alguns clubes, a pesquisa da FSF foi mais alarmante. No Manchester United, 28% dos torcedores disseram que não renovariam os ingressos. Já no Aston Villa o número beirou os 27%. No Arsenal, foram 22%, índice parecido com o de Chelsea e Liverpool. Para Gary Parkinson, editor da revista *FourFourTwo*, a queda pelo interesse está diretamente ligada ao aumento de preços nos ingressos e à crise financeira na Europa. "A economia britânica está ameaçada pela inflação e a estagnação dos salários, além dos cortes de gastos", diz o jornalista.

Museu de novidades

Depois de longos invernos, eles voltaram às primeiras divisões europeias

GRANADA (ESP) Clube da Andaluzia, retorna à La Liga após 35 anos, depois de vagar entre a segunda e a quarta divisão espanholas. Subiu com a terceira vaga nos playoffs, ao bater Celta e Elche.

NOVARA (ITA) Depois de 55 anos, os *azzurri* voltam a figurar entre os melhores da Itália. Foi preciso vencer os playoffs para conseguir a terceira vaga. Há duas temporadas, figurava na terceira divisão.

QUEENS PARK RANGERS (ING) O rico da Segundona inglesa voltou à elite após 15 anos: foi vice em 1976. Presidido por Flavio Briatore – aquele da Fórmula 1 – por três anos, o campeão QPR subiu com sobras.

SWANSEA (ING) Será sensação na próxima Premier League: é o primeiro clube do País de Gales a jogar a fase moderna do Campeonato Inglês, criada em 1992. Campeão dos playoffs, não disputava a elite desde 1983.

Zagueiro nota 10

O ano começou com uma péssima notícia para Cláudio Caçapa: no retorno das férias de fim de ano, o zagueiro foi dispensado do Cruzeiro, mesmo ainda tendo seis meses de contrato. Dias depois, o jogador de 35 anos firmou um contrato de seis meses com o modesto Evian-Thonon-Gaillard, para disputar a segunda divisão francesa. Caçapa jogou 13 partidas, marcou um gol e ajudou o clube a se sagrar campeão da Ligue 2 – foi o segundo acesso consecutivo do clube, que só chegou à terceira divisão francesa em 2008. Agora Caçapa negocia para jogar a próxima temporada pelo clube, no que seria sua oitava temporada pela Ligue 1. E a volta à elite não poderia ser em melhor estilo: coube ao zagueirão usar nada menos que a camisa 10 da equipe. Uma camisa que não é das mais bonitas, diga-se – mas, ainda assim, uma camisa 10.

Caçapa: a 10 cai bem; a camisa...

Resta um

A pacata cidade de Wolfsburg, na próxima temporada, não será a maior casa dos brasileiros na Alemanha, como se acostumou nos últimos tempos. O clube de propriedade da Volkswagen, campeão alemão em 2009, definiu as saídas de três dos quatro brasileiros do elenco. Com isso, sobrou apenas Josué na colônia verde-amarela dos Lobos. “Não vai ser fácil. O clima dos brasileiros nos vestiários e nos treinos era ótimo. Saíamos para jantar, fazíamos churrasco juntos. É uma coisa nova para mim, mas com quatro anos jogando por aqui e bem adaptado, consigo me virar bem”, diz o volante. Josué, aliás, consegue o que poucos jogadores, sobretudo brasileiros, têm atingido: uma boa relação com o turrão Felix Magath, técnico que foi campeão alemão e voltou ao Wolfsburg após fracassar no Schalke 04. “Adquiri a confiança do Magath, e hoje ele acredita muito no meu trabalho. Não tenho nenhum tipo de problema com ele”, afirma. ***D.G.***

©1

Josué: sem churrasco em Wolfsburg

©2

Burgos: o ex-goleiro ex-roqueiro agora é auxiliar técnico

Adeus ao roqueiro

CONTRATADO PELO RACING, EX-GOLEIRO BURGOS ABANDONA DE VEZ A CARREIRA DE CANTOR

POR DIEGO GARCIA

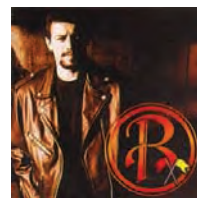
“Morto o jogador, fica o músico”. Foi assim que Burgos, ex-goleiro de River Plate e seleção argentina, definiu o fim de sua carreira, em 2004. Afinal, ele dava início à carreira de astro do rock, com a banda The Garb (iniciais de Germán Adrián Ramón Burgos). Agora, contratado pelo Racing para auxiliar Diego Simeone no comando da equipe, Burgos também dá adeus ao roqueiro. “Matei o músico *[risos]*. Não esperava virar treinador, mas surgiu a possibilidade e não poderia viver fora do futebol”, disse o jogador em entrevista ao site da Fifa. Burgos gravou quatro álbuns e chegou a iniciar um quinto, que homenagearia o Huracán – curiosamente, um dos rivais do Racing.

O fino da bola

Outros boleiros também se arriscaram com o microfone

MARCELINHO E AMARAL
A dupla fez parte do grupo de pagode gospel “Divina Inspiração”. Amaral tentava a sorte no pandeiro, enquanto Marcelinho tocava repique e cantava.

ALEXI LALAS
Foi vocalista e guitarrista da banda Gypsies, antes de seguir carreira solo e lançar quatro álbuns. Pinta de roqueiro nunca lhe faltou.

PELÉ
Já compôs com Elis Regina, produziu LP com Sergio Mendes, gravou com Gilberto Gil, Jair Rodrigues, Wando... Mas nunca com a mesma majestade com que tratava a bola.

RONALDO GIOVANELLI
O ex-goleiro fundou nos anos 90 a banda de rock “Ronaldo e os Impedidos”, que chegou a lançar dois discos. Não fez muito sucesso.

Ação, decepção e reação

NEYMAR FALHA NA COPA AMÉRICA, MAS ENCOSTA NA BRIGA PELA CHUTEIRA

O Santos faturou o tri da Libertadores. Neymar abriu o caminho para o título e foi o grande nome da campanha santista. Aclamado pela crítica e cobiçado pelos maiores clubes europeus, ele partiu para a Copa América como o supercraque brasileiro da geração Mano Menezes. No papel, era o nome capaz de carregar, praticamente sozinho, a seleção nas costas, como fez com o Santos no primeiro semestre. Era o nome da Copa América, junto com ninguém menos que Messi.

Na prática, porém, nem Neymar nem o astro do Barça mostraram o que tinham de melhor na Argentina. O time de Mano decepcionou, parou nas quartas de final, e o atacante santista, apesar de não ter participado das vexatórias cobranças de pênalti contra o Paraguai, ficou devendo. O supercraque retoma o status de promessa – ou, pelo menos, de projeto de craque para 2014.

Os dois gols que marcou no torneio, diante do Equador, servem de alento para Neymar, que colou em Leandro Damião na busca pelo bi da Chuteira de Ouro. Gols que podem fazer a diferença no fim do ano – afinal, marcar pela seleção é critério de desempate na disputa. Mas Damião e Neymar podem abrir os olhos para um argentino azarão: Montillo, do Cruzeiro, galopou e já aparece no top 10. Páreo duro, não?

O desempenho frustrante de Neymar e da seleção na Copa América ajudou a manter Leandro Damião na ponta da Chuteira de Ouro

CHUTEIRA DE OURO 2011 (ATÉ 18/7)

	JOGADOR	TIME	S(2)	BRA(2)	CB/L(2)	CS(2)	EST(2)	EST/B(1)	PTS
1	**LEANDRO DAMIÃO**	INTERNACIONAL	0	6(3)	8(4)	0	34(17)	0	48
2	NEYMAR	SANTOS	26(13)	0	12(6)	0	8(4)	0	46
3	KLÉBER	PALMEIRAS	0	6(3)	10(5)	0	16(8)	0	32
4	BORGES	SANTOS	0	8(4)	6(3)	0	16(8)	0	30
	DAGOBERTO	SÃO PAULO	0	4(2)	8(4)	0	18(9)	0	30
	LIÉDSON	CORINTHIANS	0	8(4)	0	0	22(11)	0	30
	MONTILLO	CRUZEIRO	0	12(6)	6(3)	0	12(6)	0	30
	WALLYSON	CRUZEIRO	0	6(3)	14(7)	0	10(5)	0	30
9	ELANO	SANTOS	0	0	6(3)	0	22(11)	0	28
	FÁBIO JÚNIOR	AMÉRICA-MG	0	4(2)	0	0	24(12)	0	28
	FRED	FLUMINENSE	4(2)	0	4(2)	0	20(10)	0	28
	LIMA	CAXIAS	0	0	6(3)	0	22(11)	0	28
13	MAGNO ALVES	ATLÉTICO-MG	0	4(2)	2(1)	0	20(10)	0	26
14	ANSELMO	ATLÉTICO-GO	0	6(3)	0	0	18(9)	0	24
	BERNARDO	VASCO	0	8(4)	4(2)	0	12(6)	0	24

S: SELEÇÃO **BRA:** BRASILEIRO SÉRIE A **CB:** COPA DO BRASIL **L:** LIBERTADORES **CS:** COPA SUL-AMERICANA **EST:** PRINCIPAIS ESTADUAIS **EST/B:** DEMAIS ESTADUAIS E SÉRIE B

Timão dispara no Brasileiro e na Bola

Troca com troco

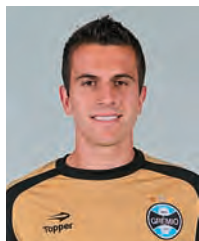
APÓS VER O SÃO PAULO DOMINAR A DISPUTA, CORINTHIANS EMPLACA CINCO NA SELEÇÃO DA BOLA

A rivalidade entre Corinthians e São Paulo se acirrou nos últimos anos em meio à troca de farpas dentro e fora das quatro linhas. Andrés Sanchez x Juvenal Juvêncio, Itaquerão x Morumbi, Ceni x Júlio César: episódios para apimentar a histórica animosidade não faltam. Mas, nesta largada de Brasileirão, o lado alvinegro leva vantagem. Além de ter tomado a liderança do rival, o Corinthians também rompeu a hegemonia tricolor na Bola de Prata. Agora, a seleção dos melhores conta com cinco corintianos, contra dois do São Paulo. A última parcial registrava 5 x 1, porém, a favor do time do Morumbi.

A dupla ofensiva de Tite também forma o ataque da segunda seleção da Bola. No duelo particular com o São Paulo, Liedson fez três gols e subiu sua cotação com um corpulento 8,5. Já Willian, o talismã, não se cansa de decidir jogo atrás de jogo. Um consolo para os tricolores? Lucas, que volta ao time após a Copa América, permanece na ponta da Bola de Ouro. Mas, até o fim do campeonato, esse jogo pode virar – de novo.

WAP DA PLACAR *Claro, Tim e Vivo:* ***acesse o wap de seu celular e selecione: portais/abril/revistas abril/placar/brasileirão/bola de prata da torcida*** *Outras operadoras:* ***acesse o wap de seu celular e digite: wap.abril.com.br/placar/***

REGULAMENTO: Os jornalistas da PLACAR assistem, sempre nos estádios, a todas as partidas do Brasileirão e atribuem notas de 0 a 10 aos jogadores. Receberão a Bola de Prata os craques que tenham sido avaliados em pelo menos 16 partidas. Jogadores que deixarem o clube antes do fim do campeonato estarão fora da disputa. Em caso de empate, leva o prêmio quem tiver o maior número de partidas. Ganhará a Bola de Ouro aquele que obtiver a melhor média.

OS MELHORES

MARCELO GROHE
Aproveitou a ausência de Victor e fechou o gol do Grêmio. Mas deve voltar ao banco com o retorno do titular da Copa América.

ANDERSON MARTINS
Ofuscando o alardeado Dedé, comanda a zaga vascaína e supera as notas do companheiro de defesa em boa parte das rodadas.

PAULINHO
Peça-chave da disparada corintiana, o volante exibe regularidade e vem mantendo média superior a 6,5 na sequência 100% do time.

OS PIORES

LUIZ EDUARDO
De promessa a crucificado pela queda de produção do São Paulo. Suas notas caíram, e ele acabou barrado na equipe tricolor.

RÉVER
A instabilidade do Atlético-MG espirrou até no zagueiro com caixa para seleção. Contra o Inter, Réver levou nota 4,5, e o Galo engoliu quatro em casa.

D'ALE
O Colorado não se encaixa: Falcão caiu e o camisa 10 argentino, em baixa com o antigo técnico, sequer aparece na lista dos dez melhores meias.

GOLEIRO

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**M. GROHE**	GRÊMIO	6,50	5
2	MARCOS	PALMEIRAS	6,19	8
3	JÚLIO CÉSAR	CORINTHIANS	6,11	9
4	MARCELO LOMBA	BAHIA	6,06	9
5	FERNANDO PRASS	VASCO	6,00	10
	FELIPE	FLAMENGO	6,00	9
7	FÁBIO	CRUZEIRO	5,94	9
	WILSON	FIGUEIRENSE	5,94	9
9	ROGÉRIO CENI	SÃO PAULO	5,90	10
	RENAN	BOTAFOGO	5,90	5

LATERAL-DIREITO

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**CICINHO**	PALMEIRAS	6,00	6
2	BOIADEIRO	CEARÁ	5,80	5
3	BRUNO	FIGUEIRENSE	5,67	9
	M. FERNANDES	GRÊMIO	5,67	9
5	ALESSANDRO	BOTAFOGO	5,63	8
6	MARIANO	FLUMINENSE	5,56	8
7	JEAN	SÃO PAULO	5,45	10
8	FAGNER	VASCO	5,44	9
9	WELDER	CORINTHIANS	5,43	7
	LÉO MOURA	FLAMENGO	5,43	7

ZAGUEIRO

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**CHICÃO**	CORINTHIANS	5,93	7
	AND. MARTINS	VASCO	5,93	7
	FABRÍCIO	CEARÁ	5,93	7
4	ANTÔNIO CARLOS	BOTAFOGO	5,83	9
5	LEANDRO CASTÁN	CORINTHIANS	5,78	9
6	THIAGO HELENO	PALMEIRAS	5,75	8
7	DURVAL	SANTOS	5,70	5
8	JOÃO PAULO	FIGUEIRENSE	5,69	8
9	SAIMON	GRÊMIO	5,67	6
10	BOLÍVAR	INTERNACIONAL	5,64	11

LATERAL-ESQUERDO

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**JUNINHO**	FIGUEIRENSE	6,00	7
2	VICENTE	CEARÁ	5,88	8
3	JÚNIOR CÉSAR	FLAMENGO	5,83	6
4	GABRIEL SILVA	PALMEIRAS	5,75	6
5	FÁBIO SANTOS	CORINTHIANS	5,72	9
6	LUCAS ZEN	BOTAFOGO	5,67	9
	ALEX SANDRO	SANTOS	5,67	6
8	ÁVINE	BAHIA	5,56	8
9	GILBERTO	CRUZEIRO	5,50	6
10	KLÉBER	INTERNACIONAL	5,45	10

VOLANTE

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**CASEMIRO**	SÃO PAULO	6,44	8
2	**PAULINHO**	CORINTHIANS	6,38	8
3	M. ASSUNÇÃO	PALMEIRAS	6,22	9
	RALF	CORINTHIANS	6,22	9
5	WILLIANS	FLAMENGO	6,13	8
6	WELLINGTON	SÃO PAULO	6,06	9
7	RODRIGO SOUTO	SÃO PAULO	6,00	8
	AROUCA	SANTOS	6,00	5
9	F. ROCHEMBACK	GRÊMIO	5,94	8
10	YGOR	FIGUEIRENSE	5,89	9

MEIA

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**LUCAS**	SÃO PAULO	6,60	5
2	**DANILO**	CORINTHIANS	6,44	8
3	JORGE HENRIQUE	CORINTHIANS	6,43	7
4	ELKESON	BOTAFOGO	6,36	7
5	OSCAR	INTERNACIONAL	6,31	8
6	MONTILLO	CRUZEIRO	6,30	10
7	R. GAÚCHO	FLAMENGO	6,22	9
8	ZÉ ROBERTO	INTERNACIONAL	6,05	10
9	MAICON	FIGUEIRENSE	5,94	9
10	SOUZA	FLUMINENSE	5,93	7

ATACANTE

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**LIEDSON**	CORINTHIANS	6,33	9
	WILLIAN	CORINTHIANS	6,33	9
3	JÓBSON	BAHIA	6,25	8
4	LUAN	PALMEIRAS	6,19	8
5	KLÉBER	PALMEIRAS	6,17	6
6	WASHINGTON	CEARÁ	6,10	5
7	BORGES	SANTOS	6,08	6
8	LEANDRO DAMIÃO	INTERNACIONAL	6,00	10
9	ÉDER LUÍS	VASCO	5,93	7
10	WALLYSON	CRUZEIRO	5,80	10

BOLA DE OURO

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**LUCAS**	SÃO PAULO	6,60	5
2	MARCELO GROHE	GRÊMIO	6,50	5
3	DANILO	CORINTHIANS	6,44	8
	CASEMIRO	SÃO PAULO	6,44	8
5	JORGE HENRIQUE	CORINTHIANS	6,43	7
6	PAULINHO	CORINTHIANS	6,38	8
7	ELKESON	BOTAFOGO	6,36	7
8	LIEDSON	CORINTHIANS	6,33	9
	WILLIAN	CORINTHIANS	6,33	9
10	OSCAR	INTERNACIONAL	6,31	8

Missão possível

CAMPEÃO MUNDIAL E DA AMÉRICA COM O INTER, **ALEX** CHEGA AO CORINTHIANS PARA PROVAR QUE GANHAR A LIBERTADORES NÃO É UTOPIA

POR BREILLER PIRES

P| Logo que chegou ao clube, você disse que pretende ajudar a internacionalizar a marca Corinthians. O primeiro passo é ganhar a Libertadores?

R| Eu sou um cara empreendedor. Quero desbravar algumas coisas que ainda não aconteceram. O Corinthians é grande e tem potencial para crescer ainda mais. E o caminho para o crescimento passa pela conquista da Libertadores, uma parte da história do time que ainda não está escrita. Ajudar um clube a ganhá-la pela primeira vez é prazeroso pra caramba. Digo isso porque já consegui no Internacional e sei como é.

P| A disputa da Libertadores é tão diferente assim do futebol brasileiro?

R| No geral, a Libertadores não tem tantas boas equipes quanto no Campeonato Brasileiro, mas é um torneio internacional, com mais glamour e que leva ao Mundial. O ritmo de jogo também é diferente. O jogador entra mais pilhado, porque o futebol sul-americano é competitivo, corrido, brigado. Os zagueiros não te dão folga nem espaço para dominar a bola e pensar. Se o time entrar na Libertadores no mesmo ritmo do futebol brasileiro, vai sentir dificuldade.

P| O que fazer então para tirar o Corinthians do jejum na Libertadores?

R| Eu sei como é bom vencer a Libertadores e quero vencer de novo. Mas, em primeiro lugar, temos que trabalhar por etapas. A nossa etapa hoje é o Brasileirão, mas com o foco no título, em disputar a Libertadores. O Corinthians precisa ter ambição pelas vitórias nas veias e está montando um elenco interessante para alcançar esse objetivo.

P| Você não tem medo de ser tachado pela torcida como "o jogador de 6 milhões de euros"?

R| Eu não me preocupo com isso. No Brasil, existe a mentalidade errônea de que o jogador mais caro do time tem de ser o mais cobrado. Se ele é o mais caro, é porque fez alguma coisa para ser valorizado dessa forma. Pelo que construí na minha carreira, os clubes acabam se encorajando a pagar um valor mais alto por mim.

P| O Neto, canhoto da bola parada que também estourou no Guarani, fez história com a camisa 10 do Corinthians. As semelhanças com ele são credenciais para você se tornar o novo xodó da Fiel?

R| O Neto me deu muitos conselhos e foi meu "padrinho" no Guarani, quando ele era diretor e eu estava começando a carreira. Mantemos contato frequente até hoje. Como comentarista, ele sempre me dá uma mão danada. É um ídolo que virou amigo e inspiração. Temos muitas semelhanças. Eu só sou mais magro do que ele, né? *[risos]*

P| No Corinthians, você reencontrou o Tite. O que o clube pode esperar dessa parceria da época colorada?

R| A entidade Corinthians é maior do que a gente e do que o que vivemos juntos no Inter. O Tite é um cara muito respeitador e fácil de lidar. Ele nunca dirige um palavrão aos jogadores. Isso mostra bem o nível dele.

P| Mas em 2009 vocês tiveram um período de divergência...

R| Não foi um período, e sim um fato isolado. O Inter não estava bem no início de temporada. Eu fui muito questionado, pois não vinha mantendo o nível de 2008. Mas aconteceram situações anormais. Com o surgimento do Taison, o clube resolveu me negociar. Apareceu uma proposta, mas eu não aceitei. Depois disso, o Tite me tirou no intervalo de um Grenal e eu saí insatisfeito. Foi algo momentâneo, uma opção do Tite, mas que se prolongou porque eu me senti queimado naquela situação e não poderia ficar calado. Mas sempre fomos muito francos um com o outro. Não tenho problema em dizer ao Tite se ele está certo ou errado, como falo para os meus pais. Ele também tem essa abertura comigo, tanto que um dia virou e falou: "Você é chato, mas eu prefiro um ca-

© FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

ra como você, que diz o que pensa, do que o legal traíra".

P| Como foi ser capitão na Rússia, num time em que a maioria dos companheiros não falava sua língua?

R| Minha liderança se baseia em dar o exemplo. Quando o antigo capitão do time foi mandado embora, o pessoal logo me identificou como sucessor natural, mesmo sendo estrangeiro. Sou um cara observador: não aprendo com meus erros, mas sim com os erros dos outros.

P| É verdade que os jogadores de lá tomavam vodca antes das partidas para espantar o frio?

R| Isso é lenda. Nunca vi nenhum jogador bebendo no vestiário. Mas uma vez peguei um árbitro bêbado em campo. Como eu era capitão, tive contato próximo com ele e percebi que o bafo estava feio. Mas até que ele apitou bem o jogo.

P| Ter ido parar no futebol russo não foi uma fria?

R| O projeto do Spartak Moscou era interessante. Primeiro, pelo aspecto financeiro. Depois, pela abordagem do clube, que me enalteceu muito. Sem contar que o Inter queria me vender, não me valorizar. Era a hora certa para mudar de ares.

P| Por causa disso você não voltou para o Inter este ano?

R| De forma alguma. Sou amigo da diretoria do Internacional e sempre fui bem recebido no Beira-Rio depois da minha saída. Antes de eu voltar ao Brasil, o Inter foi procurado, conversamos se havia o interesse em me contratar. Mas, desde o início das negociações, o Corinthians se dispôs a bancar o investimento.

P| Dirigentes do Inter dizem que o título da Libertadores em 2006 revolucionou o clube...

R| Mudou bastante mesmo. O Inter ganhou visibilidade e respeito fora do Brasil. O título bloqueia energias negativas em relação à Libertadores, que é uma obsessão no Corinthians. Quem já conquistou tem mais

> Não tenho problema em dizer ao Tite se ele está certo ou errado, como falo para os meus pais.

tranquilidade. Mas quem está há 40 anos sem conquistar tem obsessão igual à do Corinthians, que nunca ganhou. É difícil vencer, mas a Libertadores muda completamente o astral de um clube.

P| O que mais mudou no Inter após a conquista?

R| A autoestima do torcedor. Antes, a gente só via torcedores com camisa velha do time. Depois da Libertadores, eles passaram a comprar mais camisas. O orgulho de ser colorado aumentou.

P| E como foi enfrentar o Barcelona na final do Mundial?

R| Poxa, ouvir aquela musiquinha tocando na hora de entrar em campo, ver a taça e os craques do Barcelona, incluindo o Ronaldinho Gaúcho no auge, foi um momento especial, uma oportunidade única na vida de cada jogador do Inter.

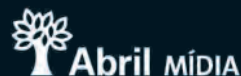
P| Qual o segredo para bater o supertime do Barça?

R| A maioria dos times jogava contra o Barcelona só com um atacante. Daí o Fernandão teve a ideia de colocar dois na frente para surpreender os caras: o Pato, com toda a juventude dele, e o Iarley, que estava numa fase esplendorosa. A gente sabia que a defesa precisaria ser perfeita na marcação, já que o Barcelona beirava a perfeição no ataque. Dependíamos de uma roubada de bola e um contra-ataque para matar o jogo.

P| Pela relação do Ronaldinho Gaúcho com o Grêmio, ele era o pesadelo do Inter na véspera da decisão?

R| Claro que sim, mas sem envolver essa história entre ele e o Grêmio. Além de marcar o Ronaldinho, nossa maior preocupação eram os lançamentos dele. Não adiantava cercá-lo e esquecer quem receberia a bola. Se ele não tivesse para quem passar, não iria arrancar e driblar quatro ou cinco do nosso time. Até porque, antes do jogo, avisamos ao Ceará, que atuava pela direita: "Se vira aí com o homem". Ele deu conta do recado e desequilibrou a nosso favor.

P| O clima no vestiário antes do jogo era tenso ou de otimismo?

R| Sabíamos das nossas limitações, mas, ao mesmo tempo, tínhamos confiança no potencial da equipe. Quando chegamos ao Mundial, trocaram o distintivo do Inter pelo escudo do São Paulo. O clube não era conhecido. Isso nos motivou a mostrar ao mundo o que era o Internacional e, principalmente, do que aquele time era capaz. Com exceção do Iarley e do Vargas, que foram campeões pelo Boca Juniors, ninguém daquele grupo havia ganhado nada ainda. Era todo mundo virgem.

Inimigo do estado

PERSONA NON GRATA NA FIFA, O JORNALISTA INGLÊS **ANDREW JENNINGS** DIZ QUE O BRASIL DEVERIA TIRAR A COPA 2014 DAS MÃOS DE RICARDO TEIXEIRA

POR JONAS OLIVEIRA

P| Você gosta de futebol?

R| Eu perdi interesse na maioria dos esportes olímpicos. Já fui um corredor e, quando vi o quão grande o doping era, percebi que nada daquilo era real. Eu gostava de futebol há uns 20 anos, antes da Premier League e de todo o dinheiro, quando os clubes eram identificados com suas comunidades. Antes de os clubes começarem a comprar estrangeiros era algo mais autêntico, de ingleses jogando futebol na Inglaterra. Você entrava em um ônibus e encontrava alguém do seu time.

P| Mas torce por algum clube?

R| Eu costumava torcer pelo Leeds United há muitos anos, porque tenho família na região. Mas agora não torço por nenhum clube, até porque eu não sou um repórter de futebol. Sou um jornalista investigativo, e não quero perder o foco me relacionando com um clube. Quero saber o que está acontecendo com o dinheiro da Fifa, a política, o roubo e os Teixeiras deste mundo, não com os jogadores. Já tem muita gente escrevendo sobre futebol; se não tenho nada a acrescentar, não digo nada.

P| Qual foi a última vez que esteve em um estádio?

R| Foi na Tunísia, em 2004. Era a abertura da Copa das Nações Africanas, não lembro quais eram as equipes. Eu estava lá por causa do congresso da Confederação Africana. Foi divertido ir ao estádio, olhar para o lado e ver Blatter ao lado de Ben Ali *[então ditador tunisiano]*, cercado de seguranças. Foi a última vez que fui a um grande jogo, mas isso não importa. Eu sigo o dinheiro, as atividades de Blatter, suas maquinações diárias para se manter no poder. Acho isso mais interessante do que saber se o Chelsea comprou um novo jogador, ou quem é o treinador desta semana *[risos]*.

P| Por que você escolheu o esporte como alvo de suas investigações?

R| Jornalistas encontram novas histórias por acidente. Você não planeja, até que elas dizem: "Olá, eu sou uma história". Eu havia terminado seis anos de investigação sobre a polícia de Londres e sobre crime organizado em Palermo, o que foi um excelente treinamento para investigar federações esportivas — a diferença é que eles não carregam armas, mas canetas. Eu trabalhava com um amigo, Paul Greengrass, que me disse: "Ei, vamos fazer um livro sobre o COI". E eu respondi: "Nunca ouvi falar disso" *[risos]*. O COI estava repleto de personagens de caráter duvidoso, e ninguém jamais havia investigado quem eram os membros, qual era a história deles, de onde o dinheiro vinha, para onde ia. Acabei me interessando pelo tema.

P| E que método você utiliza nas investigações? É tudo uma questão de seguir o dinheiro?

R| Você nunca sabe. Nesse maravilhoso mundo de e-mail, a cada semana recebo mensagens de quem está ou estava dentro das organizações e quer falar. Quanto mais jornalismo investigativo você faz, mais as pessoas te veem como alguém que levanta uma placa dizendo: "Ei, estou aqui, você tem alguma história? Venha e conte-me". Sua reputação se espalha, você passa a receber e-mails de pessoas que querem te encontrar ou enviar documentos.

P| Na sua opinião, qual é a real importância global de Ricardo Teixeira e João Havelange?

R| Eles não são importantes, porque a Fifa é superestimada. Ela é formada por delegados das seis confederações continentais, o que me faz lembrar das cinco famílias da máfia de Nova York, que fazem encontros periódicos para tratar de seus negócios. Os delegados têm seus impérios particulares. Teixeira não é importante para a Fifa, porque ninguém é importante para a Fifa; ele é importante em sua região, para a Conmebol. João Havelange é o presidente de honra, nada mais. Se um dia todos os oficiais da Fifa estivessem sentados à mesa em Zurique e algo terrível acontecesse, um terre-

> Quero saber o que está acontecendo com o dinheiro da Fifa, a política, o roubo e os Teixeiras deste mundo, não com os jogadores

moto como no Haiti, ninguém sentiria a falta deles. Nem mesmo o futebol sentiria a ausência deles, não é a Fifa quem faz o futebol. São os clubes, os jogadores, árbitros. O que os líderes da Fifa fazem? Eles apenas roubam dinheiro.

P| Mas Ricardo Teixeira tem ocupado o papel de organizar a Copa 2014. O que o Brasil poderia fazer a respeito?

R| Se eu disser a alguém que Ricardo Teixeira é um garoto mau, ninguém vai dizer: "Não, deve ser outro Teixeira". Seria ótimo para o futebol internacional e para a reforma da Fifa se Dilma *[Roussef]* dissesse: "Vá embora, nós não precisamos de você". Além de economizar um bom dinheiro, vocês também estariam enviando uma ótima mensagem ao mundo, de que estão reprimindo a corrupção. Da mesma forma, se o Brasil conseguisse se desvencilhar das regras da Fifa e fizesse as suas próprias, poderia nascer um novo modelo para Copas do Mundo. Sei que Teixeira tem influência política, que poderia haver alguma reação por parte da CBF. Mas o que eles podem fazer? Acabar com o futebol no Brasil? Não. Não podem fazer nada. O Brasil está repleto de gente capaz de organizar uma Copa do Mundo, vocês não precisam desse ladrão. Por que não chutá-lo do cargo? É o que Lula deveria ter feito e é o que Dilma deveria fazer.

P| Em que a proibição de participar das entrevistas coletivas da Fifa o atrapalha?

R| Em absolutamente nada, porque nada acontece nas coletivas. Eles me negaram o acesso em 2003, mas na verdade isso me ajuda. Sem querer, Blatter está mandando uma clara mensagem para seus empregados, dizendo: "Jennings é o inimigo". Isso me torna uma pessoa confiável aos olhos daqueles que trabalham na Fifa, mas estão insatisfeitos com o que acontece por lá – e os incentiva a me procurar.

> O Brasil está repleto de gente capaz de organizar uma Copa do Mundo, vocês não precisam desse ladrão. Por que não chutá-lo do cargo?

P| Qual foi seu encontro mais desagradável com Sepp Blatter?

R| Desagradável? Talvez tenha sido para ele, porque para mim é sempre divertido *[risos]*.

P| Você não corre o risco de ser maniqueísta, ao dizer que todos na Fifa são vilões?

R| Não acho. Até porque em qualquer organização, mesmo que haja pessoas desonestas, há sempre uma boa base de funcionários com valores morais, que não concordam com a forma de atuar de seus superiores. E eu sempre faço questão de dizer que o problema não é exatamente a Fifa, mas suas lideranças.

P| E a Uefa? Ela é diferente?

R| Em comparação com a Fifa, a Uefa é limpa. Assim como seu antecessor, *[Lennart]* Johansson, Platini é honesto, no sentido de que nunca se viu ligado a corrupção ou propinas. Mas ele é negligente, na medida em que não está levantando sua voz para denunciar Blatter.

P| Em todos esses anos, já te ofereceram propina? Você já sofreu algum tipo de ameaça?

R| Eu acho que eles perceberam bem rápido que eu não aceitaria propinas, e que só criariam provas contra si. E o mesmo vale para as ameaças, eles não usariam violência porque eles não saberiam controlar. Eles são bandidos amadores, não são profissionais.

P| Imagino que você já tenha cometido algum erro. Tem alguma injustiça que você se arrepende de ter cometido?

R| *[Longa pausa]* Não acho que errei com os caras maus. Não consigo me lembrar de nenhuma história que tenha escrito e depois pensado: "Eu escrevi isso?" Algumas vezes me pego pensando que, ao escrever, gostaria de saber o que eu sei agora. Não estou dizendo que nunca errei, mas não me lembro de nada de que me arrependa seriamente, ou de ter sido injusto com alguém.

P| Com tantas denúncias, você nunca foi processado por ninguém da Fifa?

R| Nunca. A justiça não costuma ser muito amigável para jornalistas, mas, se você quer me processar, terá que ir a um tribunal e responder a perguntas. Por isso Blatter prefere dizer: "Jennings escreve ficção". Por isso ele nunca irá me processar.

***ANDREW JENNINGS** é autor do livro* **Jogo Sujo**, *versão traduzida e atualizada de* **Foul!**, *lançado no Brasil pela Panda Books*

EDITORA
Abril

Triste melodia

GERALDO ASSOBIADOR ERA UM DOS DESTAQUES DO FLAMENGO AO LADO DO AMIGÃO ZICO. MAS TEVE A TRAJETÓRIA INTERROMPIDA DE FORMA TRÁGICA

POR DAGOMIR MARQUEZI

Oito e meia da manhã de 26 de agosto de 1976. Dois homens estão no corredor do hospital carioca RioCor. Um deles é Geraldo Assobiador, camisa 8 do Flamengo. Ele tem 22 anos e está lá para uma operação das amídalas. Ao seu lado está o acompanhante Serginho, massagista do rubro-negro. Geraldo não quer operar, mas o massagista o convence de que é melhor resolver aquilo de uma vez. Um jovem médico aparece para dizer que o cirurgião-chefe não pode comparecer, mas a cirurgia é simples e sua equipe vai dar conta do recado. Contra sua vontade, Geraldo o acompanha à sala de cirurgia. Dez minutos se passam até uma enfermeira sair às pressas gritando: "Ressuscitador!".

Geraldo Cleofas Dias Alves nasceu em 16 de abril de 1954 em Barão de Cocais (MG). Tomava banho de rio e, quando comungava, o padre deixava que ele jogasse bola no campinho da igreja. O garotão cresceu até 1,78 metro, usava uma cabeleira afro e andava com a camisa aberta mostrando a medalha de Nossa Senhora. Tinha muito jeito com a bola e foi ao Rio de Janeiro tentar a sorte. Nos juvenis do Flamengo, conheceu um menino chamado Arthur Antunes Coimbra. Amizade instantânea, dentro e fora do campo. Em 1972, Zico já estava no time titular. Geraldo demorou um pouco mais. Era talentoso, mas irregular. Em 1973 teve a primeira chance, e no ano seguinte já se mostrava um jogador de futebol leve, divertido e prazeroso. Quando terminava suas jogadas mais desconcertantes, corria pelo campo assobiando. Daí o apelido. Logo foi convocado pelo técnico Oswaldo Brandão para disputar a Copa América de 1975 pela seleção. Em 1976, estava cada vez melhor em campo e parecia nome certo para a Copa de 1978. Pela seleção, perdeu uma partida e ganhou seis – duas delas contra a Argentina. Tornou-se campeão da Taça do Atlântico ao lado do amigão Zico. Pelo Mengão, a última presença aconteceu numa vitória contra o Olaria por 3 x 0 em julho de 1976, quando marcou um dos gols. O time seguiu para o Ceará. Ele ficou no Rio para operar as amídalas.

Geraldo: craque do Fla nos anos 70

Geraldo entrou na sala de cirurgia, deitou-se e tomou uma aplicação de xilocaína. As amídalas foram retiradas. E Geraldo parou de respirar. Reação alérgica, choque anafilático, parada cardíaca. Com choques no coração, Geraldo voltou à vida por alguns minutos. Mas o coração parou de novo. Às 10 da manhã foi declarado o óbito. Serginho, o massagista, saiu do hospital com uma horrível sensação de culpa. Mas a história de Geraldo teve epílogo à sua altura no mesmo Maracanã que o consagrou. Em outubro de 1976, disputou-se uma taça com seu nome. O Flamengo (de Cantareli, Rondinelli, Junior e Zico) contra a seleção brasileira (de Pelé, Carlos Alberto Torres, Clodoaldo, Rivelino). A torcida exigiu a vitória como homenagem ao Assobiador. E o esquadrão de Zico e companhia ganhou por 2 x 0.

QRX
QUATRO RODAS
EXPERIENCE 2011
A SUA CHANCE DE DIRIGIR EM UMA DAS MAIS FAMOSAS PISTAS DE AUTOMOBILISMO DO MUNDO
•Test-drive On Road na pista de Interlagos
•Test-drive Off Road em circuito de aventura
•Além de diversas atrações para toda a família
7, 10 E 11 DE SETEMBRO
No autódromo de Interlagos em São Paulo
Ingressos e mais informações em www.quatrorodas.com.br/qrx
Realização QUATRO RODAS Abril MÍDIA
Produção samba.pro
Patrocínio NISSAN

www.kildare.com.br
PARA TODOS
SEUS EU'S.
KILDARE
Invente seu caminho.